

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Faculdade de Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação



Tese

Apropriação de professores-leitores do impresso *O Amigo das Crianças* utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990)

Marcio Nilander Avila Barreto

Pelotas, 2023

Marcio Nilander Avila Barreto

**Apropriação de professores-leitores do impresso *O Amigo das Crianças*
utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-
1990)**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Educação.

Orientador: Prof.^a Dra. Patrícia Weiduschadt

Co-Orientador (es): Prof.^a Dra. Vania Grim Thies

Pelotas, 2023

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B273a Barreto, Marcio Nilander Avila

Apropriação de professores-leitores do impresso O Amigo das Crianças utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990) / Marcio Nilander Avila Barreto ; Patrícia Weiduschadt, orientadora ; Vania Grim Thies, coorientadora. — Pelotas, 2023.

197 f. : il.

Tese (Doutorado) — Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, 2023.

1. História da educação. 2. O Amigo das Crianças. 3. Escolas dominicais. 4. Luteranismo. 5. Apropriação. I. Weiduschadt, Patrícia, orient. II. Thies, Vania Grim, coorient. III. Título.

CDD : 370.9

Marcio Nilander Ávila Barreto

Apropriação de professores-leitores do impresso *O Amigo das Crianças* utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990)

Tese aprovada, como requisito parcial, para obtenção do grau de Doutor em Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas.

Data da Defesa: 25 de julho de 2023.

Banca examinadora:

Prof.^a Dra. Patrícia Weiduschadt (Orientador)

Doutora em Educação pela Unisinos

Prof.^a Dra. Vania Grim Thies (Co-Orientador)

Doutora em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof.^a Dra. Giana Lange do Amaral

Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Fernando Cezar Ripe da Cruz

Doutor em Educação pela Universidade Federal de Pelotas

Prof.^a Dra. Luciane Sgarbi Santos Grazziotin

Doutora em Educação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. José Edimar de Souza

Doutor em Educação pela Unisinos

Dedico este trabalho a Elen Cristina Ferreira Barreto, minha esposa, e a Camile Ferreira Barreto, minha filha. Agradeço por toda a dedicação e apoio durante essa longa caminhada acadêmica, por estar sempre por perto nos principais momentos e pelo apoio incondicional neste período de pesquisa. Muito obrigado! Amo vocês.

Agradecimentos

Acredito que uma longa caminhada não pode ser iniciada e finalizada se não tivermos ao nosso lado um precioso tesouro que nos auxilia nessa empreitada: pessoas. Sempre fui agraciado pela presença de amigos. Sempre cultivei amizades. Talvez essa seja a minha maior *expertise*. Sendo assim, neste momento se faz necessário agradecer por todo o carinho que recebi de algumas pessoas em especial.

A Deus, por colocar no meu caminho tantas pessoas maravilhosas que contribuíram de uma forma ou de outra na minha trajetória. Acredito que nada é por acaso. Minha fé me impulsiona a crer.

A minha família, em especial meu pai, José Nilander Silveira Barreto e minha mãe, Dilva Reni Avila Barreto, que, mesmo passando por momentos de grande dificuldade, conseguiram estar próximos de mim durante o período em que eu estava longe deles. Quem foi que disse que para estar junto precisa estar perto? Sempre estivemos bem perto uns dos outros!

Com carinho especial, à dupla de orientadoras com as quais tive a enorme satisfação em dividir esses últimos quatro anos: Patrícia Weiduschadt e Vania Grim Thies. Pessoas incríveis. Professoras incríveis. Descrevi nessa ordem porque acredito que descobri o segredo de tamanha dedicação e profissionalismo: antes de ser professoras, elas são Patrícia e Vania. E isso faz toda a diferença! Não tenho como agradecer vocês por tudo o que fizeram. Muito obrigado!

Aos professores que fizeram parte da banca desde a qualificação até a defesa, as contribuições foram determinantes na definição dos rumos que esta pesquisa tomaria. As indicações de leituras, as propostas apresentadas e todo o suporte que vocês trouxeram para que este trabalho pudesse ser concluído é visível. Muito obrigado pelas inúmeras intenções que vocês demonstraram em me auxiliar nesse percurso.

Aos meus colegas de orientação, pessoas que estavam e estão nesse mesmo barco. As mesmas dificuldades. As mesmas angústias. As mesmas alegrias. Somos iguais! E o que nos move é a nossa capacidade de dar as mãos, auxiliar e andarmos juntos. As discussões em sala de aula, os textos compartilhados, as leituras avaliativas que sempre realizamos em grupo mostraram o grau de engajamento que esse grupo possui. A intenção sempre foi auxiliar em alguma coisa. Por isso, o grupo

cresce, fortalece e as conquistas surgem gradativamente. Muito obrigado a todos vocês!

Dentro desse grupo de orientandos quero agradecer em especial duas pessoas muito próximas de mim: Karen e Elias. Esta dupla representa uma compilação daquilo que todo o aluno deve observar se tiver como meta alcançar seus objetivos: foco, resistência, resiliência, organização e muita força de vontade! Vocês são demais! Obrigado por toda a ajuda e companheirismo!

Ao grupo de pesquisa CEIHE. Não consigo imaginar a conclusão desta tese se não contasse com este grupo me auxiliando. Foi determinante estar próximo a vocês. É muito bom estar próximo de vocês. As contribuições foram tantas que não consigo aqui denominar ou destacar algumas delas. Muito obrigado por tudo!

Aos professores que fazem parte do grupo de pesquisa CEIHE. São verdadeiros amigos que conseguem uma hora na agenda tumultuada e se dispõem a auxiliar um grande grupo de alunos. Obrigado pela minha acolhida no grupo. Obrigado por me receberem sempre com uma palavra de carinho, desde o primeiro dia em que fui apresentado ao grupo. Não vou esquecer disso!

Agradeço ao PPGE/FaE e, por consequência, a própria UFPel por proporcionar que os meus sonhos de um dia ingressar em um curso de graduação nesta instituição de ensino, hoje, esteja culminado em um período de doutorado e na elaboração de uma tese de doutorado! Quem imaginaria isso? Quem sonharia com essa conquista? Triste é quem não sonha ... muito obrigado, UFPel!

De maneira mais ampla, agradeço a todas as pessoas que se envolveram de alguma forma na minha trajetória e que contribuíram para que esta conquista pudesse ser realizada. Até hoje o que mais aprendi na vida é agradecer! Por isso vou continuar agradecendo a vida! Muito obrigado!

*Por tudo o que tens feito, por tudo que vais fazer, por Tuas
promessas e tudo que És, eu quero Te agradecer, com todo o
meu ser! Te agradeço, meu Senhor!*

*Mas, a todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem
feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome;
João 1:12*

Resumo

BARRETO, Marcio Nilander Ávila. **Apropriação de professores-leitores do impresso *O Amigo das Crianças* utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990)** Orientadora: Patrícia Weiduschadt. 2023. 197 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2023.

Esta pesquisa apresenta como objeto central o impresso denominado *O Amigo das Crianças*. Desde 1937, data de sua primeira publicação, foi editado e produzido pelo Sínodo Rio-Grandense, que em 1968 foi reconhecido como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). O público-alvo do periódico são as crianças que frequentavam ou ainda frequentam as aulas nas escolas dominicais. O impresso contém, dentre suas propostas pedagógicas, objetivos educacionais definidos e alinhados à perspectiva doutrinária presente nas demais produções editoriais vinculadas à instituição IECLB. Atualmente, com 86 anos de existência, o periódico perpassou várias fases e se adequou a distintos contextos históricos e sociais da realidade brasileira. Para a pesquisa, estabeleceu-se o recorte temporal entre 1960, ano inicial das atividades das Escolas Dominicais nas comunidades luteranas na região de Pelotas/RS; e 1990, data que demarca a diminuição do uso da revista. Compreendeu-se também que a linha editorial atuou na busca de fidelizar seu público-alvo junto a esse contexto em específico, na continuidade da formação religiosa das crianças. Ao realizar as entrevistas com um grupo formado por sete professores, indivíduos que atuaram nas escolas dominicais no recorte estabelecido, surgiram relatos que fomentaram e subsidiaram a reflexão acerca de questões elencadas nesta análise acadêmica. Esse procedimento metodológico aproximou a pesquisa da memória de sujeitos que atuaram nas escolas dominicais e nesses espaços utilizaram o periódico. Nesse sentido, optou-se pelo aporte teórico de Portelli (2016) no que se refere ao tratamento da história oral. Para as discussões frente aos conceitos de memória individual e coletiva utilizou-se Bosi (1994) e Halbwachs (1990). Nesse percurso emergiram dados que foram discutidos com base nas reflexões de Chartier (1988) quanto aos conceitos de apropriação e materialidade. Para a intencionalidade dos conteúdos presentes no impresso, elencou-se Chartier (1996) e Certeau (2008) com dois conceitos: o primeiro, denominado como estratégia e o segundo como tática. Destaca-se que o impresso alcança um largo período de existência por conta de sua proposta editorial com diversas estratégias que privilegiam o uso de conteúdos religiosos e de caráter doutrinário. Nos relatos dos entrevistados emergiram o uso de táticas realizadas pelos leitores-professores, que ao se apropriarem dos conteúdos, adaptaram as propostas editoriais do periódico. Ainda assim, notou-se que é efetiva a proposta institucional em fomentar a “continuidade e formação de um público fiel” por meio dos temas presentes nas leituras dos impressos.

Palavras-chave: História da Educação. *O Amigo das Crianças*. Escolas Dominicais. Luteranismo. Apropriação.

Abstract

BARRETO, Marcio Nilander Avila. **Appropriation of teacher-readers of the printed material *O Amigo das Crianças* used in Sunday schools in the Lutheran context in Pelotas/RS (1960-1990)**. Advisor: Patrícia Weiduschadt. 2023. 197 f. Thesis (Doctorate in Education) – Faculty of Education, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2023.

This research presents as its central object the printed material called The Children's Friend. Since 1937, the date of its first publication, it has been edited and produced by the Rio-Grandense Synod, which in 1968 was recognized as the Evangelical Church of Lutheran Confession in Brazil (IECLB). The target audience for the periodical is children who attended or still attend Sunday school classes. The printed material contains, among its pedagogical proposals, educational objectives defined and aligned with the doctrinal perspective present in other editorial productions linked to the IECLB institution. Currently, with 86 years of existence, the periodical has gone through several phases and adapted to different historical and social contexts of the Brazilian reality. For the research, the time frame was established between 1960, the initial year of Sunday School activities in Lutheran communities in the region of Pelotas/RS; and 1990, the date that marks the decline in the magazine's use. It was also understood that the editorial line worked to retain its target audience in this specific context, in the continuity of the children's religious formation. When conducting interviews with a group made up of seven teachers, individuals who worked in Sunday schools within the established scope, reports emerged that encouraged and supported reflection on the issues listed in this academic analysis. This methodological procedure brought the research closer to the memory of subjects who worked in Sunday schools and used the periodical in these spaces. In this sense, we opted for the theoretical contribution of Portelli (2016) regarding the treatment of oral history. For discussions regarding the concepts of individual and collective memory, Bosi (1994) and Halbwachs (1990) were used. Along this path, data emerged that were discussed based on Chartier's (1988) reflections regarding the concepts of appropriation and materiality. For the intentionality of the content present in the printed matter, Chartier (1996) and Certeau (2008) were listed with two concepts: the first, called strategy and the second as tactics. It is noteworthy that the printed matter has had a long period of existence due to its editorial proposal with various strategies that favor the use of religious and doctrinal content. In the interviewees' reports, the use of tactics carried out by teacher-readers emerged, who, when appropriating the contents, adapted the journal's editorial proposals. Even so, it was noted that the institutional proposal is effective in fostering "continuity and formation of a loyal public" through the themes present in the readings of the printed materials.

Keywords: History of Education. The Children's Friend. Sunday Schools. Lutheranism. Appropriation.

Lista de figuras

Figura 1	Revista <i>Evangelischer Kinderfreund</i> , fev. 1937.....	62
Figura 2	Revista <i>Evangelischer Kinderfreund</i> , mar. 1940.....	63
Figura 3	Revista O Amigo das Crianças, fev. 1954.....	65
Figura 4	Revista O Amigo das Crianças, abr. 1966.....	66
Figura 5	Revista O Amigo das Crianças, set. 1968.....	67
Figura 6	Revista O Amigo das Crianças, abr. 1972.....	68
Figura 7	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1977.....	69
Figura 8	Revista O Amigo das Crianças, jan. 1983.....	70
Figura 9	Revista O Amigo das Crianças, jan. 1985.....	71
Figura 10	Calendário do ano litúrgico.....	72
Figura 11	Apresentação do calendário do ano litúrgico.....	73
Figura 12	Revista O Amigo das Crianças, jan. 1992.....	74
Figura 13	Revista O Amigo das Crianças, fev. 1992.....	75
Figura 14	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1992.....	76
Figura 15	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1992.....	77
Figura 16	Revista O Amigo das Crianças, jun. 1996.....	78
Figura 17	Revista O Amigo das Crianças, ago. 1996.....	78
Figura 18	Revista O Amigo das Crianças, jan. 1998.....	79
Figura 19	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1998.....	80
Figura 20	Revista O Amigo das Crianças, jan./fev. 2018.....	82
Figura 21	Revista O Amigo das Crianças, jan./fev. 2023.....	83
Figura 22	Mapa dos bairros da cidade de Pelotas/RS.....	92
Figura 23	Mapa da região de Pelotas/RS.....	103
Figura 24	Revista O Amigo das Crianças, dez. 1965.....	104
Figura 25	Revista O Amigo das Crianças, maio. 1966.....	106
Figura 26	Revista O Amigo das Crianças, fev. 1973.....	111
Figura 27	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1970.....	117
Figura 28	Revista O Amigo das Crianças, jan. 1966.....	120
Figura 29	Revista O Amigo das Crianças, set. 1969.....	122
Figura 30	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1986.....	124
Figura 31	Revista O Amigo das Crianças, dez. 1968.....	130
Figura 32	Revista O Amigo das Crianças, nov. 1986.....	133
Figura 33	Revista O Amigo das Crianças, nov. 1986.....	134
Figura 34	Revista O Amigo das Crianças, maio 1968.....	136
Figura 35	Revista O Amigo das Crianças, mar. 1983.....	146
Figura 36	Revista O Amigo das Crianças, fev. 1987.....	158
Figura 37	Revista O Amigo das Crianças, nov. 1986.....	159
Figura 38	Excerto da revista O Amigo das Crianças, fev. 1986.....	173

Lista de tabelas

Tabela 1	Exemplares do impresso – Acervo Hisales.....	34
Tabela 2	Exemplares do impresso – Arquivo G. B. M.....	35
Tabela 3	Cenário da imigração alemã no RS – Primeiros 50 anos.....	39
Tabela 4	Grupo de professores da Escola Dominical.....	91
Tabela 5	Comunidade onde atuaram e sua localização.....	91

Lista de abreviaturas e siglas

CEIHE	Centro de Estudos e Investigações em História da Educação
EST	Escola Superior de Teologia
FAE	Faculdade de Educação
FATEV	Faculdade de Teologia Evangélica
HISALES	História da Alfabetização dos Livros Escolares
ICH	Instituto de Ciências Humanas
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELI	Igreja Evangélica Luterana Independente
PPGE	Programa de Pós-graduação em Educação

Sumário

1 Introdução.....	14
1.1 Apresentação dos capítulos.....	19
2 Referencial teórico e metodológico.....	21
2.1 Aporte teórico.....	21
2.2 Aporte metodológico.....	29
2.2.1 Sobre as entrevistas e os sujeitos participantes.....	31
3 Contexto da imigração alemã: a formação da IECLB.....	39
3.1 A vida religiosa: os primeiros imigrantes alemães evangélicos no Brasil.....	43
3.2 Sínodo Rio-Grandense: a origem da IECLB.....	46
3.3 Igreja, escolas comunitárias, escolas sinodais e escola dominical: histórico de uma prática vinculada ao luteranismo.....	48
3.4 Contexto de formação das escolas sinodais.....	51
3.5 A formação das Escolas Dominicais.....	58
4 O Impresso O Amigo das Crianças.....	62
5 Os professores da Escola Dominical.....	88
5.1 As narrativas dos professores da Escola Dominical.....	93
5.1.1 Docência na área rural da cidade de Pelotas/RS no Culto Infantil/Escola Dominical: anos 1960 a 1972.....	98
5.1.2 Docência no centro urbano: Culto Infantil/Escola Dominical entre os anos de 1960 e 1975 na cidade de Pelotas.....	109
5.1.3 De leitora a coordenadora nacional do impresso.....	127
5.1.4 Docência e gestão: coordenação da Escola Dominical.....	142
5.1.5 Pai, mãe e filha: família, docência e música na Escola Dominical....	152
5.1.6 Docência em duas Escolas Dominicais.....	164
6 Considerações finais.....	179
Referências.....	184
Apêndices.....	190

1 Introdução

Esta tese tem por finalidade investigar o impresso denominado *O Amigo das Crianças*, publicado pela primeira vez em 1937, estendendo-se sua produção e circulação desde então. De todo o vasto histórico, o período específico a ser aqui analisado, compreende o recorte das décadas entre 1960, ano inicial das atividades das Escolas Dominicais nas comunidades luteranas da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB), na região de Pelotas/RS, e 1990, data que registra o decréscimo do uso da revista nas Escolas Dominicais.

Pretende-se, nesta abordagem, relacioná-lo a questões pontuais que podem ser destacadas e voltadas para o local em que a utilização do impresso ocorre com maior frequência: o âmbito das Escolas Dominicais¹. Alocadas nas dependências das IECLB.

Nesta discussão, defende-se a tese de que os leitores/professores se apropriaram dos temas, planejavam e realizavam atividades que ampliaram o próprio uso do impresso como material didático. Nesse sentido, percebe-se que a formação acadêmica dos professores influencia diretamente nesse processo.

Defende-se, ainda, a originalidade deste estudo, visto que, a análise do periódico *O Amigo das Crianças* é singular em produções acadêmicas. Buscas realizadas em repositórios evidenciaram, que, até o momento, não foram encontradas ou registradas pesquisas dedicadas à problematização direta desse impresso como fonte e objeto de um determinado estudo.

A pesquisa busca dar ênfase na observação do impresso. Desse ato emergem os apontamentos, os questionamentos, a discussão teórica, assim como a obtenção dos dados levantados que servem para fomentar as reflexões elencadas acerca de seu uso. A partir dessa condição, foi tomada a decisão de analisá-lo sob duas perspectivas, seus leitores e a editora, bem como evidenciar pontos específicos da questão relacional entre ambos. Por isso, além da observação do impresso, foram realizadas entrevistas com os professores da escola dominical, que também foram leitores do periódico.

¹Neste trabalho, ao referenciar à Escola Dominical ou Escolas Dominicais, optou-se pelo uso das iniciais em letra maiúscula por conta do relevante destaque que esses espaços ocupam no contexto da discussão aqui pretendida.

O projeto de aprofundar os estudos sobre essa temática sempre foi tratado como algo presente em minha trajetória no luteranismo, viés religioso ao qual faço parte desde 1991. De forma individual e não vinculada a instituições acadêmicas, sempre cultivei apreço por temas que englobam as questões da imigração alemã, luteranismo e ensino-aprendizagem. De uma forma ou de outra, eles estiveram e estão próximos do meu cotidiano desde então.

De certa maneira, durante o período de minha graduação em Pedagogia (2014-2018), realizada na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), procurei destinar um olhar mais atencioso para as questões que tratavam do assunto ensino-aprendizagem desenvolvidas em locais ou localidades específicas. E esse movimento ficaria mais evidenciado no decorrer de meus estudos em um período bem próximo à conclusão do curso de licenciatura em Pedagogia.

Em minha dissertação de mestrado, finalizada em 2016, pesquisei sobre o cenário que trata da discussão entre os conceitos de educação formal e educação não formal. Um projeto de educação complementar ofertado por uma igreja luterana vinculada à IECLB foi o local escolhido para a realização das pesquisas de campo.

Naquele momento, minha pesquisa estava voltada à compreensão de como se dava o pertencimento dos alunos aos locais de ensino aos quais eles frequentavam: escola formal e educação complementar (projeto de educação IECLB). A partir dessa abordagem, o desejo de pesquisar a temática luteranismo/educação com mais profundidade ganha ênfase em minha trajetória acadêmica.

No ano de 2018, iniciei como participante no grupo de pesquisa do Centro de Estudos e Investigações em História da Educação (CEIHE), na Faculdade de Educação (FaE), da UFPel, onde entro em contato direto com integrantes do CEIHE e demais pesquisadores que voltam seus estudos para alguns temas que possuem proximidade com os quais havia elencado como prioridade para os meus estudos.

Ingressar em um grupo de pesquisa que se volta para a observação de temas e contextos vinculados ao campo da História da Educação enriqueceu e ampliou o desejo de atuar nessa área. Esse fato impulsionou, de maneira decisiva, na minha perspectiva de aprofundar as pesquisas sobre a IECLB e o seu caráter educacional, ao qual, historicamente, o luteranismo possui notória vinculação.

Dessa forma, meus estudos estão imbricados junto às questões da imigração alemã, luteranismo e cenário educacional. Assim, a pesquisa encontra-se vinculada

ao caminho que foi, no passado, planejado e trilhado justamente com a perspectiva de realizar análises acadêmicas que tratam dos assuntos desse campo de estudos.

Com esse planejamento acadêmico, como agente norteador, compreendem-se as reais motivações e aproximações que remetem à escolha pelo cenário dessa tese que se propõe a analisar o impresso denominado *O Amigo das Crianças*, produzido por uma instituição religiosa, de cunho luterano; mantém ligações diretas ao contexto da imigração alemã; por fim, é possuidor de atributos que privilegiam o estudo dos processos de ensino-aprendizagem.

O vínculo com o cenário educacional, conforme apontado por Dreher (2014), é um traço identificável no luteranismo, por consequência, pode ser também observado em determinadas ações da IECLB. Uma delas é a produção de periódicos, impressos ou revistas destinadas a nichos específicos e a faixas etárias distintas.

Ainda assim, em sua maioria, o público leitor de tais impressos, geralmente, frequenta os espaços pertencentes a essa instituição. Essa mesma abordagem pode ser observada nas obras de Weiduschadt (2007; 2012), nas quais a relação entre os impressos vinculados a uma instituição luterana e seus leitores específicos também foram alvo de suas pesquisas.

Quanto aos estudos voltados para os impressos, Almeida e Bastos (2021, p. 44) indicam que “[...] a imprensa periódica e, especialmente, a imprensa de educação e ensino têm sido amplamente utilizadas como documento para a construção da história do país e da história da educação”.

Logo, voltar-se para análises acerca dessas produções pode auxiliar na compreensão das práticas que foram sendo desenvolvidas tanto pelos leitores quanto pela equipe editorial. Permite, igualmente, que sejam discutidas as questões que perpassam pelos projetos educacionais arquitetados pela instituição através do uso de impressos e o modo como foram observados por seus leitores.

Desse modo, a afirmação de Bastos (2002) aponta que materiais impressos reúnem atributos e podem assim ser considerados um instrumento privilegiado de pesquisa para a construção do conhecimento em história da educação. Este aporte teórico, com certeza, ajuda a construir as bases e a impulsionar o desenvolvimento desta análise investigativa.

Nesse sentido, esta tese se propõe a analisar o contexto do impresso *O Amigo das Crianças*, observando-o no período histórico de 1960 a 1990, discutindo os

seguintes conceitos: *Apropriação* dos conteúdos por parte dos leitores; *Materialidade* atuando junto ao processo de apropriação; *Intencionalidade dos conteúdos* a partir da ótica editorial, destacando, assim, a discussão acerca dos conceitos de *tática* observada como as ações de resistência dos leitores e de *estratégia* voltada para a esfera editorial do impresso.

Como a análise está voltada para a imbricação entre textos e leitores, a pesquisa apoia-se também em dois conceitos: *Estratégias* que podem ser identificáveis a partir das ações editoriais quanto às escolhas dos conteúdos do impresso; *Táticas* que podem demonstrar como os leitores as utilizaram (ou não) para distanciar-se das possíveis estratégias editoriais.

A pesquisa utiliza, ainda, da *História Oral*, optou-se pelo aporte teórico de Portelli (2016). Frente às discussões quanto aos conceitos de memória individual e coletiva utiliza-se Bosi (1994) e Halbwachs (1990). Este procedimento metodológico aproximou a investigação acadêmica da memória de sujeitos que atuaram nas Escolas Dominicais.

Realizou-se entrevistas com um grupo formado por indivíduos que atuaram nas Escolas Dominicais no recorte estabelecido. Trata-se de seis professoras e um professor. O conteúdo de seus relatos fomentou e subsidiou as reflexões acerca de questões elencadas nesta análise acadêmica.

A relevância em analisar-se, por meio da observação de um impresso, o contexto de um grupo em específico, em um determinado período, pode estar atrelada à possibilidade de compreendermos uma parte significativa do histórico das práticas desse mesmo grupo.

Dessa maneira, esta tese busca encontrar respostas para a seguinte questão: *Como a leitura do impresso O Amigo das Crianças atuou no processo de apropriação dos leitores-professores nas Escolas Dominicais?*

Em decorrência deste questionamento, apresenta-se o seguinte objetivo geral: *Analisar como se deu o processo de apropriação dos leitores do impresso, identificando proximidades ou distanciamentos frente às estratégias editorialmente propostas.*

A seguir, são apresentados os objetivos específicos que demonstram como esta investigação planeja realizar a ligação entre os conceitos elencados e a parte empírica da pesquisa, respeitando a seguinte sequência:

1. Identificar como os professores utilizavam o impresso na Escola Dominical, destacando de que forma eram preparados e trabalhados os temas neste espaço.
2. Destacar a materialidade do impresso, apontar qual a finalidade dos conteúdos propostos pela equipe editorial do periódico e questionar de que maneira eles foram repassados aos alunos da Escola Dominical.
3. Com base nos conceitos de estratégia e tática, averiguar se, respeitadas as duas etapas anteriores, efetivamente ao apropriarem-se dos textos, dando sentido às suas leituras, os leitores utilizaram alguma tática para desviar-se da intencionalidade dos conteúdos ou se os seguiram conforme as pretensões contidas nas estratégias editoriais.

A partir das questões norteadoras anteriormente descritas, justifica-se a relevância em analisar esse impresso, ainda que sua distribuição e utilização esteja voltada para as comunidades evangélicas luteranas da IECLB. Fontes impressas como, livros, relatórios, revistas, jornais, periódicos, almanaques, formam um conjunto sólido para análises no campo da História da Educação. Amaral (2003) os denomina como “preciosos auxiliares” na contextualização de uma investigação acadêmica.

Neste mesmo sentido, Bastos (2002), argumenta que difundir conhecimento ao público leitor é um dos grandes serviços que a imprensa periódica pode fazer. Logo, a investigação de um impresso pode ser considerada uma ação revestida de validade e utilidade, pois as discussões propostas em seu percurso, não se esgotam, necessariamente, neste ambiente em específico.

Através dessa iniciativa de observação, é possível compreender um pouco mais sobre uma cultura que se volta para as questões educacionais que ocorrem em um determinado espaço religioso. Além disso, destacar a importância que o luteranismo historicamente atribui para a prática que une igreja/escola, ensino/aprendizagem, também amplia os limites das reflexões aqui destacadas.

Pelo conteúdo exposto, acredita-se haver uma motivação latente, que está apoiada no planejamento que sustenta a ideia de construção desta tese. Da mesma forma pode ser observado o objeto a ser estudado, pois demonstra, claramente, possuir características e atributos que lhe conferem a condição de ser elencado como fonte e objeto de um estudo acadêmico.

Quanto ao referencial teórico metodológico, cabe ressaltar que essa proposta tem como foco a realização de uma análise histórica acerca de um impresso. Nesse sentido, para executar esta tarefa, se fez uso de aportes que contribuíram nesta construção. No caso desta pesquisa eles são advindos dos seguintes referenciais teóricos e metodológicos: quanto ao viés da História Cultural, buscou-se apoio em Darnton (1990) e Burke (2008); conforme respaldo de Luca (2008), a pesquisa procura tratar o impresso como fonte e objeto nesta discussão; para nortear o trabalho quanto à realização da análise documental, Cellard (2008) e Corsetti (2006); em relação aos conceitos de apropriação e materialidade, a pesquisa reporta-se a Chartier (1988; 2010; 2011; 2014); as discussões que circundam as questões editoriais buscam apoio em Chartier (2010; 2011; 2014); quanto ao campo das estratégias editoriais, e, acerca das táticas utilizadas pelos leitores, este estudo encontra-se referenciado em Certeau (2008).

Acredita-se que exista estreita ligação entre os teóricos anteriormente mencionados em relação à temática na qual está voltada esta pesquisa. Os estudos e pesquisas realizadas pelos autores aqui destacados remetem-se diretamente ao proposto por esta investigação acadêmica. Para a análise do impresso *O Amigo das Crianças* esses referenciais possuem potencial para contribuir na busca de uma adequada condução teórica e metodológica visando um satisfatório desenvolvimento deste trabalho.

1.1 Apresentação dos capítulos

No primeiro capítulo é abordada a trajetória do pesquisador e seu percurso formativo acadêmico, evidenciando as aproximações com a temática a qual a tese se propõe a analisar. Apresenta-se no capítulo a fonte e o objeto da pesquisa, bem como são abordados, com brevidade, os principais referenciais teóricos e metodológicos que nela serão utilizados. Igualmente, são apresentadas as questões centrais que nortearam a construção da tese.

O segundo capítulo trata do referencial teórico. Nele são apresentados os autores e discutidas as suas respectivas produções que ofereceram consistente suporte na elaboração de cada uma das etapas planejadas no percurso. O mesmo pode ser referido quanto às contribuições advindas de referenciais metodológicos

escolhidos para compor as discussões aqui propostas. O capítulo, em seu encerramento, destaca as entrevistas e os sujeitos participantes, leitores-professores, que atuaram nas Escolas Dominicais no recorte temporal abordado neste trabalho.

O terceiro capítulo está voltado para a contextualização histórica da imigração alemã em território brasileiro. Esse é o cenário ao qual o impresso *O Amigo das Crianças* está vinculado. Neste capítulo são discutidas questões que marcaram as construções sociais, políticas e religiosas dos primeiros imigrantes alemães no Brasil. Apresenta-se, neste capítulo, como se deu a criação do Sínodo Rio-Grandense, atual IECLB. É apontada a aproximação entre imigração alemã e o cenário educacional, que pode ser evidenciada por meio da criação das escolas comunitárias, sinodais e dominicais.

No quarto capítulo é destacado o impresso *O Amigo das Crianças*. Ao elencá-lo como fonte e objeto desta pesquisa, procura-se apresentar o histórico e a trajetória deste periódico ao longo dos anos. Aborda-se as mais significativas modificações pelas quais o impresso passou, demonstrando suas diferentes formatações em períodos históricos distintos. O capítulo encerra com a apresentação de um breve histórico entre a imbricada relação existente entre os impressos e o campo de estudos vinculados à História da Educação.

No quinto capítulo estão destacadas as narrativas do grupo formado pelos sujeitos participantes desta pesquisa: os leitores-professores da escola dominical. São apontados seus históricos e suas relações com o contexto religioso em questão. Aprofunda-se, a partir das narrativas, a observação e a análise na busca para compreender como se davam os planejamentos de aula, os suportes didáticos utilizados e as atuações de cada professor em sala de aula.

No encerramento deste trabalho, por meio das considerações finais, são retomadas as etapas resultantes no total do conjunto formado pelos dados pesquisados. O somatório de todos esses elementos pôde, assim, oferecer suporte para a compreensão dos questionamentos e das problematizações que neste percurso emergiram e que, com o auxílio dos elementos teóricos, busca-se encontrar as devidas respostas para as indagações aqui destacadas.

2 Referencial teórico e metodológico

Neste capítulo a pesquisa passa a apresentar e discutir as bases teóricas e metodológicas, efetivos direcionadores deste percurso, dando ênfase a observação de determinados conceitos e definições. Essa ação visa auxiliar no estreitamento dos diálogos entre a teoria, os processos metodológicos e a aplicabilidade no uso das relações advindas dessa aproximação.

2.1 Aporte teórico

Quanto ao referencial teórico, a temática da pesquisa foi um decisivo balizador das escolhas listadas. Vale sublinhar que todas elas circulam em torno do tema central e dos questionamentos que envolvem as aproximações entre: impressos, leitores e leituras.

Se para Chartier (1988) a leitura pode ser compreendida como uma prática cultural, então os leitores podem ser considerados protagonistas nessa ação. Logo, o entorno da investigação de um impresso também pode instigar a reflexão e a problematização acerca do conceito de apropriação.

Para o autor, a apropriação deve ser observada como um processo que atua diretamente na construção de sentidos do texto que é lido. Esse movimento possibilita que seus estudos alcancem amplitude e logrem êxito nas análises de diferentes recortes temporais. Estejam voltados para os leitores da idade média, assim como para os que fazem parte da era moderna e tecnológica. A busca de Chartier (1988), está voltada para investigar o que ocorre no ato da aproximação entre leitor e texto (e os variados suportes de leitura) ao longo de determinados períodos históricos.

O autor aponta, ainda, ser dessa relação que surgem, em suas pesquisas, entre outros, seus questionamentos acerca das escolhas realizadas pelos leitores, tais como: por que gostar de determinadas obras? Como são ou eram lidas? Que impacto determinada leitura causa no leitor que o faz retornar a textos semelhantes ao que lhe impactou?

Todas essas questões denotam a existência de uma experiência individual na qual os leitores optaram, de uma forma ou de outra, por um modelo de texto que traga

sentido à sua leitura. Surge assim, dentro desse processo individual, uma ligação que une leitura e leitor em uma só identidade. O autor destaca ainda:

Sempre, as formas do escrito ou as competências culturais dos leitores estreitam os limites da compreensão. Mas, sempre igualmente, a apropriação é criadora, produção de uma diferença, proposta de um sentido possível, porém inesperado (CHARTIER, 2010, p. 25).

E, referindo-se diretamente aos modos de ler, quanto às práticas de leitura, Chartier (1988, p. 24), enfatiza que:

[...] interesse manifestado pelo processo por intermédio do qual é historicamente produzido um sentido e diferenciadamente construída uma significação. No ponto de articulação entre o mundo do texto e o mundo do sujeito coloca-se necessariamente uma teoria da leitura capaz de compreender a apropriação dos discursos, isto é, a maneira como estes afectam o leitor e o conduzem a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo (CHARTIER, 1988, p. 24).

Para Chartier (1988), nesse cruzamento está localizado o processo de apropriação, por ser no ato da leitura que o leitor produz suas interpretações acerca do que um determinado texto se propõe a oferecer. Chartier (2011) acrescenta que é necessário, igualmente, compreender que, nesse movimento, o leitor faz uso de suas concepções sociais, anteriormente construídas, o que influencia diretamente na interpretação daquilo que está sendo lido. Por isso, o autor propõe a seguinte reflexão:

A apropriação, tal como a entendemos, tem por objetivo uma história social das interpretações, remetidas para as suas determinações fundamentais (que são sociais, institucionais, culturais) e inscritas nas práticas específicas que as produzem. Conceder deste modo atenção às condições e aos processos que, muito concretamente, determinam as operações de construção de sentido (na relação de leitura, mas em muitas outras também) é reconhecer, contra a antiga história intelectual, que as inteligências não são desencarnadas, e, contra as correntes de pensamento que postulam o universal, que as categorias aparentemente mais invariáveis devem ser construídas na descontinuidade das trajectórias históricas. (CHARTIER, 1988, p. 26-27).

Com base em Chartier (1988), pode-se afirmar a existência de uma certa complexidade na relação entre os leitores e o texto, pois somada a essa ação, estão os modos como se dão suas práticas de leitura (considerando toda a sua constituição social). Isso ocorre, pois, determinados textos, podem apresentar-se de formas variadas. Por vezes, surgem revestidos por sentidos e intenções. Assim, é nesse ponto que será construída, por parte do leitor, uma unidade de sentidos a quais o autor denomina como apropriação.

Analisar o impresso *O Amigo das Crianças* é também voltar-se para a observação das práticas de leitura. Portanto, é válido apoiar-se em Chartier (1988) recorrendo ao conceito de apropriação. Compreendendo ser esse um processo que culmina na produção e construção de sentidos que o leitor estabelece ao que foi lido por ele, os caminhos que essa investigação percorrerá por essa configuração que une leitores e leituras.

A forma como é produzido um texto está vinculada diretamente na ação de quem irá consumi-lo. Para Chartier (1996), desta maneira é estabelecida a criação de vínculos que envolvem atos que partem da esfera editorial junto aos que são relativos aos leitores e suas práticas de leituras. Portanto, observar o cenário macro no qual essa relação é desenvolvida pode ser considerado um fator determinante nesta discussão.

Desse modo, torna-se relevante apontar que o periódico *O Amigo das Crianças*, está vinculado e circula, quase que exclusivamente, no meio evangélico-luterano. Por conta desse cenário restrito, Weiduschadt (2012) afirma que seus conteúdos podem ser identificados como portadores de intencionalidades, nesse caso, voltados para as questões doutrinárias e de fé religiosa, premissas consideradas inerentes ao meio. A condição da intencionalidade dos conteúdos pode ser discutida se considerado o cruzamento em que se observa o impresso, os leitores e o local onde é utilizado.

Seguindo essa linha, textos direcionados a públicos restritos, como é o caso do impresso, podem apresentar uma determinada característica por conta dos locais específicos onde circulam. Esse pode ser apontado como um fator determinante para a compreensão do tipo de conteúdo que a equipe editorial escolhe para difundir as concepções ideológicas institucionais que se farão presentes em suas publicações.

Seu público-alvo são os leitores. Nesse caso peculiar, em sua grande maioria, ele é composto por fiéis, integrantes e participantes de uma instituição religiosa. Logo, é perceptível que o viés doutrinário faz parte do modo como são abordados ou direcionados alguns temas. De certa forma, a linguagem utilizada procura estabelecer uma interlocução direta com esse restrito grupo.

Em contraste com essa perspectiva, se observada a tentativa editorial de alcançar um maior número de potenciais leitores, a estratégia diretiva quanto à escolha dos conteúdos, poderia ser readequada para alcançar tal objetivo? Nesse caso poderia projetar-se o que aconteceria com os conteúdos, a temática ou a forma

como o impresso se apresenta aos leitores. Toda essa questão atrelada à esfera editorial sofreria alguma alteração? Nesse sentido, Chartier (1996, p. 236) afirma:

Quando um texto passa de um nível de circulação a outro, mais popular, ele sofre um certo número de transformações, das quais uma das mais claras é a fragmentação operada ao pôr-se em livro, seja no nível do capítulo, seja no nível do parágrafo, destinada a facilitar uma leitura nada virtuosística

Sendo assim, pode ser concluído que, a linha editorial utilizada, diferencia-se conforme sua pretensão em dirigir-se para um determinado grupo. O contexto ao qual seus integrantes fazem parte, pode atuar na forma como são escolhidos determinados temas. Nesse caso, por tratar-se de um grupo restrito, uma abordagem igualmente restrita poderá ser encontrada. Como afirma Chartier (1988, p. 121):

[...] o leitor é sempre, pensado pelo autor, pelo comentador e pelo editor como devendo ficar sujeito a um sentido único, a uma compreensão correcta, a uma leitura autorizada. Abordar a leitura é, portanto, considerar, conjuntamente, a irredutível liberdade dos leitores e os condicionamentos que pretendem refreá-la.

Na análise dos conteúdos do *O Amigo das Crianças* é possível identificar a existência de uma intencionalidade editorial na elaboração do impresso que se apresenta frente ao seu público-alvo definido. Analisar como os textos e os seus conteúdos foram assimilados e trabalhados, pode apontar para essa condição, que se remete diretamente às pretensões editoriais.

No movimento de identificar a intencionalidade dos conteúdos, é preciso observar o leitor, considerado o agente que estará, de certa forma, exposto a essa estratégia editorial. É ele quem ocupa um lugar central nessa ação e suas percepções acerca daquilo que foi lido é relevante, também determinarão a efetividade ou não da intenção editorial, que pode se valer de alguns pressupostos para fomentar um direcionamento nessas leituras em específico. Dessa forma, cabe ao pesquisador:

[...] identificar a diversidade das leituras [...] a partir dos seus esparsos vestígios e reconhecer as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura fabricada. Dessas estratégias, umas são explícitas, recorrendo ao discurso (nos prefácios, advertências, glosas e notas), e outras implícitas, fazendo do texto uma maquinaria que, necessariamente, deve impor uma justa compreensão (CHARTIER, 1988, p. 122).

Compreende-se, portanto, que a intencionalidade dos textos também é observada como revestida ou apresentada como parte integrante das estratégias editoriais, são explícitas ou implícitas. Atuam na formação de sentido do leitor frente ao texto que lhe está disposto no ato da leitura.

Conforme Chartier (2011), os atos de leitura se dão no encontro das mais variadas maneiras de ler e dos protocolos de leitura depositados em determinado objeto lido. Esses atos possuem a condição de dar aos textos significações móveis e plurais. Porém, o teórico enfatiza que neles, estão contidas as ideias centrais do autor, que busca a compreensão dessas ideias. Além disso, a ação do impressor, ao usar das formas tipográficas, adiciona ao texto, explícita ou inconscientemente, objetivos que denotam hábitos peculiares de uma determinada época.

Chartier (1988, p. 123) afirma ainda, “[...] que não há compreensão de um escrito, qualquer que ele seja, que não dependa das formas através das quais ele chega ao seu leitor”. Desde a ação inicial do autor e suas intenções, passando também pelo trabalho tipográfico, o planejamento de um texto e sua produção estão voltados para, de certa forma, influenciar no processo de significação da leitura.

Em suma, investigar a aproximação entre texto e leitor pode ser, também, compreender que nesse cruzamento resida uma intencionalidade editorial em disseminar suas ideologias, ainda que de forma subentendida, por meio da oferta de determinadas temáticas e conteúdos estratégicos por ela elaborados.

As ações editoriais também possuem relevância no contexto da imbricada relação entre leitor e leituras. Desse modo, cabe aqui fomentar a discussão sobre o conceito de materialidade, tendo como base o aporte teórico presente nas obras de Chartier (1988; 1994; 2002; 2003; 2011; 2014). Segundo o autor, ao investigarmos as práticas de leitura, poderemos observar a direta influência proporcionada pela materialidade dos impressos. Como destaca Chartier (2011, p. 78) “[...] existe uma ligação intrínseca entre o ato da leitura em si e os suportes dessa mesma leitura”. Há uma relação de proximidade entre os textos e seus conteúdos que produzem sentido ao leitor e a materialidade dos suportes que permitem tal leitura.

Com efeito, cada forma, cada suporte, cada estrutura da transmissão e da recepção da escrita afeta profundamente os seus possíveis usos e interpretações. Nestes últimos anos, a história do livro empenhou-se em analisar, em diversas escalas, esses efeitos sobre os sentidos e as formas (CHARTIER, 1994, p. 105).

Nesse sentido, é válida a elaboração de questionamentos que circundam as discussões a respeito de um texto: onde estava escrito? Como estava escrito? Em que tipo de papel foi impresso? Para qual finalidade? Quem são seus leitores? Era lido em qual ambiente? Dentre outras, aqui não citadas, tais indagações podem permear e ampliar o debate presente neste viés investigativo.

Conforme destaca Chartier (1994, p. 105) “[...] as significações históricas e socialmente diferenciadas de um texto, qualquer que ele seja, não podem separar-se das modalidades materiais que o dão a ler aos seus leitores”. Logo, ampliar a discussão de modo que seja incluída a materialidade presente em determinado suporte de leitura, pode trazer resultados enriquecedores para uma pesquisa que se volta para a análise de um impresso.

Nesse caso:

São numerosos os exemplos que mostram como as transformações propriamente “tipográficas” (no sentido amplo do termo) modificam em profundidade os usos, as circulações, as compreensões de um “mesmo” texto (CHARTIER, 1994, p. 105, grifos do autor).

Sendo assim, conforme afirma Chartier (2002, p. 70), “O essencial é, portanto, compreender como os mesmos textos em formas impressas possivelmente diferentes podem ser diversamente apreendidos, manipulados, compreendidos.” Nesse caso, o ideal seria observar como se deu a construção de sentidos na leitura (apropriação) de um mesmo texto, realizada por uma mesma pessoa, em distintos suportes que igualmente o veiculem. Poderia ser estabelecida, então, uma ligação e contraste entre os conceitos de materialidade e de apropriação.

Porém, tendo por base essa contribuição teórica, a discussão sobre a materialidade não pode restringir-se apenas à concretude presente no impresso que veicula determinado texto. A observação desse pressuposto em Chartier (2010) é mais abrangente, o que acaba associando a materialidade de um impresso a produção de sentido que a disposição de um texto pode provocar no leitor.

Com base nessa afirmação, é possível observar o impresso não apenas como um suporte material que veicula os textos ou como um objeto que proporciona as ações voltadas para análise das práticas de leitura. Para além dessas definições, é necessário compreender que a materialidade presente nesses suportes age diretamente na interação e apreensão concreta do leitor frente a leitura realizada.

Portanto, a iniciativa de voltar-se para a análise conceitual da materialidade dos impressos, conforme aponta Chartier (2010), é válida para a discussão aqui pretendida. Além disso, percebe-se que nessa perspectiva, a materialidade influencia os meios que oferecem suporte aos textos ou os veiculam. Portanto, ela também faz parte dos agentes que atuam na produção de sentidos.

Ao observar-se o percurso seguido até este ponto, percebe-se que foi seguido um ciclo. Ele tem como início o processo de apropriação dos textos, passando pelas intencionalidades editoriais, vinculada à materialidade dos impressos, chegando ao último estágio formado pelas estratégias e táticas utilizadas pelo leitor.

Na análise do impresso *O Amigo das Crianças*, ao optar-se por realizar uma reflexão acerca das relações existentes entre a esfera editorial e os leitores, busca-se apoio nas contribuições teóricas de Certeau (2008). Mostra-se válida a ação de considerar, os seus conceitos que tratam de observar as estratégias e táticas nas relações entre as organizações (instituições) e os consumidores de seus produtos (público-alvo).

Para Certeau (2008), as estratégias encontram-se ligadas ao campo institucional, que se propõe, a ocupar uma colocação de domínio frente a tais relações. Vale reforçar que o âmbito desta pesquisa está voltado à observação da confluência entre editoria e leitores. No caso da análise do impresso em questão, as estratégias partem das ações originadas pela equipe editorial, identificadas também por seu vínculo à instituição religiosa a qual encontra-se subordinada.

Quanto à ideologia voltada para o foco do dominador em utilizar-se de um determinado impresso para “informar” a população leitora, Certeau (1998, p. 260, grifos do autor) explica que nessa ação, muitas vezes, costuma estar implícita a pretensão de seus produtores, que procuram, de certa maneira “dar forma” às práticas sociais.

Em contrapartida, para o autor, as táticas são identificadas diretamente na análise das ações dos leitores. São os que formam o grupo considerado representante da porção dominada. Nesse exemplo em específico ela é representada pelos leitores do impresso. Para Certeau (2008), identificar as táticas, trata-se de observar o que os leitores podem produzir a partir de suas leituras:

Se, portanto, “o livro é um efeito (uma construção) do leitor, deve-se considerar a operação deste último como uma espécie de *lectio*, produção própria do leitor. Este não toma nem o lugar do autor nem um lugar de autor. Inventar nos textos outra coisa que não aquilo que era a “intenção” deles (editores). Destaca-os de sua origem (perdida ou acessória). Combina os seus fragmentos e cria algo não-sabido no espaço organizado por sua capacidade de permitir uma pluralidade indefinida de significações (CERTEAU, 1998, p. 264-265 grifos do autor).

Desse modo, é correto afirmar que possa existir um desvio entre o texto, e o que ele transmite como mensagem central, frente ao que realmente o leitor assimilou ao realizar tal leitura? De acordo com Certeau (2008), essa resposta pode ser afirmativa. Sim, por vezes, os leitores se valem de táticas, adaptando e apropriando de tais textos, de maneiras distintas.

Tendo por base norteadora esse foco, pode-se compreender melhor a causa dos questionamentos levantados por Certeau (2008, p. 39): “Por que estudar o processo de leitura das pessoas? O que buscamos averiguar?” Neste caso, para o autor, importa saber o que o leitor pode realizar a partir de suas experiências de leitura, ou, o que ele “fabrica” com elas.

Certeau (2008) reforça essa ação dizendo que:

A “fabricação” que se quer detectar é uma produção, uma poética- mas escondida, porque ela se dissemina nas regiões definidas e ocupadas pelos sistemas da “produção” [...] e por que a extensão sempre mais totalitária destes sistemas não deixa aos “consumidores” um lugar onde possam marcar o que *fazem* com os produtos (CERTEAU, 2008, p. 39, grifos do autor).

Sendo assim, os leitores, conforme Certeau (2008, p. 40) utilizam-se das “[...] maneiras de fazer que constituem as mil práticas pelas quais usuários se apropriam do espaço organizado pelas técnicas da produção sociocultural”. Atuam como se fossem uma multiplicidade de táticas articuladas e criadas para subverter a ordem, transformam-se em formas que o leitor, usando de sua criatividade dispersa, atua na busca de serem assumidas.

Como exemplo, pode ser utilizada a metáfora escolhida por Certeau (2008, p. 40) quando propõe que:

uma análise das imagens difundidas pela televisão (representações) e dos tempos passados diante do aparelho (comportamento) deve ser completada pelo estudo daquilo que o consumidor cultural “*fabrica*” durante essas horas e com essas imagens

A pesquisa sobre o impresso *O Amigo das Crianças* também está voltada para a investigação desse cenário onde o leitor pode “fabricar” algo a partir de suas próprias concepções. Logo, pode ser de grande valia, relacionar esse movimento frente a observação de como os leitores realizaram suas “fabricações” partindo das leituras do periódico. Tal ação pode trazer subsídios na tentativa de observar se ocorreu ou não a “fabricação” por parte dos leitores.

Sendo assim, as contribuições teóricas que até aqui foram mencionadas possuem estreita ligação frente ao objeto de estudo presente nesta investigação acadêmica. Acredita-se que tal embasamento teórico possua bases sólidas para sustentar a discussão aqui pretendida.

2.2 Aporte metodológico

Quanto à metodologia é elementar destacar que o foco desta investigação aponta para um estudo acerca do impresso, do seu leitor e para refletir sobre a relação entre ambos, com o objetivo de compreender pontos específicos desse complexo cenário.

Dessa forma, para apresentar os subsídios que consolidam a discussão aqui proposta, é preciso destacar a escolha pelo viés da História Cultural, que privilegia, por conta de suas novas abordagens, consistentes contribuições referentes ao fazer historiográfico.

Quanto ao percurso trilhado pela História Cultural, Darnton (1990), aponta que a *Escola dos Annales* e os novos historiadores do livro e da leitura, observam de forma diferenciada e dão ênfase aos estudos que ampliam a percepção acerca dessa relação. Portanto, é necessário, antes de efetivamente partir para uma discussão teórico-metodológica mais aprofundada, destacar as motivações para a utilização desse pressuposto.

Sobre essa temática, Darnton (1990) diz:

Até se poderia chamar de história social e cultural da comunicação impressa, se não fosse um nome tão comprido, pois sua finalidade é entender como as ideias eram transmitidas por vias impressas e como o contato com a palavra impressa afetou o pensamento e comportamento da humanidade nos últimos quinhentos anos. Alguns historiadores do livro buscam seu objeto no período anterior à invenção do tipo móvel. Alguns estudiosos da imprensa se concentram em jornais, folhetos e outras formas além do livro (DARNTON, 1990, p. 109).

Alinhada com tal definição, essa investigação reforça que possui a premissa de vínculo com a História Cultural. Conforme destaca Burke (2008), a partir da década de 1970, passou-se a combinar duas abordagens: da antropologia e da história. Isto serviu para reforçar um olhar mais apurado sobre as tradições da cultura popular e interpretações culturais da experiência histórica e humana.

Seguindo nessa direção, verifica-se que frente a essa temática, os referenciais teóricos, a metodologia e os questionamentos que foram até aqui elencados nesta análise investigativa, estão alinhados com as propostas da História Cultural. Os movimentos de adentrar e explorar o cenário ao qual faz parte o impresso *O Amigo das Crianças*, principal objeto desta análise, denotam essa aproximação.

Dessa forma, ao descrever como foram percorridos os caminhos metodológicos que nortearam esse percurso, busca-se demonstrar que o planejamento e a execução dessa tarefa seguiram unidos em prol de obter-se respostas à problemática aqui levantada.

As bases desta pesquisa encontram-se fixadas a partir de duas fontes principais: a primeira refere-se a revista *O Amigo das Crianças* por meio de análise dos exemplares correspondentes ao recorte temporal selecionado; a segunda são os depoimentos orais, provenientes das entrevistas com os leitores, professores das Escolas Dominicais que utilizavam o impresso neste mesmo período. Pretendeu-se analisar ambas as fontes mencionadas observando os pressupostos de uma abordagem de cunho qualitativo.

Determinou-se que as fontes seriam investigadas por meio da metodologia voltada para a análise documental, nesse caso os principais objetos são os exemplares do periódico. Nesse sentido, destaca-se que investigações vinculadas ao campo da história da educação possuem uma estreita ligação com essa fonte em potencial: os impressos.

Conforme aponta Bastos (2002), analisá-los configura uma ação que pode trazer subsídios à pesquisa. Por vezes, eles possuem atributos que enriquecem um determinado tema que está sendo investigado. Cabe destacar que esta definição pode estar submetida a investigação de documentos, quer sejam eles impressos ou escritos originais.

Devido à multiplicidade de aportes oportunizados pela História Cultural, por meio da análise documental, pesquisa e pesquisador engendram contextualizações

que visam ofertar ao público leitor, não só o impresso, esgotado em sua totalidade, mas sim o entorno por onde ele transitou ou transita.

Sendo assim, pode-se afirmar ser correto o que diz Cellard (2008), ao nos mostrar que ao tratarmos da questão da análise documental devemos sempre considerar algumas prerrogativas: em qual contexto histórico foi produzido determinado documento? Qual era o relacionamento social, religioso, profissional ou político do autor com o público-alvo de sua publicação?

Agregando ainda outros questionamentos, e seguindo esta mesma linha argumentativa, Corsetti (2006) também tece apontamentos voltados para esse cenário que envolve os impressos, tais como: Para quem (qual público) foi destinado tal documento? Em qual época e em qual contexto o texto foi escrito? Todas essas são questões muito pertinentes ao analisarmos documentalmente um impresso, por serem os balizadores da amplitude da discussão proposta.

Na metodologia, o segundo movimento da pesquisa se deu no sentido de estabelecer, a partir do uso metodológico da história oral (HALBWACHS, 1990) e (PORTELLI, 2016) contato com professores que atuaram na Escola Dominical no recorte temporal que destaca o período entre 1960 e 1990. Buscou-se, a partir da organização de um roteiro de entrevistas semiabertas, compreender nessa ação de ouvir os professores, aspectos fundamentais para a discussão aqui evidenciada.

Acredita-se que essa iniciativa, metodologicamente, acaba por delimitar e adentrar na complexa aproximação entre impresso e leitor, pode auxiliar na compreensão e nos apontamentos acerca dessa relação. Este planejamento poderá elucidar tanto as estratégias editoriais traçadas quanto as táticas utilizadas pelos seus leitores.

2.2.1 Sobre as entrevistas e os sujeitos participantes

Nesta investigação, o percurso teve como ponto de partida o acesso e a consulta aos exemplares do periódico. Para complementar este planejamento, a pesquisa estabeleceu contato com o grupo que possui relativos atributos no sentido de delimitar o contexto desta abordagem: os professores das Escolas Dominicais que atuaram no período destacado pelo recorte temporal desta análise: 1960 e 1990.

Neste sentido foram estabelecidos contatos nas comunidades luteranas que pertencem à Paróquia da Comunidade Evangélica Luterana São João de Pelotas², visando identificar quem eram os professores que fizeram parte do quadro de educadores infantis e como eles poderiam descrever a utilização do periódico *O Amigo das Crianças* como suporte didático para o planejamento e execução das aulas.

Dessa busca chegou-se ao número de sete pessoas³ que, por conta do preenchimento dos requisitos antes destacados, habilitaram-se como potenciais participantes das entrevistas. O contato com esse grupo se deu individualmente. A proposta da pesquisa foi apresentada a eles e as condições para a realização das entrevistas, onde todos os entrevistados poderiam contar com total autonomia durante o decorrer do processo, foi igualmente foi exposta para o conhecimento visando o aceite ou negativa do futuro participante.

Desde o planejamento, período que configurou a fase inicial desta pesquisa, procurou-se estabelecer contato com pessoas que salvaguardaram, trabalharam ou que já usaram do impresso *O Amigo das Crianças*. O objetivo sempre esteve voltado para a possibilidade de enriquecer a análise ao encontrar o maior número possível de exemplares do impresso.

Nesse sentido, a primeira iniciativa foi contactar diretamente as pessoas que atualmente formam a equipe diretiva de produção do periódico. Manter contato com essas pessoas, responsáveis pela formulação, impressão e distribuição do impresso, contribuiu, por apresentar informações sobre onde e como poderiam ser acessados os acervos. Esse movimento estratégico também foi realizado visando estreitar o canal de relacionamento junto aos profissionais.

Conforme Luca (2008), o pesquisador que busca nos impressos, fontes para desenvolver suas análises, deve se preparar para entrar diretamente em contato com uma enorme gama de possibilidades. Ciente desse cenário, a pesquisa foi em busca dos acervos particulares e institucionais onde o impresso poderia ser analisado.

Entende-se que, principalmente por esse motivo, o fato de tratar o periódico *O*

²A Comunidade Evangélica Luterana São João de Pelotas foi fundada por imigrantes alemães no ano de 1888. Localiza-se na área central da cidade de Pelotas-RS.

³No quinto capítulo desta tese são apresentados os entrevistados abordando a sua relação com a instituição IECLB, formações acadêmicas e como se deram suas respectivas atuações no contexto das Escolas Dominicais.

Amigo das Crianças como fonte e objeto desta tese, instiga a encontrar o máximo possível de material referente a esse impresso, pois objetiva-se visualizar a riqueza de informações que os exemplares podem oferecer à pesquisa.

Neste sentido, após os devidos contatos realizados, o retorno dessa ação mostrou-se significativo. Surgiram as seguintes informações de possíveis locais para realização da pesquisa *in loco* onde exemplares da revista poderiam ser acessados. Alguns deles, somente poderiam ser realizados mediante agendamento prévio. São estes os endereços dos locais onde os acervos podem ser pesquisados: Centro de memória e pesquisa Hisales, Pelotas/RS; Arquivo pessoal G. B. M, Pelotas/RS; Sede da Editora Sinodal, São Leopoldo/RS; Arquivo Histórico IECLB, São Leopoldo/RS, e Biblioteca da Escola Superior de Teologia, São Leopoldo/RS.

Deve ser destacado que a busca não se limitou, especificamente, aos locais já mencionados. Para além deles, uma extensa pesquisa bibliográfica digital sobre o impresso também foi realizada. Outra forma utilizada se deu quando a pesquisa obteve acesso à versão *on-line* do impresso. Esse modelo está disponível para *download*, porém, ainda conta com poucos exemplares em sua totalidade.

Acervo em Pelotas/RS: centro de memória e pesquisa Hisales

O primeiro contato com o impresso, disponível em grande quantidade, ocorreu no Campus II da UFPel, o acervo tem disponibilidade regular para consulta. Neste local encontra-se a História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares (Hisales), vinculado ao PPGE/FaE/UFPel. O Hisales⁴ é um centro de memória e pesquisa, constituído como um órgão complementar da FaE da UFPel, que contempla ações de ensino, pesquisa e extensão. Sua política principal é fazer a guarda e a preservação da memória e da história da escola e realizar pesquisas. Trata-se de um arquivo especializado nas temáticas da alfabetização, leitura, escrita e dos livros escolares, constituído de diferentes acervos.

Nesse espaço foram encontrados cerca de 220 exemplares da revista *O Amigo das Crianças*. No montante, faz parte do acervo no Hisales, exemplares que

⁴O Hisales é, também, um grupo de pesquisa cadastrado no Diretório dos Grupos de Pesquisa do CNPq desde 2006. O Hisales está localizado no Campus II – UFPel, Rua Almirante Barroso, 1202 - Sala 101 H, CEP 96.010-280 - Pelotas/RS. Mais informações sobre o Hisales, acervos, ações de ensino, pesquisa e extensão, podem ser conferidas via internet, no site (www.ufpel.edu.br/fae/hisales/), nas redes sociais (Facebook: Hisales, Instagram: @hisales.ufpel) e por e-mail (grupohisales@gmail.com).

remontam a década de 1950 e se estendem até 2019. Na Tabela 1, os dados foram organizados da seguinte forma: ano de publicação; cor das páginas preto e branco (PB), parte da capa e contracapa com uma tarja colorida e interior em preto e branco (PB/C); capa e contracapa todas coloridas e páginas internas em preto e branco (PBI/C); toda impressa em cores, páginas internas e externas (COLOR); total de números de páginas; número de exemplares que existem no acervo do Hisales; período em que foi impressa e distribuída semanal ou bimensal; impressão com ou sem anúncios comerciais.

Após o levantamento dos totais e, posterior catalogação, chegou-se aos seguintes números:

Tabela 1 - Exemplares do impresso – Acervo Hisales

Ano	Cor	N. Pág.	Exemplares	Public.	Propagandas
1954	PB	4	10	SEM	NÃO
1983	PB	4	8	SEM	NÃO
1986	PB/C	4	10	SEM	NÃO
1987	PB/C	4	34	SEM	NÃO
1988	PB/C	4	27	SEM	NÃO
1989	PB/C	4	2	SEM	NÃO
1991	PB/C	4	43	SEM	NÃO
1992	PB/C	4	48	SEM	NÃO
1993	PB/C	4	6	SEM	NÃO
1996	PB/C	4	4	SEM	NÃO
1997	PB/C	4	3	SEM	NÃO
2002	PBI/C	4	1	SEM	NÃO
2003	PBI/C	4	12	SEM	NÃO
2006	COLOR	19	1	BIM	SIM
2010	COLOR	19	2	BIM	SIM
2017	COLOR	19	1	BIM	SIM
2018	COLOR	19	2	BIM	SIM
2019	COLOR	19	6	BIM	SIM
TOTAL		220			

Fonte: Acervo Hisales.

Desse modo, após visitas realizadas ao Hisales, ocorreu, por consequência, um aumento significativo na percepção acerca do impresso que está sendo analisado nesta investigação acadêmica. O contato com um grande número e variedade de exemplares influenciou de forma decisiva nas observações e nas análises descritivas.

Arquivo pessoal em Pelotas/RS: G. B. M.

Ainda na cidade de Pelotas/RS um número expressivo de exemplares foi encontrado por meio do acesso a um acervo particular do impresso *O Amigo das Crianças*. Ele pertence a G. B. M. Trata-se de uma senhora que já participou da Escola Dominical, como aluna. Atuou, também, como professora em comunidades ligadas à IECLB.

Tabela 2 – Exemplares do impresso – Arquivo G. B. M

Ano	Cor	N. Pág.	Exemplares	Public.	Propagandas
1965	PB	4	4	SEM	NÃO
1966	PB	4	23	SEM	NÃO
1967	PB	4	7	SEM	NÃO
1968	PB	4	15	SEM	NÃO
1995	PB/C	4	3	SEM	NÃO
1996	PB/C	4	4	SEM	NÃO
1997	PB/C	4	28	SEM	NÃO
1998	PBI/C	4	47	SEM	SIM
2000	PBI/C	4	30	SEM	SIM
2001	PBI/C	4	12	SEM	SIM
TOTAL			173		

Fonte: Arquivo G. B. M.

G. B. M. também participou do conselho editorial da revista *O Amigo das Crianças*, ocupando um cargo diretivo no cenário nacional da IECLB. Considerando que o periódico possuía grande distribuição no meio por onde circulava, a participação dessa senhora em cargos de diretoria, lhe possibilitou entrar em contato com grande quantidade de leitores e de exemplares do impresso. Sob seus cuidados, em sua residência, ela possui os números tabulados na Tabela 2.

Em visita à residência de G. B. M., foi possível entrar em contato com a totalidade de materiais que fazem parte de seu acervo particular. Desta forma, os exemplares foram catalogados, organizados por datas, seguindo a ordem de edição para cada ano e mês correspondente.

O arquivo particular conta com aproximadamente 173 exemplares. As edições são referentes ao intervalo que vai de 1965 a 2001, ainda que em diversos períodos a coleção não esteja completa e nem mesmo alguns determinados anos de publicações também não são encontrados no montante.

O saldo deste primeiro contato com os dois acervos localizados em Pelotas/RS, apresentou um significativo ganho para a pesquisa. Porém, no início do ano de 2020, o contexto da pandemia de covid-19 não permitia visitas aos locais onde poderiam ser encontrados mais exemplares do impresso.

Acervo em São Leopoldo/RS: Editora Sinodal, Arquivo Histórico IECLB e Biblioteca Faculdades EST

Visando estabelecer contato e posterior análise frente ao maior número possível de exemplares correspondentes ao recorte temporal compreendido entre 1960 e 1990, foi realizada uma visita à sede da IECLB na cidade de São Leopoldo/RS para visualização do acervo da instituição religiosa. Nessa localidade, obteve-se acesso a três diferentes arquivos históricos⁵ que salvaguardam exemplares do impresso *O Amigo das Crianças*.

O primeiro a ser visitado foi o Arquivo Histórico da IECLB. A diretoria responsável por esse departamento havia organizado previamente o material para consulta. Nesse espaço, ainda que não em sua totalidade, foram encontrados os exemplares das primeiras décadas de publicação do impresso (1938⁶ a 1950), inclusive as edições ainda publicadas no idioma alemão puderam ser manuseadas.

Na sala de consulta a materiais, as edições do periódico estavam alocadas em grandes caixas de arquivos. Os exemplares, dispostos de maneira unitária, perfaziam

⁵No bairro denominado “Morro do Espelho” em São Leopoldo/RS, ainda no Campus das Faculdades EST, estão localizadas, além da própria Escola Superior de Teologia, a Editora Sinodal, o Arquivo Histórico da IECLB, a Biblioteca das Faculdades EST.

⁶Os exemplares referentes ao ano de 1937, data que marca a primeira publicação do impresso, não foram encontrados em nenhum dos acervos visitados. O período que compreende as décadas de 1930, 1940 e 1950 são os que mais apresentaram faltas nos números de exemplares disponíveis para consulta.

a totalidade de cinco a dez anos em um só compartimento. Dessa forma, o manuseio das edições ocorria de forma individual, o que facilitava a obtenção do registro fotográfico do referido material.

O segundo a ser visitado foi o arquivo da Editora Sinodal. A direção da editora havia gentilmente planejado e oportunizado a organização dos exemplares para utilização na pesquisa. As coleções do impresso estavam organizadas no formato de encadernações referentes ao período de um ano. Sendo assim, para cada lote de exemplares encadernados, eram encontrados, respectivamente, uma média de 48 a 52 exemplares do periódico.

Vale destacar que, para fins de registro fotográfico, esse tipo de encadernação acaba por limitar a qualidade das imagens capturadas por conta do grande número de exemplares alocados num volume que compreende um ano de publicações. Desse modo, o manusear dos materiais teve que ser realizado visando a não provocação de danos ou comprometimento a qualidade dos acervos.

Na Editora Sinodal foram catalogados os materiais referentes à década de 1970 e parte de 1980. As maiores lacunas encontradas são as que compõem os anos 1976, 1981 até 1984. Ainda assim, o resultado da pesquisa aos exemplares disponibilizados pode ser considerado de grande valia para as construções vigentes nesta investigação acadêmica.

O terceiro local foi a Biblioteca das Faculdades EST. Nesse acervo também foram encontrados exemplares do periódico que se apresentavam catalogados e encadernados de acordo com o ano de sua publicação. Como formatação geral, os arquivos comportavam em um só volume, todas as edições respectivas a um determinado ano.

Na biblioteca foram encontradas as edições respectivas a segunda metade dos anos 1970, além da coleção completa dos exemplares produzidos nos anos 1980. A investigação recebeu por parte da diretoria o auxílio de uma bibliotecária que garantiu ao pesquisador amplo e irrestrito acesso aos exemplares e aos materiais referentes ao periódico *O Amigo das Crianças*.

Em suma, pode-se afirmar que houve significativa efetividade quanto às possibilidades proporcionadas pelo acesso aos acervos. Eles trouxeram diversas contribuições para a pesquisa. Pode ser evidenciado que em todos os locais visitados, havia nos acervos e arquivos, exemplares que complementavam uma determinada

sequência em que eram identificadas algumas lacunas que porventura surgiam no montante de exemplares que eram acessados.

Não pode ser finalizada a descrição de como ocorreram os acessos aos locais onde estão localizados os acervos que salvaguardam exemplares do periódico, sem antes ressaltar uma averiguação realizada durante essa busca: o local onde existe o maior número de exemplares do impresso.

Trata-se da localidade denominada Morro do Espelho, que fica situada em uma área central do município de São Leopoldo/RS. Nesse perímetro, encontra-se em condição geográfica⁷ considerada aproximada a Editora Sinodal, o arquivo histórico da EST, a biblioteca das Faculdades EST. Todas essas instituições possuem vínculo estritamente ligado à IECLB.

O acesso à sede nacional da IECLB, localizada na cidade de Porto Alegre/RS, também foi disponibilizado a esta pesquisa. Os responsáveis pela equipe de editoração, impressão e distribuição do impresso *O Amigo das Crianças* foram solícitos em dialogar sobre diversas questões referentes ao periódico e se propuseram a organizar as visitas aos locais supracitados.

Cabe nesse percurso reforçar que o periódico, desde sua fundação, tem como sua proprietária legal a IECLB. É sobre o contexto da fundação dessa instituição religiosa que tratará o capítulo seguinte.

⁷No Morro do Espelho, os prédios das instituições citadas estão alocados ao redor de uma grande praça que acaba por delimitar a distância entre eles.

3 Contexto da imigração alemã: a formação da IECLB

Conforme apontam os registros históricos, na primeira metade do século XIX, aportaram em solo brasileiro, mais especificamente no Rio Grande do Sul, um representativo número de imigrantes alemães. Cunha (2019) divide esse movimento em três fases: A primeira entre 1824 e 1830; a segunda, que se estende de 1844 a 1889; e a terceira fase da imigração e colonização alemã, que compreende o período 1890-1914.

Na totalidade desse movimento, verificou-se que nem todos os imigrantes eram oriundos de uma só região da Alemanha. De antemão, isto denota uma diversidade cultural, ideológica, política, religiosa (ou não) que se fazia presente com os indivíduos. Partindo de localidades distintas, rumaram para um país também com realidades igualmente contrastantes.

Segundo Dreher (2010), este é o movimento que demonstra, nas primeiras cinco décadas (44 anos iniciais da imigração), como teria se dado a distribuição e a definição entre origem e destino dos grupos que chegaram ao sul do Brasil (Tabela 3):

Tabela 3 – Cenário da imigração alemã no RS – Primeiros 50 anos

N.	Origem	Destino
824	Hamburgo, Mecklenburg-Schwerin e Palatinado	São Leopoldo
1824	Hessen, Saxônia-Coburgo e Württemberg	São Leopoldo
1849	Renânia, Pomerânia e Silésia	Santa Cruz do Sul
1857	Renânia, Saxônia e Pomerânia	Santo Ângelo (Agudo)
1857	Renânia e Pomerânia	São Lourenço do Sul
1858	Pomerânia, Saxônia e Boêmia	Nova Petrópolis
1868	Westfália	Teutônia

Fonte: Dreher (2010).

Uma informação relevante como pano de fundo para o debate aqui pretendido, dá conta, segundo Dreher (2010) de que, na primeira leva que chegou à cidade de São Leopoldo/RS em 1824, num total de 39 pessoas, 33 declararam ser evangélicos-luteranos. Nesse ponto, pode-se destacar a relação que começa a se fazer presente, ainda que não em sua totalidade, na aproximação existente entre religião e imigrantes. Essa relação se mostra estar imbricada de forma bem específica nesse cenário.

É necessário reforçar, conforme aponta Tessmann (2013), que a condição de religiosidade em questão era também diversa, pois nem todos os imigrantes alemães declararam-se católicos, protestantes, evangélicos, luteranos, entre outros. Alguns nem mesmo apontaram definição alguma nesse sentido. Os registros apontam que uma boa parcela era católica, alguns vinham de tradição calvinista, outros, ainda, eram batistas e menonitas.

E, nesse sentido, aponta-se para a prerrogativa religiosa de uma localidade existente na Alemanha, pois é desse local em especial onde se originou uma grande parcela dos imigrantes que nas regiões mais ao sul do Brasil chegaram: a Pomerânia. Como ponto preponderante, veremos mais adiante, os pomeranos estarão ligados diretamente à religião luterana que se organizará em forma de igrejas, escolas, comunidades, consideradas “livres”, passando parte delas, posteriormente, a integrar os sínodos ou associações no RS. Porém, ainda hoje é notada certa quantidade dessas comunidades “livres” que assim continuaram ao longo dos anos.

Localizada na região oriental da Alemanha, área identificada por estar sob o domínio do Império Prussiano desde longa data, a Pomerânia fazia parte de uma localidade, onde a transição do sistema feudal para o capitalismo começava a tomar forma. O processo foi iniciado por volta de 1807, quando a abolição definitiva da servidão camponesa, decretada pelo governo representado pelo estado prussiano, fora validada oficialmente (SALAMONI, 2001).

Porém, o que ocorreu em seguida foi que:

[...] a maior parte dos camponeses perdeu parte ou todas as terras que cultivava, sendo obrigada a se submeter ao trabalho nas propriedades senhoriais ou, então, buscar ocupação nas indústrias urbanas, engrossando a massa de deserdados que passaram a viver nas cidades. Além dessas possibilidades restava, ainda, a alternativa de migrar para a América, na busca de melhores condições de vida (SALAMONI, 2001, p. 27).

Diante deste fato, pode-se compreender que tal decisão não resultou em ganhos substanciais ou melhoria na perspectiva de vida dos pomeranos, pelo contrário, a medida tomada continuou a reforçar a condição de submissão do povo frente aos novos desafios que surgiram desde então. Assim, para eles, a possibilidade de iniciar uma nova vida em outra pátria representaria uma chance para a reconstrução.

A reorganização de suas trajetórias estava agora alicerçada, na perspectiva que se mostrava favorável a partir da condição de embarcar em um navio e se dispor a enfrentar tal desafio. Logo se mostraria não ser o maior obstáculo a ser enfrentado.

Dada as inúmeras dificuldades em que viviam os pomeranos em seu país de origem, formou-se grande expectativa em relação ao futuro que os esperava na nova pátria. Entretanto, as condições de infraestrutura que os aguardavam eram extremamente precárias (SALAMONI, 2001, p. 27).

É premente destacar que os descendentes dos pomeranos seriam, em grande maioria, os fundadores das comunidades luteranas localizadas em Pelotas/RS e Arroio do Padre/RS. Ainda, serviram como cenário principal para as discussões aqui elencadas e ocupam um lugar de destaque no âmbito da elaboração desta tese.

Assim, destacar o exemplo dos pomeranos, respeitando os contextos e as devidas exceções, como o cenário mais comum encontrado pelos imigrantes que saíram da Alemanha e chegaram ao Brasil. O fato de aqui utilizar-se a Pomerânia como um provável modelo, pode servir para ilustrar o cotidiano que era possivelmente vivenciado pela população menos favorecida econômica e socialmente na Alemanha durante esse período.

A reflexão serve como um auxílio para ser estabelecida uma espécie de parâmetro que, de certa forma, pode nos reportar à realidade das pessoas que residiam nas demais localidades alemãs. Quer seja no que tange às políticas governamentais de sua época vigentes em seu país natal, quanto ao cenário encontrado na nova pátria, começam a ficar mais perceptíveis os reais motivos que influenciaram diretamente no amplo processo de imigração.

Kreutz (2011) afirma que, pequenos grupos de alemães haviam desembarcado na Bahia e no Rio de Janeiro, poucos anos antes da Proclamação da Independência do Brasil, ocorrida em 7 de setembro de 1822. Aponta, também, que a partir dessa data, mais precisamente em 1824, é que se identifica a primeira corrente imigratória sistemática formada por alemães que se deslocaram para o sul do Brasil.

O autor destaca que era importante povoar essa área, pois ocorriam diversos conflitos com os países vizinhos. E quase todos giravam em torno das questões ligadas aos limites territoriais. De acordo com a política de imigração, essa acabava sendo a principal razão para que se buscasse um denso povoamento da região. Outros motivos que teriam influenciado diretamente na questão da imigração não podem ser descartados.

Nessa mesma linha:

Vários autores afirmam que também houve motivação racial para privilegiar a vinda de imigrantes europeus, buscando-se branquear o país, acreditando-se em suposta “superioridade inata” de alguns povos europeus para o trabalho. Estes povos foram os favorecidos na imigração para o Brasil (KREUTZ, 2014, p. 152).

Por esse motivo, adotou-se um plano de colonização que consistia na ocupação e organização, por parte dos imigrantes alemães, de pequenos núcleos formados por propriedades rurais igualmente de pequeno porte. Também se buscava que, pudessem reunir-se em torno de uma estrutura comunitária básica.

Conforme Neumann (2020), na busca por fomentar o aumento no número de imigrantes, o poder público tratava de apresentar o Brasil e suas colônias como uma “terra de possibilidades ilimitadas”. O que pode ser apontado como a configuração de uma estratégia de propaganda governamental utilizada em pleno século XIX.

Segundo (KREUTZ, 2014, p. 152):

O motivo para incentivar a imigração para o Brasil era a necessidade de ocupação do espaço geográfico no sul, onde havia frequentes conflitos de fronteiras [...]. Oficialmente, incentivava-se a formação de núcleos etnicamente homogêneos. [...] No contexto de políticas para a imigração no Brasil, os povos de língua alemã formaram a primeira corrente imigratória

Essa iniciativa governamental que procurava distribuir os imigrantes em pequenos lotes logo agradou aos alemães. Esse fator pode ser considerado decisivo, pois, assim, eles poderiam iniciar sua nova trajetória em outra nação, com a possibilidade de estar inseridos em grupos que já se conheciam em seu país de origem. Para eles, essa condição poderia ajudar muito na organização de suas vidas de agora residentes na nova pátria.

Nesse sentido, Avello (2021), destaca que a chegada promoveu o contato do imigrante com seu “novo mundo” e toda a biodiversidade que encontraria em solo brasileiro. Tendo como referência os assentamentos coloniais que foram sendo instalados, cada família alemã era responsável pelo processo de colonização, que consistia em limpar o terreno, construir a habitação e iniciar a roça.

Assim, no decorrer dos anos, os imigrantes alemães começaram a formar pequenas comunidades. Porém, suas lideranças já identificavam a necessidade de transformar como essas comunidades, unidas, pudessem ser melhor representadas. Para tanto, planejar algo que trouxesse, em um primeiro momento, uma maior unidade

e, a seguir, uma efetiva representatividade para esses povoados mostrou ser um passo fundamental.

É relevante buscar, conhecer e compreender, historicamente, como se deram os movimentos sociais de determinados grupos. Como nesse caso, o que está posto é a observação do contexto das ações relativas à imigração alemã no sul do Brasil, a busca por analisar, o entorno desse período em específico, mostra-se válida.

Nesse sentido, entende-se que a História é um campo de produção do conhecimento que se nutre de teorias explicativas e de diferentes fontes para a compreensão das muitas ações humanas no tempo e no espaço (SOUZA, 2018, p. 21).

Essa afirmação também pode mostrar-se apropriada se o foco de uma investigação acadêmica estiver voltado para a questão religiosa dos imigrantes alemães. Ao refletir sobre suas ações, pode perceber-se que, estas, geralmente, resultam de questões atreladas a realidades experienciadas naquela determinada época.

3.1 A vida religiosa: os primeiros imigrantes alemães evangélicos no Brasil

Os primeiros passos em solo brasileiro não foram dados com facilidade. O grande desafio passava por unir os indivíduos em torno de uma referência que lhes fosse próxima e que respeitasse suas próprias realidades experienciadas no cotidiano específico daquela época.

Como nesse período ainda é marcante a vinculação da igreja relacionada as mais variadas cenas diárias, esse ponto logo se tornaria um fator decisivo no pensamento das principais lideranças, influenciando diretamente em suas tomadas de decisão. Observando mais amplamente, esta seria uma questão de política pública fundamental para a época. Porém, quanto à vida religiosa, em solo brasileiro:

a imensa maioria dos protestantes que vieram e se estabeleceram nos primeiros quarenta anos raramente foram acompanhados por pastores formados em teologia e ordenados. Na prática, as igrejas territoriais de origem os ignoraram (RIETH, 1998, p. 256).

Ainda assim, convém lembrar que, como incentivo para a vinda dos imigrantes, havia a incentivadora promessa governamental que lhes assegurava a seguinte condição:

Cada família teria uma pequena propriedade, próxima a uma vila na qual se organizava uma estrutura que favorecesse a vida comunitária: **escola, igreja, comércio, artesanato, cemitério e clube** (KREUTZ, 2014, p. 152, grifos nossos).

Neste ponto pode ser identificado que o binômio escola e igreja, fato muito presente na história da imigração alemã, ocupava uma posição destacada, eram consideradas essenciais para o convencimento dos imigrantes, ou atrativo a ser exposto, para que o processo tivesse maior aceitabilidade.

Porém, quanto a esses dois temas específicos, escola e igreja, o cumprimento do que fora anteriormente acordado, não se mostrava plenamente cumprido por parte dos governantes. Agora, em sua nova terra, coube aos próprios recém-chegados assumirem o papel de solucionar essas lacunas.

No que se refere à igreja:

os “colonos” trataram, então, de escolher uma pessoa de seu meio, geralmente alguém que tivesse um pouco mais de estudo, para pregar o evangelho e administrar os sacramentos em nome da comunidade. Surgiu, assim, a figura do “pastor-colono” que também pode ser chamado “pastor-livre” (RIETH, 1998, p. 257, grifos do autor).

Dessa iniciativa, que partiu dos próprios imigrantes, surgem as então denominadas “igrejas livres ou independentes”. Elas não estavam atreladas a nenhuma nomenclatura institucional considerada oficial vinda da Alemanha ou já existente no Brasil.

De acordo com Albrecht (2019), o fato que a chegada do luteranismo ao Brasil é anterior à formação dos sínodos não pode ser negligenciado. A religião foi trazida pelos primeiros imigrantes luteranos. Já adeptos a essa vertente religiosa em sua terra natal. Isso os incentivou, a partir de suas convicções pessoais de fé e de religiosidade, a organizarem-se em pequenos núcleos de cultos e de leituras de textos bíblicos em âmbito doméstico.

É nesse formato de igrejas vinculadas apenas à própria comunidade a qual faziam parte que os recém-chegados ao Brasil iniciaram suas atividades de cunho religioso. Com foco voltado para esse exato formato que uma das igrejas institucionalizadas desde a Alemanha passará a trabalhar, quando da sua chegada e implementação em solo brasileiro.

Essa configuração que contempla pequenas comunidades, pastores-colonos e igreja começaria a sofrer alterações a partir da década de 1860. Nesse período

começaram a chegar, ordenados na própria Alemanha, pastores formados em faculdades de teologia ou casas de missão. Um traço marcante pelo qual eles ficaram reconhecidos se deu pela forma taxativa na qual se referiam aos pastores-colonos como “pseudo-pastores”. O que mais chamava a atenção era seu rigoroso posicionamento quanto ao moralismo da espiritualidade, questão defendida por quase todos eles (RIETH, 1998).

O processo das igrejas independentes era visto como um desvio da igreja luterana já que essas denominações não investiam na formação de pastores e professores, nem tampouco orientavam os membros de forma sistemática na doutrina religiosa. Para as igrejas consideradas institucionais, as pessoas que atuavam nas igrejas independentes eram desconsideradas, uma vez que as denominavam como “pseudopastores”, ou seja, eram tidos como falsos pastores por não possuírem formação teológica adequada (WEIDUSCHADT, 2007, p. 41).

Steyer (1998) aponta que o conceito pejorativo retratava o provável estado de “degeneração religiosa da população teuta”, em decorrência dos longos anos de abandono espiritual por parte do governo. Para o autor, a vinda de pastores e professores formados e ordenados, tanto evangélicos como católicos, foi fundamental para a formação da sociedade rio-grandense. Segundo ele, o binômio igreja e escola contribuiu, deixando como legado ao RS um pouco de sua cultura e religiosidade.

Conforme aponta Tessmann (2013), os pastores foram desaparecendo, e ingressando em seu lugar os pastores oriundos das casas de missão, da Igreja Evangélica da Prússia e da Federação Martin Lutero da Baviera. Os pastores das casas de missão – Sociedade Missionária de Basiléia (Suíça) e da Sociedade Evangélica para os Alemães Protestantes na América (Alemanha).

Ainda assim, se faz necessário esclarecer que, algumas igrejas independentes ou comunidades livres, continuaram orientadas pela figura do pastor-colono ou por pastores que não se enquadravam nas descrições de origem anteriormente citadas, não aceitando a intervenção de uma instituição eclesiástica considerada de maior representatividade.

3.2 Sínodo Rio-Grandense: a origem da IECLB

Desde o início do movimento migratório alguns anos se passaram e maior era o número de alemães que ao sul do Brasil chegavam. Segundo Bartz (2021, p. 363), até o final do século XIX, a cidade de São Leopoldo, que recebeu a primeira leva de imigrantes alemães em 1824, ainda era apontada como a “porta de entrada das colônias alemãs” que aportaram no sul do Brasil.

Entre 1864 e 1875 Hermann Borchardt, que foi pastor na cidade de São Leopoldo entre 1864 e 1870, tentou, sem ter êxito no objetivo por ele traçado, estabelecer o que ficou denominado por Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul.

Esta ação, conforme Dreher (2014), teria por principais motivações, justamente, enfrentar o independentismo das comunidades, combater os populares pastores-livres, bem como criar instâncias representativas dos protestantes frente a um Estado oficialmente católico até a Proclamação da República em 1889 e extraoficialmente católico.

Após a primeira tentativa de não obter êxito, a ideia de disseminar ainda mais o trabalho em comunidade e integrar as comunidades independentes pelo território rio-grandense, recebeu destaque com a efetiva participação de Wilhelm Rotermond, então sucessor de Hermann Borchardt.

Rotermond começou a atuar no sentido de convencer as lideranças comunitárias, entre elas professores e pastores, da necessidade da criação de tal órgão representativo. Após conseguir efetivamente o apoio pretendido, nos dias 19 e 20 de maio de 1886, ocorreu na cidade de São Leopoldo/RS, a fundação do Sínodo Rio-Grandense.

Por volta dos anos 1900, a expansão política e comercial da Alemanha, acabava por inibir o fortalecimento dos sínodos. A partir do ano de 1900, o conselho Eclesiástico Superior da Igreja Prussiana passou a aceitar a filiação de comunidades que falassem o idioma alemão. Tais comunidades situadas no exterior recebiam ajuda financeira, cobertura previdenciária vitalícia e remuneração regular aos pastores.

O que era extremamente vantajoso tornou-se o calcanhar de Aquiles para muitas comunidades luteranas. Com a Primeira Guerra Mundial foram interrompidas as ligações com a Alemanha. Cessaram os auxílios financeiros a comunidades e pastores. Os sínodos para sobreviverem tiveram que pedir recursos às comunidades. Sentiu-se então a necessidade de formar pastores aqui mesmo, fato este que começou a ocorrer parcialmente em 1921 (RIETH, 1998, p. 260).

Hermann Dohms (1887-1956), pastor em Cachoeira do Sul/RS, despontou como uma das lideranças do Sínodo Rio-Grandense. Para Rieth (1998), Dohms lutou para que fosse assumida uma identidade confessional luterana. Em 1922 é adotada como normativo pelo sínodo a Confissão de Augsburgo de 1530, assim como o Catecismo Menor de Lutero, principais escritos confessionais no Livro de Concórdia (1580).

Dessa forma, Tessmann (2013) ressalta que nas décadas iniciais do século XX, o que existia era o Sínodo Rio-Grandense (ainda ligado à Alemanha). Já em 1949, foi consolidada a integração entre os três sínodos existentes: o Sínodo Evangélico Luterano de Santa Catarina, Paraná e outros estados, situado em Estrada da Ilha, região norte de Joinville, fundado em outubro de 1905; em agosto de 1911, foi constituída Associação de Comunidades Evangélicas, mais tarde denominado Sínodo Evangélico de Santa Catarina; e por fim, em junho de 1912, surgiu a última igreja regional, no Rio de Janeiro. Chamado Sínodo Evangélico do Brasil Central, foi formado originalmente pelas comunidades do Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Espírito Santo. Juntos, fundaram a Federação Sinodal. Em 1968, a Federação Sinodal passaria a se chamar, então, IECLB.

Expor esse contexto histórico é uma premissa para a continuidade da discussão aqui pretendida. Partindo do principal foco, o impresso *O Amigo das Crianças*, é preciso apontar que ele foi idealizado e disponibilizado para um público voltado prioritariamente ao contexto das comunidades vinculadas à IECLB.

Em decorrência dessa afirmação, não há como chegar-se a essa instituição sem antes voltar-se para a relevante contribuição advinda da colonização alemã em sua constituição. Nesse percurso investigativo, existe a concepção de que esse ciclo deveria ser contemplado. E, por essa razão, a intenção pretendida foi que ele assim tenha sido exposto e discutido de maneira satisfatória.

Outro traço vinculado a imigração alemã e o luteranismo, como brevemente apontado neste texto, pode ser observado quanto à sua inclinação ao cenário educacional. Kreutz (2011) afirma que nas primeiras décadas em solo brasileiro, a

educação pública oferecida aos imigrantes era precária e que, além disso, vários fatores foram determinantes para os imigrantes fundarem escolas em sua nova pátria.

A partir desse cenário, a relação estreita entre imigrantes e escolas, é necessário reforçar que o impresso *O Amigo das Crianças* tem sua trajetória ligada diretamente à IECLB. Sua utilização ocorre, preponderantemente, nas Escolas Dominicais, e, de forma diminuta, nas escolas sinodais. Sobre essa aproximação passará a ser conduzida a discussão a seguir.

3.3 Igreja, escolas comunitárias, escolas sinodais e escola dominical: histórico de uma prática vinculada ao luteranismo

Desde o início do movimento migratório, percebe-se um traço de afinidade que vincula o luteranismo, religião trazida pelos imigrantes alemães, a busca da criação de ambientes educacionais. Historicamente, segundo Dreher (2021) é comprovada a relação existente entre a imigração alemã, a partir da metade do século XIX, e as primeiras fundações de escolas nos assentamentos ou colônias.

Conforme destacado por kreutz (2014), no contexto imigratório, os povos de língua alemã, que formaram a primeira corrente vinda para o Brasil, se estabeleceram em áreas rurais, formando comunidades e, junto a elas, fundaram as primeiras escolas étnicas. Para o autor, “[...] quando se fala em escolas de imigração, entende-se principalmente as organizadas nestas comunidades rurais, embora houvesse também escolas de imigrantes em centros urbanos, em menor número” (KREUTZ, 2014, p. 10).

Aspecto sem dúvida notável na história do protestantismo histórico no Rio Grande do Sul são as escolas. Os imigrantes, antes de construírem sua capela, construíram sua escola. Esta escola, muitas vezes, serviria também de Igreja. Nestas escolas, desponta como característica o fato de serem escolas de catecismo. Sua finalidade era a de ensinar às crianças a leitura que pudessem aprender, quando luteranas, o Catecismo Menor de Lutero (DREHER, 2014, p. 252).

Nesse sentido, cabe destacar que esse imbricamento entre imigrantes, escola e igreja não está restrito ao universo da IECLB, ainda que essa instituição esteja em evidência na discussão aqui pretendida. A questão é mais ampla e deve ser observada com maior atenção. Desde o princípio, passados alguns anos da chegada dos imigrantes, quando iniciou as primeiras formações de associações, nem todos se

voltaram a integrar o Sínodo Rio-Grandense, que seria posteriormente reconhecido como IECLB. Outras vertentes do luteranismo escolheram seguir caminhos distintos. Ainda assim, a premissa de valorizar a questão educacional fazia, igualmente, parte de suas ações.

Essa configuração, que relaciona e aproxima igreja, religião e escola em um mesmo cenário, pode ser destacada como uma marca histórica identificada no contexto do luteranismo, quer seja ele observado a partir das três vertentes identificadas na região sul do território brasileiro. São elas: o Sínodo Rio-Grandense (IECLB); o Sínodo de Missouri (IELB) e as igrejas luteranas consideradas Independentes (IELI). Apesar de suas origens se darem de formas distintas, a aproximação entre o cenário religioso e o educacional está presente em todas elas.

Grosso modo, ao se pensar a relação entre a temática da imigração e sua relação com a educação pressupõe pensar nos desdobramentos e o que engloba, por exemplo: as identidades, pertencimentos, mobilidades, os sujeitos ou atores que estão envolvidos na educação (alunos, professores, funcionários, pais, religiosos); os discursos, as linguagens e os modos de comunicação utilizados no contexto escolar; os aspectos organizativos e institucionais que envolvem as práticas e representações nas dimensões espaço-temporais. (SOUZA, 2018, p. 22)

Portanto, de acordo com Souza (2018), no que diz respeito às três vertentes do luteranismo, o fato de todas voltarem-se para a premissa educacional, de certa forma, pode ter auxiliado no fomento de tais desdobramentos referentes aos processos sociais de criação de identidade, pertencimento, entre outros. A construção de vínculos que foram sendo estabelecidos entre os imigrantes e o contexto que então vivenciaram, agora em novo território.

Sendo assim, é válido observar como se deram as primeiras aproximações de cada uma das três vertentes do luteranismo frente aos seus ideais de construção, visando oportunizar com que seus filhos e demais familiares tivessem acesso à educação em território brasileiro.

Teichmann (1996) afirma que a primeira vertente é formada pelas comunidades-livres ou *Freigemeinden*. Representam o luteranismo reconhecido por seu independentismo, também são conhecidas como Comunidades Livres (CL). Sua principal característica se dá em seus movimentos de desvinculação dos sínodos (Sínodo Rio-Grandense e Sínodo de Missouri). Pode-se afirmar que são núcleos

eclesiais, comunidades ou congregações, que se mantiveram independentes, ou seja, que não se filiaram aos sínodos.

No que se refere às comunidades independentes, segundo Oswald (2014), eram geralmente formadas por pomeranos ligados diretamente à religião luterana que se organizavam em forma de igrejas e escolas. As comunidades consideradas *livres* também possuem a característica marcante do luteranismo, no que se refere à condição de promover ações visando o desenvolvimento educacional.

A segunda vertente é composta pelo Sínodo Rio-Grandense, atual IECLB. Conforme aponta Streck (2000), a origem da relação entre essa instituição religiosa e a construção de escolas, remete aos anos iniciais da vinda de alemães protestantes ao Brasil a partir de 1824. Segundo a autora, as primeiras famílias fundaram escolas comunitárias ao lado do seu templo ou até no mesmo prédio. Criaram os Sínodos, que organizavam a vida comunitária e escolar dos imigrantes e seus descendentes.

Normalmente o que acontecia era isso mesmo: organizava-se a escola primeiro; a igreja vinha depois. Todos os imigrantes eram alfabetizados e não queriam ver seus filhos crescerem analfabetos. Assim, a construção e a instalação da escola era a primeira tarefa comunitária (STRECK, 2000, p. 12).

A terceira vertente é o Sínodo de Missouri, atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), que igualmente prospectou sua atenção para a questão da educação voltada para atender aos imigrantes alemães que ao sul do Brasil chegaram na metade do século XIX.

No ano de 1900, conforme afirma Warth (1979), por intermédio de missionários norte-americanos, o Sínodo de Missouri chega ao Brasil. Oficializou-se como igreja nesse território em 1904. O campo educacional logo foi percebido pelos missionários como um meio de propagar seus ideais confessionais. Segundo Rehfeldt (2003) o investimento na educação garantiria o sucesso da missão do sínodo em território brasileiro.

Segundo Weiduschadt (2007) conforme o sínodo estabeleceu-se na região sul, tão logo passaram a investir em escolas, professores, materiais didáticos, paradidáticos, entre outras literaturas, possibilitando a aproximação entre a igreja e a escolarização. Assim, a educação ocupou um lugar central na adesão dos fiéis.

Portanto, é correto afirmar que, quando referir-se ao luteranismo, seja ele originário de qualquer uma das três vertentes da região sul brasileira, pode-se apontar, baseados em registros históricos, a identificação latente entre essa religião e

ambientes escolares ou cenários educacionais. E esse fato, ainda hoje, se faz presente no círculo que compreende a realidade das comunidades luteranas nas mais variadas localidades.

3.4 Contexto de formação das escolas sinodais

Por meio do cenário até aqui apresentado, é perceptível o grau de importância que os imigrantes deram à questão do acesso, por parte desse grupo em específico, à escolarização de forma geral. Suas ações denotam esse pressuposto, porém, é necessário compreender os demais motivos que acabaram por influenciar o movimento. Os imigrantes voltaram seus esforços para a construção de escolas, também pelo descaso que a esfera governamental dispensara a eles quanto a essa necessidade. Conforme aponta Streck (2016, p. 65):

O governo imperial não tinha como propiciar ensino para as famílias recém-chegadas, já que o sistema escolar brasileiro era insuficiente e voltado para a classe dominante. Em 1857, havia no Brasil 3.305 escolas públicas com 70 mil alunos, número que representava menos que 2% da população.

Esse é um dado relevante para a ampliação dessa discussão: passados 35 anos da chegada dos primeiros imigrantes, apenas 2% da população brasileira acessava a escola pública. E o percentual estava destinado aos integrantes da elite daquela época. Logo, os recém-chegados alemães, por não fazerem parte deste grupo, não usufruíram de tal oportunidade.

Ao chegarem nas regiões do sul do Brasil, os/as imigrantes alemães já estavam bastante acostumados com um sistema de ensino público que garantia a escolarização mínima de crianças e jovens no seu país de origem. No entanto, no Brasil do século XIX, não havia qualquer sistema de ensino que pudesse atender as necessidades educacionais desses imigrantes (BECKER, 2018, p. 32).

Outro indicativo que demonstra as dificuldades de acesso à educação enfrentadas por esse grupo, conforme enfatizado por Streck (2016), se deve ao fato de os imigrantes terem sido assentados longe dos grandes centros. Por conta disso, mais um entrave surgia, pois também não tinham acesso a escolas públicas primárias.

Logo esses imigrantes, como destacado por Becker (2018, p. 33) “perceberam que se quisessem que seus filhos e suas filhas fossem alfabetizados deveriam por conta própria criar e manter escolas”. Dessa forma, Kreutz (2011) aponta que surgiram

então as primeiras escolas comunitárias confessionais evangélico-luteranas. Segundo Dreher (1998), foram criadas e mantidas pelas próprias comunidades de imigrantes que as construíram. Seguindo essa tendência, na qual os próprios imigrantes criavam e mantinham, as escolas comunitárias foram sendo implantadas nos assentamentos ou *colônias*. E seu número aumentava de maneira proporcional à demanda que surgia por conta da chegada de novos imigrantes.

Dreher (2014) enfatiza que a partir de 1865, chegaram ao território brasileiro, cerca de 200 pastores. Nesse mesmo ano, também vieram 40 professores e professoras alemães. Todos eles foram enviados pela Sociedade Evangélica. O período ficou marcado pela significativa ampliação no valor dos recursos financeiros destinados tanto para a Igreja quanto para as escolas comunitárias.

Ainda que o auxílio financeiro vindo da Alemanha tenha oportunizado certa estabilidade na condução dos primeiros passos, a tentativa dos imigrantes em manter as escolas comunitárias e as igrejas enfrentavam percalços e empecilhos.

Além das limitações orçamentárias em prover locais adequados e a escassez de materiais:

Outra dificuldade estava em achar profissionais aptos a realizar as funções de professor. Na maioria das vezes, os docentes eram escolhidos entre os integrantes da comunidade que tinham talento ou, em outras ocasiões, que não pudessem exercer as atividades agrícolas por algum motivo. Em muitos casos, o próprio pastor da comunidade assumia, juntamente com o ministério da pregação, a tarefa de educar (BECKER, 2018, p. 37).

A partir da fundação do Sínodo Rio-Grandense, em 1886, e por meio de algumas ações, começaram a surgir os primeiros vínculos entre a instituição sínodo e as comunidades e suas escolas comunitárias. Conforme Fischer (1986), o sínodo assumiu a tarefa de cuidar do sistema de ensino fundado pelos imigrantes. Primeiramente, apoiando as escolas comunitárias primárias. Em seguida, promoveu a criação de escolas secundárias e de associações de professores e de professoras.

De acordo com Becker (2018, p. 40):

Todas essas iniciativas garantiram a expansão e a consolidação das escolas comunitárias. Além disso, elas também auxiliaram na constituição de sua identidade. Ao mesmo tempo, pode-se dizer que houve uma maior organização e consciência de sua missão e seus desafios.

Passaram-se os anos e a aproximação entre as escolas comunitárias e a efetiva participação do Sínodo Rio-Grandense, que agora atuava na esfera administrativa desses espaços, colaborou no crescimento exponencial no número de escolas e localidades assistidas por essa união.

Em 1924, comemorou-se o centenário da imigração alemã no sul do Brasil. E, conforme apontam os registros das atas oficiais dos concílios do Sínodo Rio-Grandense, criou, também neste ano, o seu Departamento de Ensino. Ele atendia, na época, 413 escolas primárias. Em 1938, pouco antes da nacionalização, eram cerca de 510 escolas que existiam na sua área de abrangência.

Segundo Streck (2016), 10 anos mais tarde, em 1934, existiam 513 escolas com 589 professores e 17.177 alunos. Durante o Concílio Geral de 1935, o Sínodo Rio-Grandense estabelece que, para comemorar o cinquentenário de sua fundação, o que ocorreria em 1936, seria fundada uma escola secundária no interior do Estado. Buscava-se, assim, homenagear, também, os esforços acerca da criação e manutenção da rede de escolas comunitárias.

Dessa forma, visando promover a educação contínua dos imigrantes o:

Colégio Teuto-Brasileiro (hoje Colégio Sinodal-São Leopoldo/RS) foi fundado em 19 de maio de 1936 em São Leopoldo, e seu objetivo era estabelecer um elo entre as escolas primárias do Sínodo e o acesso ao ensino superior (STRECK, 2016, p. 67).

Observando essa ação do Sínodo, em específico, nota-se a sua tentativa de planejar a continuidade do ensino primário ofertado aos imigrantes e seus familiares. Esse planejamento surge vislumbrando, agora, a continuação da formação dos alunos que poderiam ter acesso, também, ao ensino secundário.

Goldmeyer (2008) aponta para a preocupação do sínodo com a questão da formação dos professores. Nesse sentido, o órgão buscou uma aproximação com a Associação dos Professores Evangélicos, fundada em 1901. A autora destaca que, entre as atividades da Associação, em especial, pode ser observado seu empenho na organização de seminários para qualificação de professores. Streck (2016) afirma que ficou estabelecida, então, no XXI Concílio Geral do Sínodo Rio-Grandense uma parceria entre ambos, Associação e Sínodo. Dela surge o Seminário Evangélico de Formação de Professores.

Desse acordo, resulta a:

[...] escolha de uma comissão mista formada por representantes da Associação e do Sínodo. Percebe-se, já então, um trabalho conjunto em prol de um objetivo maior: o Seminário. Assim, a Associação [...] teve um papel primordial na organização do seminário e na consequente formação de professores, numa luta constante para elevar o nível do ensino da escola evangélica (GOLDMEYER, 2008, p. 33).

Essa ação reforça a ideia de que grande parte dos esforços diretivos da época estavam voltados a proporcionar oportunidades quanto à qualificação do quadro docente que atuava nas escolas comunitárias. Goldmeyer (2008, p. 34) reforça que o Seminário de Professores, ocupou uma posição de destaque, tornando-se o centro do sistema escolar do Sínodo Rio-Grandense, “tanto pela formação de novos professores e cursos de aperfeiçoamento, como pela remoção de professores, elaboração e/ou fornecimento de material didático e orientação”.

Percebe-se que o estreitamento entre o Sínodo e a Associação dos Professores Evangélicos trouxe como resultado a criação do Seminário Evangélico de Formação de Professores. Essa iniciativa mostrava-se efetiva para a continuidade do processo de escolarização dos imigrantes e seus descendentes.

Esse modelo que comportava o cenário educacional representado pela junção das escolas comunitárias e o Sínodo Rio-Grandense se estendeu até 1938. Nesse ano, entraria em vigor o decreto presidencial que tratava da Nacionalização do Estado Novo⁸. Nele, torna-se perceptível que a ditadura Vargas estaria voltada, também, para a questão de controle e cerceamento do ensino em território brasileiro.

Segundo Streck (2016, p. 68):

O ano de 1938, marcou um novo tempo: a nacionalização das escolas comunitárias. Nesse ano, os três Estados do Sul iniciaram efetivamente a nacionalização das escolas comunitárias. A promulgação do Decreto visava especialmente às pequenas escolas que se situavam em área rural. A lei determinava que o ensino de Português, História do Brasil e Instrução Cívica deveria ser ministrado por professores brasileiros. Esses seriam pagos pelas comunidades, de acordo com o valor dos vencimentos fixados pelo Estado, se a escola comunitária estivesse nas proximidades de uma escola estadual.

As mudanças não se restringiram apenas aos professores. Os cargos diretivos das escolas e a atuação do próprio Sínodo Rio-Grandense foram igualmente afetados pela nova lei. Existe uma lacuna que pode ser notada nas datas de emissão dos

⁸Durante o governo do presidente Getúlio Vargas, entre os anos de 1937-1945, instituiu-se a “Campanha de Nacionalização”. Apontava como proposta principal a construção de uma identidade nacional brasileira, que difundisse no país um sentimento de patriotismo e valorizaria a cultura brasileira.

relatórios das assembleias gerais ordinárias, apontando para a readequação ao modelo normativo vigente que deveria ser seguido.

O 44º. Concílio (Assembleia Geral Ordinária) do Sínodo Rio-Grandense aconteceu em 1937, e seu relatório foi redigido em língua alemã. Já o 45º. Concílio foi realizado em 2 de junho de 1946 em Santa Cruz/RS, sendo seu relatório redigido em língua portuguesa. A história do Sínodo Rio-Grandense contada por meio dos seus concílios sofreu uma interrupção de oito anos (STRECK, 2016, p. 68).

No período que compreende a Segunda Guerra Mundial (1939-1945), os concílios do Sínodo sofrem uma parada que se estendeu por oito anos seguidos, de 1938 a 1945. O órgão que exercia a função diretiva sobre as escolas comunitárias não pode desenvolver plenamente sua atuação nesse período. As consequências do distanciamento logo seriam evidenciadas.

Quanto ao Seminário Evangélico de Formação de Professores, foi fechado em 1938 e reaberto somente em 1950. Streck (2016, p. 69) afirma que o fechamento ocorreu “devido a problemas com a nacionalização das escolas particulares e, nesse meio tempo, foram oferecidos [às comunidades] cursos anuais de emergência para suprir, em parte, a carência de professores”.

Diante dessa transformação, do fechamento do Seminário de Professores em 1938, o Sínodo Rio-Grandense assumiu a colocação de professores nas escolas comunitárias que antes era realizada pelo Seminário. E é nesse momento que, em 1938, foi criado o Departamento de Ensino (GOLDMEYER, 2008, p. 36).

A criação do Departamento de Ensino buscava, na verdade, adequar-se aos novos direcionamentos governamentais estabelecidos pelos decretos. Sua função era prestar assessoria nos registros gerais das escolas e dos professores. Segundo Goldmeyer (2008, p. 37), além de ter que conviver com todos os problemas do período de nacionalização, o órgão “assumiu uma tarefa gigantesca, tendo em vista os recursos disponíveis: registrar todos os professores existentes, prover as escolas de professores”.

Goldmeyer (2008, p. 35) aponta, ainda, para outros dois decretos presidenciais.

O decreto n. 7.212, de 8 de abril de 1938, que atribuía ao Governo do Estado do Rio Grande do Sul a fiscalização do ensino primário, determinando, assim, o registro das escolas particulares na diretoria da instituição pública. O decreto n. 7.614, de 12 de dezembro de 1938, determinava que não poderia haver escola particular sem direção de brasileiro nato e que o ensino primário deveria ser somente em português.

Para Becker (2018, p. 70) “foram inúmeras as dificuldades enfrentadas pelos educandários comunitários na época”. As escolas tiveram que aceitar as imposições governamentais. Houve desde a troca dos docentes, pois os professores alemães foram substituídos por brasileiros, chegando até mesmo a ser proibido o uso da língua alemã nesses espaços. Como a maioria das crianças ainda não dominava o português, o resultado da ação foi decisivamente prejudicial quanto ao ensino dos alunos.

Conforme Kreutz (2011), durante esse movimento, somente no Rio Grande do Sul, o governo fechou 103 escolas particulares (católicas e luteranas); ao passo que, mais de 280 escolas, agora consideradas públicas, foram abertas. Para o autor, é possível apontar qual era a estratégia do governo federal na época: criar escolas públicas nos locais onde havia instituições de ensino comunitárias.

Com o término da Segunda Guerra Mundial, em 1945, Becker (2018, p. 43) afirma que “alguns prédios que haviam sido confiscados voltam a ser patrimônio das comunidades e das associações, que reabriram escolas”. Streck (2016) reforça ainda que, ao mesmo tempo, as escolas comunitárias que sobreviveram aos processos de nacionalização começaram a expandir sua oferta de vagas, além de dar início a criação de novos cursos. Nesse período:

Iniciou-se então a expansão das escolas comunitárias evangélico-luteranas. De acordo com a ata do 47º Concílio do Sínodo Rio-Grandense, em 1946, havia 149 escolas primárias e, em 1948, esse número passa para 229. Além disso, a grande maioria desses educandários estavam na zona rural e atendiam os filhos e as filhas dos/as descendentes imigrantes protestantes (BECKER, 2018, p. 43).

Se por um lado as escolas primárias trabalhavam em conjunto com o Departamento de Ensino do Sínodo Rio-Grandense, por outro, o ensino secundário ainda não contava com essa mesma condição. Goldmeyer (2008) explica que até 1952 os colégios e ginásios eram assistidos apenas pelo Sínodo e não pelo Departamento de Ensino. Nesse ano, os diretores dos estabelecimentos voltados para o ensino secundário se uniram formando o Centro de Diretores Evangélicos de Ensino Secundário (CDEES).

No período que compreende os 10 primeiros anos após o término da 2ª Guerra, entre 1945 e 1955, as escolas comunitárias começam a passar por dificuldades que seriam determinantes para a sua continuidade. Novamente, o fator que contribuiu para

a continuidade de grande parte dessas escolas se deu por conta de ações tomadas pelas comunidades evangélicas.

As comunidades se dispuseram a contribuir com o intuito de sustentar, por iniciativa própria e com recursos próprios, parte das necessidades enfrentadas pelas escolas que haviam sido fechadas ou transformadas conforme o decreto de nacionalização presidencial determinara desde 1938.

Ahlert (2008, p. 193) destaca que:

[...] nas décadas de 50 e 60, as escolas comunitárias enfrentaram duras crises decorrentes da nacionalização imposta pelo Estado Novo. O reerguimento das escolas comunitárias evangélicas, mais uma vez, teve nas comunidades evangélicas seu mais forte sustento.

Segundo Becker (2018) após a constituição da IECLB, ocorrida em 1968, fundaram o CDEES e o Departamento de Ensino. Dessa união surge o Departamento de Educação. Conforme Streck (2016) em 1981 ocorreu a última reestruturação, a qual encontra-se em vigor até hoje. O Departamento de Educação, IECLB, no ano 2000, é renomeado para sua atual denominação: Rede Sinodal de Educação.

Sendo assim, as escolas comunitárias vinculam-se à Rede Sinodal de Educação, que passa a ser considerada, desde então, na instituição IECLB, como o órgão responsável pelo setor educacional escolar e universitário. A Rede a partir dessa data atua prestando serviço às escolas vinculadas com Comunidades ou Paróquias Evangélicas.

Em 2023, a Rede Sinodal conta com 51 instituições de ensino, divididas entre ensino fundamental, médio e superior, coordena as atividades, prestando assessoria técnico-pedagógica e administrativa aos estabelecimentos de ensino. Procura, também, atuar nas áreas de aperfeiçoamento profissional de professores e outros profissionais da escola e suas respectivas atividades, assim como estimular a formação de lideranças nesses espaços.

Portanto, é válido compreender como se deu o processo que iniciou as chamadas escolas comunitárias, chegando à denominação Escolas Sinodais. Em algumas dessas escolas, sob ambas as nomenclaturas, o impresso *O Amigo das Crianças* foi, e ainda é utilizado pelos professores e alunos desses espaços.

Ainda assim, o uso do impresso, efetivamente em outro ambiente educacional também vinculado à IECLB. Trata-se das chamadas Escolas Dominicais. São nelas

onde se pode identificar o efetivo uso do impresso. A origem dessas escolas e o seu histórico serão apresentados a seguir.

3.5 A formação das Escolas Dominicais

No Brasil, a prática educacional denominada *Escola Dominical* desenvolvida nas comunidades luteranas vinculadas a IECLB possui ligação direta com uma iniciativa que começou a ser implementada por pastores, no cenário evangélico luterano, ainda em território alemão.

Rodrigues (2007, p. 28) destaca que:

[...] no ano de 1790, a Escola Dominical que começa a ser conhecida em Hamburgo, sofre um processo de adaptação à realidade alemã, e por algum tempo é considerada como complementação da educação elementar. Porém, somente em 1825 é iniciada a primeira Escola Dominical alemã, com os pastores luteranos Johann Georg Oncken e Johann Wilhelm Rautenberg. O ensino compreendia a arte da leitura e da escrita e eram utilizados a Bíblia, o catecismo e o cancionário.

Se pelo lado do luteranismo, o início dessa ação se deu, como demonstrado anteriormente, na Alemanha em 1790, em território brasileiro, os luteranos que chegaram a São Leopoldo/RS a partir de 1824, não foram os primeiros a abrir espaço para o desenvolvimento dessa prática educacional.

Conforme apontado por Gilberto (1998), o primeiro registro sobre a existência de uma Escola Dominical denota que esse fato histórico ocorreu na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, em 19 de agosto de 1855. Segundo o autor, a iniciativa partiu de um casal de missionários escoceses, o médico Robert Kalley e a musicista Sarah Poulton Kalley, fundadores da Igreja Evangélica Fluminense.

A eles coube a efetiva criação do que seria a primeira Escola Dominical no Brasil. Como destacado por Gilberto (1998), nessa escola, que, na verdade, tratava-se da própria casa dos missionários, havia cerca de cinco crianças presentes para assistir à primeira aula, que fora ministrada por Sarah.

No contexto do luteranismo, com o passar dos anos, em território brasileiro, por meio da iniciativa dos próprios imigrantes alemães, próximo ao local onde foram construídas as igrejas/templos, ergueram-se, igualmente, prédios ou espaços para que os frequentadores pudessem desenvolver diversas atividades.

Dentre elas destaca-se a prática denominada Escola Dominical, que, em determinadas localidades, por conta das dificuldades financeiras, por vezes, ocorria no próprio prédio do templo, pois não havia recursos disponíveis para construção de demais espaços destinados para esse fim.

Sendo assim, observando-se o contexto luterano, compreende-se que este modelo, que vigora desde então, é uma prática cultural que teve como ponto de partida a iniciativa tomada por pastores luteranos, na Alemanha, em um período anterior ao processo imigratório alemão iniciado nas primeiras décadas do século XIX.

Pode-se afirmar que a implementação das Escolas Dominicais luteranas no Brasil surge a partir dos ideais desse movimento migratório. Os indivíduos que trouxeram, enraizados na Reforma Protestante, aspectos que seguiram voltados a dar continuidade em suas práticas e doutrinas que já eram desenvolvidas em território alemão.

Nas comunidades luteranas da IECLB, nas mais variadas localidades, apenas jovens (geralmente acima de 13 anos) e adultos são os participantes das reuniões e cultos. Nesses momentos as crianças não acompanhavam a programação que ocorria no prédio do templo. As comunidades desenvolveram programações específicas para que as crianças realizassem diversas atividades lúdicas e educativas. Assim elas são alocadas em outros espaços identificados como “salas de aula” onde os alunos são acompanhados por auxiliares e professores.

Para Weiduschadt (2007, p. 79, grifos da autora) elas são:

[...] práticas desenvolvidas para envolver as crianças durante o culto. No momento do sermão, as crianças, em espaço reservado, recebem mensagens religiosas de forma lúdica, por isso, a denominação “escola dominical”, pois eram realizadas aos domingos.

Essa é uma ação educacional que se utiliza de materiais próprios, trabalhados a partir de ludicidade voltados ao ensino e aprendizagem para as crianças, como o impresso destacado nesta análise. Esse espaço, que primeiramente fora denominado como *Culto Infantil*, nomenclatura ainda utilizada em algumas comunidades IECLB, passaria, em meados da década de 1970, a ser também identificada como *Escola Dominical*.

Apontado o surgimento, verifica-se agora que o ápice das Escolas Dominicais em solo brasileiro, se deu quando as escolas luteranas particulares perderam força. Aqui vale lembrar que os imigrantes alemães e pomeranos, recém-chegados da

Alemanha, criaram núcleos comunitários, formados pela escola e a igreja. Muitas vezes, surgiu o papel de atuação do pastor que também era professor nessas escolas.

Porém, com a Nacionalização do ensino e o surgimento de políticas educacionais ao longo do século XX, as escolas particulares que pertenciam às igrejas luteranas foram perdendo força. Um dos principais motivos tem em sua origem o exponencial aumento da implantação de escolas públicas nas zonas rurais mais remotas. Por esse motivo, para garantir a inserção das crianças em uma iniciação religiosa, os imigrantes e as igrejas luteranas adotaram a estratégia de criação das Escolas Dominicais.

Quanto à sua atuação, ela se desenvolve junto às igrejas luteranas. Dessa ligação surge uma marca presente no luteranismo: a escolha por adotar um ensino doutrinário aos fiéis, seu público observado de forma geral, baseado nas sagradas escrituras. Nesse mesmo movimento, as Escolas Dominicais visam preparar as crianças e os jovens para que, desde a sua infância, possam viver fortalecidos nas questões de fé que nesses espaços são apresentadas para as crianças.

Freitas (2006, p. 57) define que:

No espaço da Escola Dominical, os princípios educativos podem ser bem aproveitados, pois, cada professor tem sob sua responsabilidade um grupo menor de pessoas e pode se ocupar pessoalmente com a educação cristã de cada aluno. No modo descrito acima, um dos grandes objetivos da Escola Dominical é educar para a cidadania, ensinar a solidariedade e despertar na vida das pessoas o desejo de servir a Deus e ao próximo. Por outro lado, também é o espaço onde alunos e alunas podem ter um encontro pessoal com Cristo.

No conteúdo dessa afirmação, é perceptível que nas vertentes religiosas, as Escolas Dominicais são observadas enquanto espaços educativos, de cunho estritamente religioso. Também se faz necessário notar que, conceitualmente, nas igrejas, para os pais e familiares, elas são consideradas capazes de preparar os cidadãos para uma vida regida pelos ensinamentos de Deus.

Dessa forma, as Escolas Dominicais agem no intuito de tornar a formação religiosa das crianças mais lúdica e prazerosa por meio de atividades, leituras e reflexões que trazem a religião para o mundo infantil delas. Para isso, nas aulas, são utilizados materiais que orientam os professores ao trabalharem determinados conteúdos com as crianças.

Em diversas localidades, as Escolas Dominicais, contam, geralmente, com um expressivo número de crianças. De igual forma, deve ser o número de professoras e professores, orientadores, monitores, equipe de apoio. Esse grande grupo, geralmente, está vinculado a uma equipe de pessoas que o coordenam. Elas são as responsáveis por planejar as ações, os conteúdos, a metodologia de trabalho, os materiais que serão utilizados, entre os demais detalhes.

A função de professor-orientador é, geralmente, ocupada por pessoas que se dedicam de forma voluntária a esse propósito. Eles contribuem a partir de sua aptidão em determinada área específica onde possui formação acadêmica. Por vezes, pessoas que possuem outra formação, auxiliam em frentes onde conseguem, com seus talentos ou proximidade com determinadas propostas, desempenhar, de forma satisfatória, as funções que tais tarefas exigem.

A Escola Dominical pode ser considerada então como uma prática cultural e religiosa que tem sido replicada ao longo dos anos em ambientes por quem frequenta esses espaços. É dentro desse ambiente onde o impresso *O Amigo das Crianças* possui grande circulação. Essa prática é o fio condutor que interliga diversos pontos que podem nortear toda essa discussão.

4 O Impresso O Amigo das Crianças

O impresso denominado *O Amigo das Crianças*, fonte e objeto principal que interliga as discussões desta análise investigativa, surgiu na região sul brasileira, em 1937, com a denominação *Evangelischer Kinderfreund für Brasilien* (O Amigo Evangélico das Crianças do Brasil). Desde a primeira edição esteve vinculado ao Sínodo Rio-Grandense, que posteriormente em 1968 passaria a se chamar IECLB (Figura 1).

Figura 1 – Revista *Evangelischer Kinderfreund*, fev. 1937



Fonte: Acervo Editora Sinodal

A vinculação do impresso *O Amigo das Crianças*, desde sua criação, esteve e está ligada à vertente do luteranismo. O histórico de sua circulação e utilização, quase que em toda a sua totalidade, esteve voltado para o atendimento desse contexto religioso em específico. Essa marca perpassa por toda a trajetória do periódico. Observar esse pressuposto é um indicativo que pode auxiliar na compreensão das reflexões e debates propostos nesta investigação.

O impresso *O Amigo das Crianças*, era inicialmente distribuído como encarte de outro periódico vinculado a IECLB: o *Jornal Evangélico Luterano*. O modelo de comercialização fomentou a criação da expressão *jornalzinho*, nomenclatura popular que era utilizada para referir-se ao impresso. De acordo com o número de exemplares (4), entregues mensalmente, sua utilização se dava no período de quatro semanas.

Sendo assim, depreende-se que sua produção procurava atender a demanda semanal em duas frentes: nas Escolas Dominicais, que contavam com quatro cultos, um a cada domingo, no período de um mês, algo que ainda ocorre na maioria das comunidades luteranas vinculadas à IECLB; nas escolas sinodais que ofertavam a disciplina Ensino Religioso, geralmente ministradas em um determinado dia letivo na grade curricular semanal.

Figura 2 – Revista *Evangelischer Kinderfreund*, mar. 1940



Fonte: Arquivo Histórico IECLB

O destaque da Figura 2 reforça que as edições referentes ao ano de 1940 demarcam o último período no qual o impresso foi distribuído no idioma alemão. O fato ocorreu por conta das questões relativas a políticas governamentais nacionalistas institucionalizadas em solo brasileiro no cenário da 2ª Guerra Mundial. Assim,

seguindo as determinações do governo brasileiro e da política de nacionalização vigentes na época, o periódico passou a ser impresso em língua portuguesa desde então.

Ressalta-se que o público leitor teve acesso ao material, desde o princípio e ao longo de toda a sua história, mediante pagamento de assinaturas, quer sejam essas realizadas em períodos mensais ou anuais. O periódico não foi disponibilizado gratuitamente em nenhum dos períodos de sua existência. A partir de 1941, já impresso em português, ele passou a ser distribuído com o título *O Amigo das Crianças*, estendendo-se, nesse molde, a sua impressão e distribuição até aos dias de hoje. E nesse percurso, o periódico alcançou ampla utilização em cultos infantis, Escolas Dominicais, escolas sinodais, que estão localizadas nas áreas pertencentes às sedes das próprias comunidades luteranas⁹ ligadas a IECLB.

Um apontamento deve ser realizado quanto ao público que o impresso pretendia atender: crianças, jovens e adultos. Não havia, na estratégia editorial vigente, um direcionamento dos conteúdos do periódico quanto à sua utilização estar voltada especificamente para um público formado por crianças de 6 até 11 anos, faixa etária para a qual o impresso volta sua atenção. Essa condição será observada apenas a partir de períodos posteriores da trajetória do impresso.

Na década de 1950, manteve-se a versão em língua portuguesa em todas as páginas do *O Amigo das Crianças*. Vale destacar, ainda, que, nessa década, a equipe diretiva responsável pela elaboração do impresso deu continuidade e manteve seu foco voltado para o atendimento do amplo público leitor ao qual buscava contemplar anteriormente.

A seguir, na Figura 3, destaca-se que a revista, em 1954, já possuía 17 anos de existência. A capa, ou primeira folha, apresenta um novo *layout*. A partir da data adota-se um desenho que irá perdurar por alguns anos: a ilustração onde a figura de Jesus Cristo encontra-se rodeada por crianças.

⁹Escolas dominicais ou culto infantil são espaços frequentados por crianças de até 12 anos. Durante o sermão no templo, elas são levadas para os locais onde desenvolvem práticas de leitura, escrita e trabalhos manuais diversos. Ao final do sermão, elas retornam ao templo para o encerramento do culto (que geralmente ocorre aos domingos). Escolas Sinodais ofertam cursos que se estendem da educação básica até o ensino médio. São vinculadas a Rede Sinodal da IECLB, que também possui faculdades de formação teológica.

Figura 3 – Revista O Amigo das Crianças, fev. 1954



Fonte: Acervo HISALES

Referente ao direcionamento editorial frente ao público leitor, pode-se observar na capa do exemplar de 1954, a repetição das questões citadas anteriormente: conteúdos para uma ampla faixa etária de leitores. A mensagem central, disposta em um grande texto localizado à metade esquerda da capa, apresenta a abordagem do seguinte tema: *Não difamarás o teu próximo*. O impresso procura explicar o que é “difamação” ao leitor e aponta exemplos de qual deve ser o comportamento considerado “ideal” do leitor em relação ao tema proposto.

Ao lado do texto pode-se observar a ilustração de uma discussão em torno de um “prisioneiro” que se encontra sob custódia de soldados enquanto as demais pessoas o acusam ou difamam. É perceptível que tal imagem esteja voltada diretamente a questões em torno do termo “difamação”. Esse tema central escolhido pela equipe editorial será trabalhado em todo este exemplar.

Destacando a complexidade da discussão que o conteúdo propõe, pode-se inferir que, em contraste com as recentes discussões acerca das concepções didáticas e de ensino e aprendizagem, o público infantil não era privilegiado ou beneficiado por tal escolha à época realizada. Essa diretriz aponta para o fato de o

periódico não estar, ainda, destinado somente a um grupo de leitores formado apenas pelo público infantil.

Figura 4 – Revista O Amigo das Crianças, abr. 1966



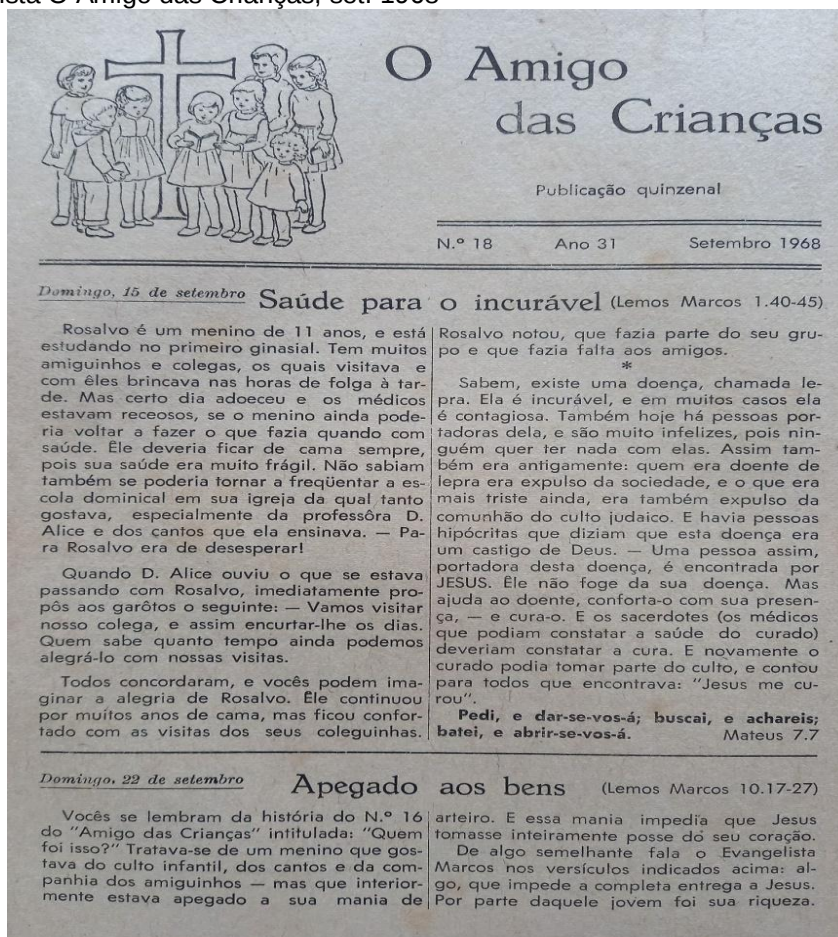
Fonte: Acervo HISALES

A figura 4 demonstra o modelo que surgiu a partir de 1965. A partir da metade da década de 1960, as edições do *O Amigo das Crianças*, passaram por reformulações. Quanto aos temas abordados ainda não foram encontradas diferenciações nesse sentido. Porém, a principal modificação envolve o período de publicação, que passou de semanal para quinzenal¹⁰. O logotipo, Jesus Cristo rodeado por crianças, que identificava a revista também foi substituído.

¹⁰ A partir dos contatos estabelecidos com a diretoria da Editora Sinodal e a equipe responsável pelo impresso "O Amigo das Crianças" não foram encontrados os motivos pelos quais a equipe editorial, na década de 1960, decidiu alterar os intervalos entre as publicações do periódico.

A figura 5 destaca que a utilização do formato chamado *jornalzinho*, que media 12 X 8 cm, sofreu alterações, passando a contar com dimensões um pouco maiores, no tamanho 15 X 10 cm. Pequenas modificações também surgiram nas abordagens direcionadas ao público leitor.

Figura 5 – Revista O Amigo das Crianças, set. 1968



Fonte: Arquivo G. B. M.

As análises dos exemplares que fazem parte da década de 1960 apontam que não ocorreram demais modificações ou alterações significativas que pudessem ser consideradas relevantes para as discussões acerca do impresso no período destacado.

Cabe ressaltar que a mesma linha editorial de publicação e distribuição quinzenal prosseguiu. Sendo assim, as edições do periódico também foram disponibilizadas nos mesmos moldes durante toda a década de 1960. No exemplar de 1968, nota-se que a condição de continuidade nas características referentes ao formato do impresso é uma constante.

Seguindo a sequência cronológica do histórico do impresso encontra-se a década de 1970. Na figura 6, observa-se que o exemplar de número 9, referente a 02 de abril de 1972, apresenta como destaque o retorno das edições semanais. Ainda assim, o periódico possui grande semelhança em relação às publicações da década de 1960. Demais alterações que apontem relevantes diferenciações não são perceptíveis se contrastados os dois períodos em questão.

Figura 6 – Revista O Amigo das Crianças, abr. 1972



Fonte: Arquivo Editora Sinodal

O restante da década de 1970 pode ser caracterizado pela condição de repetição no que concerne aos temas apresentados, formato, número de páginas, tipo de abordagem ao público leitor. Em suma, até o final deste período em destaque é mantida a equipe diretiva demonstra ter seguido a mesma proposta de estratégia editorial (Figura 7).

Figura 7 – Revista O Amigo das Crianças, mar. 1977



Fonte: Arquivo Editora Sinodal

Nos primeiros anos da década de 1980, começam a surgir no periódico determinados temas que anteriormente não eram abordados, tais como o tratamento da questão da historicidade de determinados locais. No exemplo a seguir, o destaque da edição de janeiro de 1983 é uma data comemorativa alusiva aos 500 anos de nascimento do reformador Martim Lutero. Na figura 8 a seguir destaca-se que o referido exemplar apresenta fotos (reais) do castelo onde o reformador esteve enclausurado e descreve algumas peculiaridades sobre sua vida, tais como: família, amigos, costumes e curiosidades da época em destaque.

Figura 8 – Revista O Amigo das Crianças, jan. 1983



Fonte: Acervo HISALES

Os temas tratados nessa edição e a maneira como o impresso apresenta as informações aos leitores pode ser considerada diferenciada frente aos demais exemplos até então analisados. Há uma perceptível readequação na linguagem utilizada pela editoria do impresso.

Logo a seguir, na metade da década de 1980, ocorre outra significativa modificação. O periódico ainda possuía quatro páginas, porém, começa, neste período, a surgir as primeiras capas coloridas. As cores, ou tarjas alocadas na parte superior das capas, serviam para demarcar os meses dos anos.

Conforme apresenta a figura (9) o exemplar de janeiro de 1985, ano e mês em que se inicia essa prática, apresenta o logo e a capa colorida em azul. Deste momento em diante essa condição de associar as cores das capas do impresso junto a cada

passagem/datas comemorativas específicas na IECLB foi uma atitude adotada por longos períodos.

Figura 9 – Revista O Amigo das Crianças, jan. 1985



Fonte: Acervo HISALES

Para cada mês, uma cor correspondente era utilizada. Sabendo que a distribuição era semanal, logo, quatro delas, para cada período de um mês, seriam representadas por uma mesma cor. Por consequência, eram selecionadas então doze cores distintas para perfazer o período de um ano.

Neste ponto é necessário destacar uma prática desenvolvida pela instituição IECLB que produz um calendário de planejamento anual denominado “Calendário do Ano Litúrgico”. Sua principal função é demarcar datas consideradas relevantes e períodos específicos vivenciados por sujeitos que frequentam regularmente as atividades disponibilizadas pelas comunidades luteranas.

O calendário, ao procurar apresentar tal distinção entre períodos, faz uso de cores para apontar e indicar as delimitações presentes nas programações planejadas para o período de um ano.

Conforme informa o portal oficial da IECLB:

Uma das muitas formas que a igreja encontrou para desenvolver e estruturar o seu serviço foi a criação de um calendário litúrgico. Assim como existe um calendário civil, na igreja há um calendário eclesiástico o qual marca as datas especiais e as festas mais importantes para a celebração da fé e da história de Deus conosco (PORTAL LUTERANOS, 2023).

Desse modo, a instituição apresenta em vários segmentos a utilização de cores que passam, então, a representar períodos ou datas específicas no calendário próprio dos sujeitos que frequentam os espaços da instituição IECLB. A figura 10 a seguir apresenta a capa do calendário do ano litúrgico.

Figura 10 – Calendário do ano litúrgico



Fonte: Portal Luteranos IECLB

Elaborado de acordo com o "Lecionário Comum¹¹ Revisado da IECLB", o calendário é disponibilizado para praticamente todas as comunidades vinculadas a

¹¹Lecionário é uma coletânea de leituras bíblicas, criteriosamente escolhidas para as diferentes ocasiões em que a comunidade cristã se coloca sob a palavra de Deus. Ele foi adotado na IECLB ao lado da Série Histórica a partir de 1990 e passou a orientar os subsídios homiléticos publicados no periódico Proclamar Liberdade a partir daquele ano.

Fonte: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/leccionario-comum-revisado>

Figura 12 – Revista O Amigo das Crianças, jan. 1992

Jesus, o amigo

Uma criança escreveu duas mensagens a respeito de Jesus. Vamos descobrir quais são elas? As duas mensagens devem ser transcritas para os quadros de mensagens nº 1 e nº 2.

É bem simples descobrir as mensagens.

Há somente um quadro preenchido com letras. Ao lado deste quadro há outro com quadradinhos pintados de preto. Risque de leve os quadradinhos do primeiro quadro conforme os quadradinhos pretos do segundo quadro. As letras que sobrarem, formam a mensagem nº 1. Escreva as letras que sobraram, no quadro da mensagem nº 1.

Escreva no quadro de mensagem nº 2 as letras que você riscou. No final, você encontrará as duas mensagens.

Quadro nº 1

J	E	E	S	U	U	S
É	C	O	U	N	N	A
F	M	I	I	G	O	O
P	A	E	R	E	M	A
J	T	O	E	D	A	S
H	O	R	U	A	S	

Quadro nº 2

Mensagem nº 1

Mensagem nº 2

Resposta do nº 03 — Charadas

1. A caixa de fósforos

2. Os dedos

3. A caneta esferográfica

4. O mamão

5. A agulha da máquina de costura.

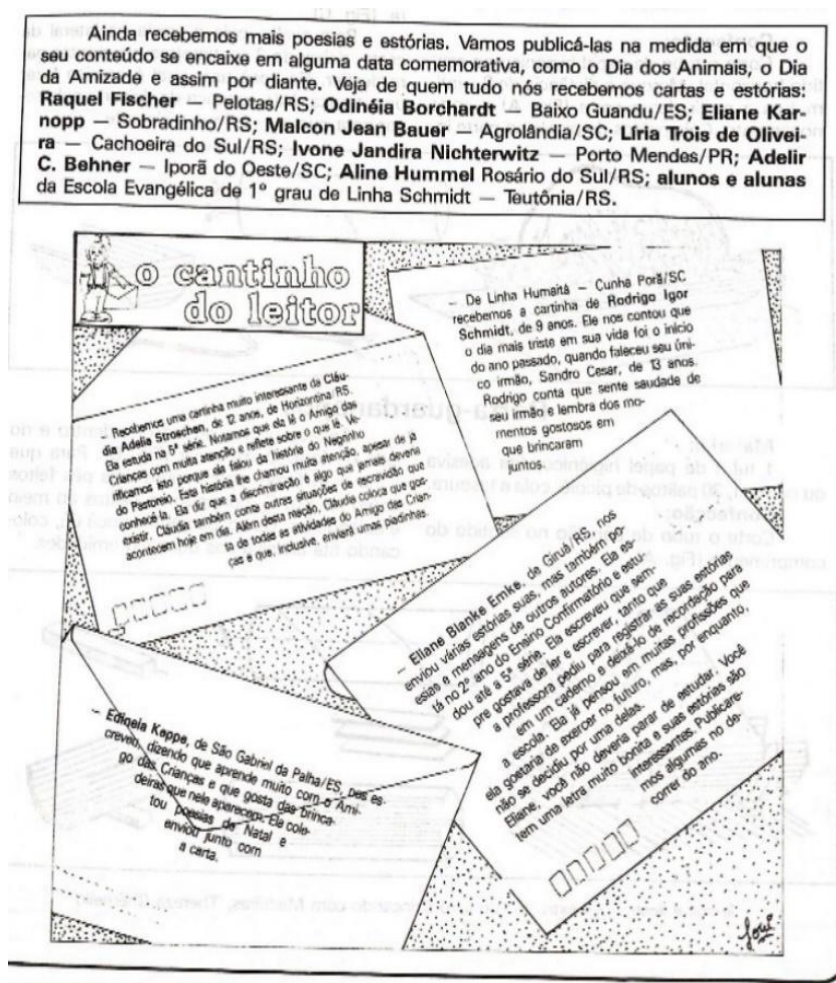
Fonte: Acervo HISALES

Percebe-se, então, um aumento relevante no número de leitores e assinantes que passaram a enviar cartas para a seção *O cantinho do leitor*. Na edição de fevereiro de 1992, o editor informa que “publicou uma história enviada por um leitor”. Nesse ponto verifica-se um movimento de aproximação entre editorial e leitores.

Fica evidenciado, igualmente, que nesse período era maior o número de cartas recebidas pela editora em relação ao espaço disponibilizado para a publicação delas nas edições semanais, que não comportavam o elevado montante de atividades e desenhos que as crianças enviavam.

A informação que comprova esse cenário pode ser vista quando o próprio editor reforça, conforme conteúdo em destaque na figura 13, que a caixa postal da editora “recebeu mais poesias e estórias” que posteriormente serão publicadas, respeitadas algumas condições.

Figura 13 – Revista O Amigo das Crianças, fev. 1992



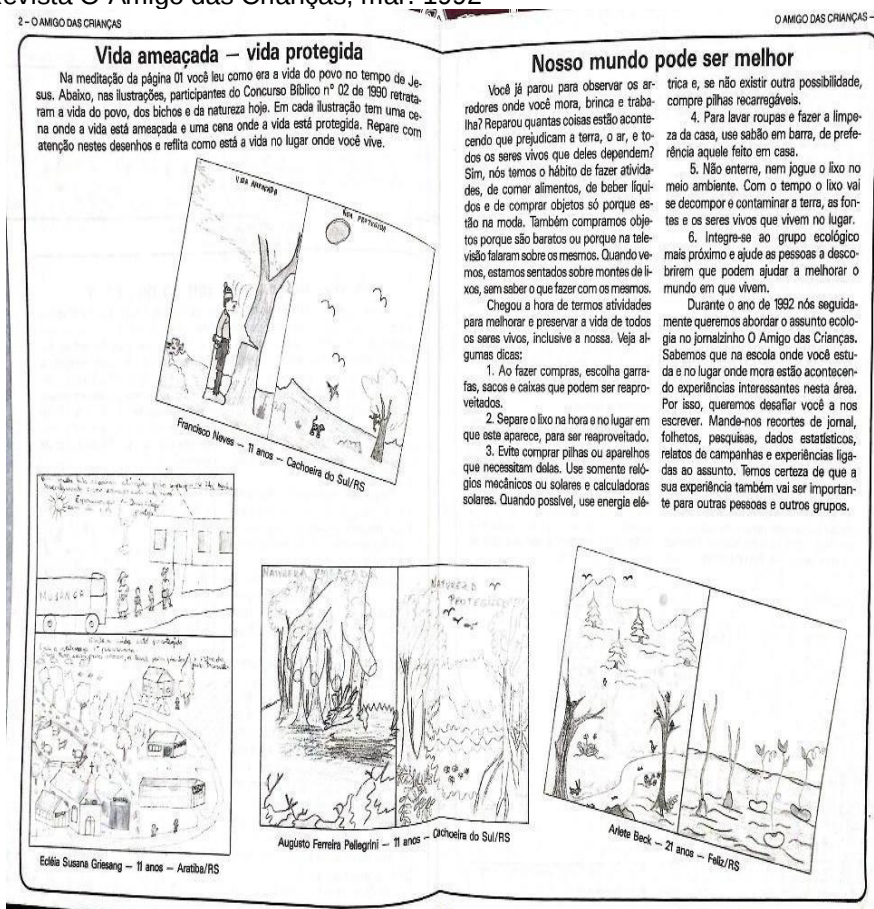
Fonte: Acervo HISALES

Nesse período, identifica-se que as edições oportunizaram um diálogo mais próximo com os assinantes. Mesmo que, às vezes, as “produções” dos leitores não alcançassem a desejada publicação, a editora publicava o nome do assinante que enviou algum tipo de material.

Conforme se observa na Figura 14, intensificou-se a ação criativa dos leitores que passaram a enviar diversos desenhos feitos à mão, charadas e atividades em geral. Percebe-se a estratégia editorial ao instigar que as produções dos leitores fossem enviadas, via correio, para a caixa postal da Editora Sinodal.

O leitor e assinante certamente poderia adquirir novos exemplares em virtude da possibilidade de constatar que as atividades que foram por ele enviadas realmente haviam sido publicadas nas edições seguintes do periódico.

Figura 14 – Revista O Amigo das Crianças, mar. 1992



Fonte: Acervo HISALES

O aumento de leitores destaca esse período como auge de vendas¹² alcançadas até então pelo impresso. A equipe editorial procurava contemplar as datas comemorativas que já faziam parte do calendário anual das comunidades filiadas a IECLB.

Esse movimento representou um crescimento exponencial na área mercadológica na qual o impresso fazia parte. Nesse sentido, observa-se a estratégia editorial em alavancar ainda mais o número de assinantes do periódico. Na figura 15 é apresentado um encarte que fazia parte da edição correspondente a março de 1992. Ele promove a campanha de assinaturas para o referido ano.

¹² Não foram encontrados documentos comprobatórios oficiais que determinassem qual o número de exemplares e quantidade de assinantes referentes a este período.

Figura 15 – Revista O Amigo das Crianças, mar. 1992

O AMIGO DAS CRIANÇAS

O JORNALZINHO ALTERNATIVO PARA AS CRIANÇAS!

Divulgue-o e faça a sua assinatura!

PEDIDO	
Qtde. assinaturas	Destinatário

Editora Sinodal

Cr\$ 5.480,00 POR ASSINATURA

VÁLIDO DE 1º A 31/03/1992

Fonte: Acervo HISALES

Alcançando a metade da década de 1990, o impresso seguiu respeitando os mesmos formatos estabelecidos nos últimos anos. Ressalta-se a qualidade das tarjas coloridas que estão dispostas nas capas do periódico. Elas apresentam uma resolução diferenciada em relação às impressões em cores iniciadas em 1985.

Na figura 16 nota-se que “dourado” foi a cor escolhida para representar o mês de junho de 1996. Nesse caso, todas as edições correspondentes ao referido mês apresentam a mesma tarja em cada exemplar. Ao manusear um conjunto de periódicos nos acervos, a condição ainda surge de forma destacada, pois se observa na totalidade, por meio da distinção de cores¹³, os diferentes meses do ano.

¹³Para mais informações acesse: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/cores-liturgicas->

Figura 16 – Revista O Amigo das Crianças, jun. 1996



Fonte: Acervo HISALES

Seguindo esse direcionamento, observa-se a seguir que no exemplar em destaque na figura 17, o azul demarca as edições correspondentes ao mês de agosto de 1996. A distinção entre os meses ganha evidência por conta da utilização de cores que identificam cada grupo de publicações, geralmente formado por quatro exemplares referentes a um mês em específico.

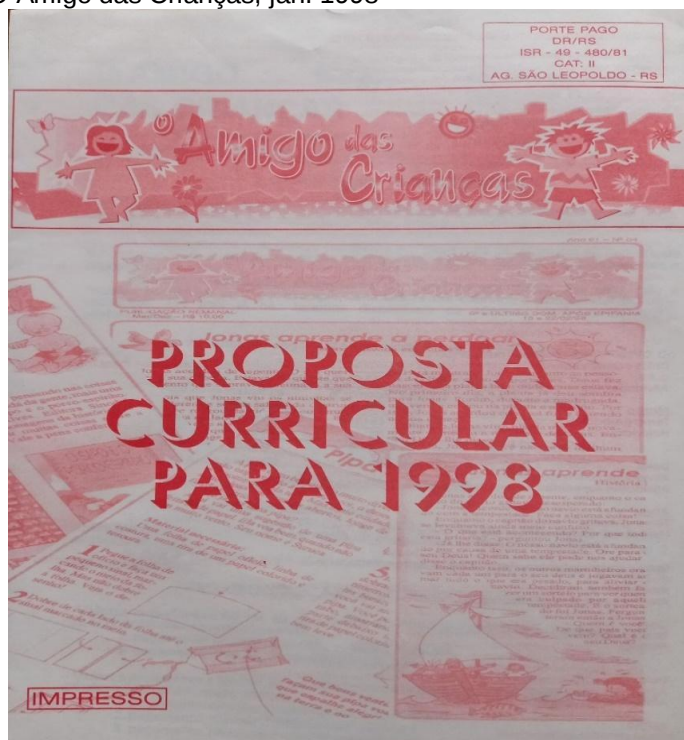
Figura 17– Revista O Amigo das Crianças, ago. 1996



Fonte: Acervo HISALES

Nas páginas do impresso, o ano de 1998 inicia tendo como atrativos duas singulares iniciativas que estariam sendo usadas pela primeira vez pela equipe editorial em toda a série histórica do *O Amigo das Crianças*. Na figura 18 pode ser observada a primeira: uma proposta curricular para utilização no ano de 1998.

Figura 18 – Revista O Amigo das Crianças, jan. 1998



Fonte: Acervo G. B. M.

A segunda iniciativa, conforme se observa na figura 19, remete-se à substancial modificação pela qual o *Layout* do periódico foi submetido. Desde a capa, que agora apresenta-se com um maior número de cores, passando pelo logotipo, que também contou com uma reformulação, chegando aos conteúdos e temas que passaram a estabelecer em seu diálogo com os leitores, uma linguagem característica que não esteve presente em períodos anteriores.

Figura 19 – Revista O Amigo das Crianças, mar. 1998



Fonte: Acervo G. B. M.

Os exemplares do ano de 1998 marcam uma nova fase do *O Amigo das Crianças*. O impresso passou a ser diferenciado em vários aspectos, mesmo que esteja circulando ainda com quatro páginas, número que era anteriormente utilizado pela editora, a partir de então todas elas são coloridas.

Encontra-se maior ludicidade nos temas que são trabalhados. Surgem uma grande variedade de desenhos de animais, plantas, paisagens, meio-ambiente, lagos, rios entre outros. Os textos abordam questões inerentes à vida cotidiana das crianças e que anteriormente não eram debatidas pelo impresso.

Esse modelo, e suas novas e determinantes características, foram mantidos e se tornariam uma constante até o início do ano de 2006. Nessa data, esse formato passou por outra transformação, o impresso passou a ser distribuído como uma revista de circulação bimensal. Desde então, ela conta com 20 páginas coloridas,

ilustradas e preparadas para que, segundo o conselho editorial (CEC, 2019), a criança “aprenda interagindo, brincando e criando”.

Ainda em 2006, outro ajuste pelo qual o impresso passaria se deu no tamanho das páginas dos exemplares, que também contaram com alterações significativas, passando de 12 para 35 cm. Além dessa iniciativa, o impresso *O Amigo das Crianças* passa a ser denominado como “revista” e a abordagem ao público leitor é completamente diferenciada, se comparada com edições de datas anteriores.

Embora esse mesmo formato ainda seja mantido, é a partir de 2014 que foram elaboradas e agregadas outras propostas que acompanham cada exemplar da revista. Além da edição para o público leitor, é disponibilizada aos professores uma “proposta metodológica”.

Trata-se de um arquivo *on-line* que se encontra disponível para *download* na página oficial da IECLB na *internet*. Ela traz em seu conteúdo, propostas pedagógicas/metodológicas que visam auxiliar professores e alunos. Estão voltadas para auxiliar nas abordagens em sala de aula, a partir dos temas tratados no conteúdo da revista.

A partir de 2014, as edições do impresso seguiram apresentando o mesmo formato em suas publicações. A diversidade dos temas trabalhados continuaram sendo uma constante no planejamento da equipe editorial. Pode-se compreender que a instituição IECLB, usou uma estratégia, como aponta Certeau (2008), para adequar-se ao novo perfil de linguagem que o mercado consumidor passou a exigir.

A figura 20 a seguir, apresenta uma edição de 2018. Observa-se na capa, a iniciativa de promover inclusão, se analisadas a diversidade quanto às cores e aos personagens destacados na ilustração do periódico.

Figura 20 – Revista O Amigo das Crianças, jan./fev. 2018



Fonte: Acervo HISALES

Desde 2018, a possibilidade de acesso ao periódico também ocorre por meio eletrônico. A IECLB disponibiliza para *download* exemplares lançados há mais de 6 meses pela Editora Sinodal. Desta forma, o leitor pode acessar o *site* da instituição e obter exemplares das edições anteriores. Para essa modalidade de distribuição não há custos para o leitor.

A figura 21 apresenta a revista no ano de 2018. As edições ainda possuem 20 páginas, todas coloridas, e sua distribuição aos leitores ocorre em período bimensal. Seguindo esse modelo, o periódico conta, com a distribuição de seis exemplares da revista a cada ano e junto a eles, seguem, igualmente, o caderno de atividades para professores.

Figura 21 – Revista O Amigo das Crianças, jan./fev. 2023



Fonte: Acervo Editora Sinodal

Sendo assim, baseado nesta breve apresentação, fica evidenciado que ao longo de seus 85 anos de existência, crianças, adolescentes, jovens e adultos, pertencentes a distintas gerações, já estiveram em contato com esse impresso e dele fizeram uso em diferentes épocas.

Ao observar seu longo período de existência, depreende-se, que muitos seriam os detalhes passíveis de reflexão sobre esse periódico. Trata-se, realmente, de uma trajetória que pode ser descrita de várias formas. Basear-se em seu amplo histórico é constatar, diretamente, a riqueza de detalhes que o impresso possui. Porém, neste capítulo, pretendeu-se realizar uma breve apresentação, destacando os fatos considerados preponderantes para a discussão aqui pretendida.

Compreende-se, então, que ao elencar um impresso de cunho educativo como fonte e objeto de uma análise investigativa acadêmica, deve-se atentar para qual área de pesquisa esta proposta estará vinculada. No caso específico do periódico

denominado *O Amigo das Crianças*, a abordagem refere-se diretamente ao campo de estudos da História da Educação.

Nesse espaço, percebe-se que dentre as temáticas abordadas em variadas produções científicas, os impressos possuem um lugar de destaque. Essa estreita relação pode tornar-se perceptível se observadas a quantidade de produções acadêmicas publicadas em repositórios nos mais variados níveis: licenciatura, graduação e pós-graduação.

Não raro, pesquisas no campo historiográfico se valem dessas fontes/registros como aporte principal para usos distintos, tais como: descrição, problematização, observação, comparação, entre outras atividades, no decorrer de suas análises investigativas. Porém, a configuração que privilegia o uso de impressos em determinadas pesquisas acadêmicas não pode ser vista como uma totalidade ou como algo posto.

Como Luca (2008) aponta, a prática historiográfica alterou-se significativamente nas décadas finais do século XX com a terceira geração dos Annales. Eles não negaram a relevância das questões de ordem estrutural perceptíveis na longa duração, ainda assim, realizaram deslocamentos com vistas à observação de novos objetos, problemas e abordagens.

Luca (2008) reforça que os aportes analíticos provenientes de outras Ciências Humanas, como a Sociologia, a Psicanálise, a Antropologia, a Linguística e a Semiótica, ao mesmo tempo, em que incentivavam a interdisciplinaridade e traziam contribuições metodológicas importantes, forçavam o historiador a refletir sobre as fronteiras da sua própria disciplina, cada vez mais difíceis de precisar.

Essa afirmação demonstra que no próprio campo historiográfico houve um deslocamento, o que possibilitou, às fontes impressas, a condição de serem elencadas a ocupar posições de destaque, tanto como fonte quanto objeto de análises investigativas. Transformaram-se, assim, em essenciais aportes materiais para o desenvolvimento de estudos científico/acadêmicos. Nesse sentido, no cenário de estudos da História da Educação, no que diz respeito às fontes, ganharam destaque as denominadas “fontes impressas”.

O deslocamento foi responsável pela tomada de novos rumos advindos da introdução, nas pesquisas realizadas, da perspectiva da História Cultural. Cabe aqui lembrar, a posição de destaque que a partir de então os impressos alcançaram em

estudos voltados para determinados períodos históricos. Ao analisar-se um contexto histórico em específico, tendo como foco um determinado interesse, a observação de impressos pode contribuir com efetividade.

Conforme Chartier (1990), por meio da investigação das páginas de um periódico, é possível compreender como se configuram aspectos referentes às configurações sociais ou comportamentos de uma determinada sociedade em uma época específica. No que tange a aspectos técnicos, tais estudos podem também promover reflexões acerca de temas que circundam esse meio, tais como: editoração, produção, distribuição, entre outros.

Assim, dentro desse campo de pesquisa:

A ideia mais comum é que o contato do historiador com sua ferramenta fundamental de pesquisa- documento escrito - ocorre, notadamente, em arquivos públicos de abrangência nacional, estadual e/ou municipal e, em seguida, em arquivos particulares, museus, bibliotecas, centros de memória e/ou de documentação. Nesses locais, quer seja preservando a memória de atos administrativos e/ou quaisquer outros fatos considerados relevantes, os documentos apresentam-se selecionados, classificados, catalogados e, quando necessário, até mesmo restaurados. Constituem, assim, núcleos de referência nos quais, dependendo da organização do acervo disponível e das condições de trabalho, o pesquisador teria maior possibilidade de acesso aos dados que deseja coletar (SAMARA; TUPY, 2010, p. 67).

Nesse vasto cenário, pesquisadores e historiadores exploraram as mais variadas formas de materiais impressos. Ao estabelecerem vínculos com a perspectiva da História Cultural, Chartier (1990), destaca o enriquecimento significativo dos conteúdos observados pelas produções. Ampliaram-se temas e discussões, já que os impressos passaram regularmente a integrá-las.

Nota-se, a partir do exposto, que, metodológica e cientificamente, os impressos conquistaram seu lugar no cenário das pesquisas científicas. Cabe então ao pesquisador identificar quais são e onde estão alocadas as fontes que ele deseja investigar e fazer uso, visando a construção e o desenvolvimento de sua proposta de análise.

Porém, esse modelo de pesquisa nem sempre contou com essa formatação. Especificamente em território brasileiro, Luca (2008), explica que esse movimento começa a formar-se ainda na década de 1970, quando o impresso “jornal” começa, ele próprio, a ser identificado e utilizado como fonte e objeto da pesquisa histórica. Inicia-se o exercício de pesquisadores que passaram a praticar a observação da história da imprensa, a partir de meios e elementos advindos diretamente dela própria.

Conforme enfatiza Luca (2008, p. 111) até:

[...] a década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte para o conhecimento da história no Brasil. A introdução e difusão da imprensa no país e o itinerário de jornais e jornalistas já contava com bibliografia significativa, além de amudarem-se as edições fac-símiles e os catálogos dando conta de diários e revistas que haviam circulado em diferentes partes do território nacional.

Segundo Samara e Tupy (2010), outra forte influência se deu durante a difusão de cursos de graduação em História fundados junto aos cursos de Filosofia e Ciências Humanas em universidades de São Paulo e Rio de Janeiro. Essas instituições, atuando associadas às transformações político-sociais brasileiras e acompanhando as discussões teórico-metodológicas internacionais, depararam-se com o esgotamento de modelos de interpretação histórica.

Para as autoras, por esse motivo, ampliaram-se assim os campos de pesquisa e a procura por fontes, aumentou. Os historiadores, atuando interdisciplinarmente, apoiaram-se na Demografia, Economia, Antropologia, Sociologia, Literatura, entre outros. Logo, o fato de debruçar-se sobre esse novo modelo, aumentava a demanda por adquirir o hábito de consultar um maior número possível de documentos ou fontes.

Da mesma forma, Samara e Tupy (2010), apontam ainda para as primeiras décadas do século XX como correspondentes a um momento de grandes transformações em nossa sociedade. Elas estão registradas em diversos tipos de documentos, tais como: decretos, atas, ensaios, jornais, revistas, contos, romances, canções, diários, correspondências entre outros. No final do século XX e início do XXI, surgem inúmeras pesquisas em diferentes linhas temáticas utilizando, agora como fonte, essa grande variedade de impressos e registros.

Portanto, em cenário nacional, nota-se que esse modelo de método científico foi incentivado na história e está embasado na análise e reprodução documental, aliado também com a adoção de vínculos aos estudos desenvolvidos por outras disciplinas. Dessa forma, compreende-se que a partir da inserção de novos objetos de pesquisa, novos problemas, e principalmente, novas fontes¹⁴, começa a surgir e a ampliar-se o debate sobre a história no Brasil, utilizando como base, os impressos.

Ainda que sejam diversificadas as apropriações a que os impressos estejam

¹⁴ Na obra “A cultura escolar como objeto histórico”, Dominique Julia (2001) trata deste tema e aponta a necessidade de observação acerca da utilização de novas fontes no fazer historiográfico.

sujeitos, não pode ser subtraída a sua condição de monumentalidade, como destaca Le Goff (1996). A importância de observar e considerar o documento nessa condição aproxima o pesquisador de suas reais condições de produção histórica e, principalmente, de sua intencionalidade.

Nesse sentido, dentre as diversas contribuições de Bastos (2002) destaca-se sua observação acerca do papel pedagógico que os impressos, quer sejam revistas ou jornais idealizados e distribuídos por entes públicos ou privados, ocuparam e ocupam na História da Educação. Para Bastos (2002) os impressos oriundos das mais distintas fontes e voltados para públicos igualmente distintos podem oferecer muitas perspectivas para a compreensão da história da educação e do ensino nesses espaços específicos.

Sendo assim, atentando para o fato de que esta pesquisa se volta para a análise do impresso *O Amigo das Crianças*, se torna válido neste trabalho destacar, ainda que de maneira breve e ampla, como se deu a formação do cenário acerca das produções científicas que elencaram os impressos como principal tema.

5 Os professores da Escola Dominical

Nesta seção, serão apresentados e problematizados os relatos das professoras e do professor, que atuaram nas Escolas Dominicais e, que nesse espaço, utilizaram o periódico *O Amigo das Crianças* nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. Destaca-se, nesse contexto, a investigação acerca de seus vínculos e de como se deram as suas trajetórias no luteranismo. Nesse sentido, direcionou-se o enfoque para o período de suas atuações como professores nas Escolas Dominicais.

Com base na observação das práticas realizadas no espaço, Escola Dominical, pretende-se, principalmente, dar ênfase na compreensão de como se deu o processo de apropriação dos professores frente ao impresso. Igualmente, a pesquisa seguiu a proposta de observar como eram trabalhados os conteúdos que serviam de base/recurso didático para o planejamento e desenvolvimento das aulas.

Para tanto, observar os relatos dos professores acerca de como se davam tais aplicabilidades dos recursos didáticos utilizados mostrou-se uma iniciativa primordial. Sendo assim, no caso desta pesquisa, como o foco voltou-se para o impresso *O Amigo das Crianças*, identificou-se a necessidade de analisar os métodos aos quais os professores recorriam para utilizá-lo nas aulas das Escolas Dominicais.

Na escolha por tais indivíduos foram privilegiadas algumas premissas, dentre elas destacam-se: ter sido professor ou professora nas Escolas Dominicais; ter atuado em algum período relacionado ao recorte temporal estabelecido; ser um leitor do impresso *O Amigo das Crianças* ou ter utilizado o periódico como material didático durante as aulas da Escola Dominical.

Os nomes dos indivíduos que possuíam esses atributos foram surgindo por meio de contatos estabelecidos na própria comunidade evangélica São João. Além disso, via secretaria da comunidade, obteve-se acesso aos arquivos, registros e atas. Nesses documentos foram identificadas as pessoas que ocuparam cargos diretivos na Comunidade São João de Pelotas. Delas, buscaram-se informações referentes aos professores que compunham o quadro de ensino nas Escolas Dominicais no recorte temporal destacado pela pesquisa.

Dessa forma, chegou-se a um número de indicações que, juntas, alcançaram o montante de 20 pessoas com potencial para compor o grupo a ser entrevistado. Algumas já são falecidas. Outras não residem mais em Pelotas/RS. Uma parcela

manifestou a não disponibilidade em participar da pesquisa, por vezes, receosa ainda do momento vivido na pandemia (muitas pessoas alegaram questões de saúde ou da idade avançada).

Cabe afirmar que a definição por seguir as indicações de possíveis participantes da pesquisa, partiu das menções realizadas, espontaneamente, pelos próprios indivíduos que foram sendo contatados. Ou seja, um entrevistado acabava por indicar outro que poderia integrar o grupo de participantes. Assim, respeitar e contar com a interligação entre esses contatos pessoais como estratégia para compor o grupo a ser entrevistado mostrou-se uma iniciativa válida.

Nesse ponto, concorda-se com Vinuto (2014) quanto à possibilidade da formação de um grupo a ser pesquisado estar voltada para a amostragem denominada como “bola de neve”. Essa ação é válida quando uma investigação não procura trabalhar voltada para apontar probabilidades, mas, sim, contar com a formação de cadeias de referências entre os entrevistados. As características dessa tipologia começam a ser delineadas já nos primeiros passos, que passam a agir como indicativos para a formação inicial de um determinado grupo.

Segundo a autora:

O tipo de amostragem nomeado como bola de neve é uma forma de amostra não probabilística, que utiliza cadeias de referência. Ou seja, a partir desse tipo específico de amostragem não é possível determinar a probabilidade de seleção de cada participante na pesquisa, mas torna-se útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014, p. 203).

Os indicativos trazidos pela autora em muito se assemelham ao cenário encontrado pela pesquisa aqui desenvolvida. As dificuldades enfrentadas no que se refere ao estabelecimento de contatos presenciais com determinados entrevistados, indivíduos com potencial satisfatório para participar das entrevistas, apontaram para a necessidade da escolha de uma ação que supriria tal lacuna.

Tendo como foco os pressupostos baseados na amostragem denominada bola de neve, a pesquisa tratou de elencar, baseada em informações trazidas pela diretoria da Comunidade São João no ano de 2023, quem seriam as primeiras pessoas que poderiam participar das entrevistas. Ao optar-se por seguir esse modelo, o grupo de participantes começou a ser delineado.

Conforme apontado por Vinuto (2014), primeiro buscou-se:

Por documentos e/ou informantes-chaves, nomeados como sementes, a fim de localizar algumas pessoas com o perfil necessário para a pesquisa, dentro da população geral. Isso acontece porque uma amostra probabilística inicial é impossível ou impraticável, e assim as sementes ajudam o pesquisador a iniciar seus contatos e a tatear o grupo a ser pesquisado. Em seguida, solicita-se que as pessoas indicadas pelas sementes indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente e, dessa forma, o quadro de amostragem pode crescer a cada entrevista, caso seja do interesse do pesquisado (VINUTO, 2014, p. 203)

Ainda assim, como reforça a autora, é um equívoco supor que a amostragem em bola de neve possa ser encarada como uma alternativa relativamente simples de ser utilizada. As diversidades encontradas em determinados campos de pesquisa denotam, igualmente, suas particularidades e, conseqüentemente, suas implicações. Para Vinuto (2014) observar essas premissas deve ser considerado ao escolhê-la para o desenvolvimento de uma análise investigativa.

Deve-se enfatizar, conforme apontou Vinuto (2014), que não houve facilidade no planejamento da formação de tal grupo. Ainda que se tenha criado uma rede de contatos onde cada participante abordado pela pesquisa contribuía fazendo indicações de possíveis nomes, foram realizadas várias tentativas com alguns sujeitos que não puderam participar da pesquisa.

Dessa forma, dando continuidade ao processo, ao recorrer à amostragem bola de neve, foram escolhidos os sete participantes que possuem atributos para compor de forma satisfatória o grupo entrevistado.

Todos os entrevistados, de uma maneira ou de outra, possuem uma relação de proximidade quanto ao cenário macro desta pesquisa: são luteranos; nascidos em lares luteranos¹⁵; atuaram como professores nas Escolas Dominicais, utilizaram o impresso *O Amigo das Crianças* e são frequentadores assíduos das comunidades e demais espaços pertencentes a IECLB. Portanto, a escolha por elencar tais testemunhos orais não se deu de forma aleatória. Determinados critérios de avaliação foram utilizados para definir tal ação.

A tabela a seguir apresenta de forma descritiva algumas características específicas dos sete indivíduos que formam o grupo composto por seis professoras e um professor que concordaram em participar desta pesquisa. Procurou-se dar

¹⁵ Exceto a professora E.M. que antes de seu casamento com R.M. afirmou frequentar a igreja Católica.

destaque nesta apresentação para a formação, profissão, período de atuação na Escola Dominical e a localidade na qual as professoras e o professor atuaram.

Tabela 4 – Grupo de professores da Escola Dominical 16

Professoras (es)	Formação	Profissão	Período de atuação E D	Localidade em que atuou
I. V. B.	E. Fundamental	Do lar	1960 – 1972	Arroio do Padre
V. M. T. C.	Ensino Superior	Professora Estadual	1960 – 1975	Pelotas – Centro
G. B. M.	Ensino Superior	Professora Estadual	1979 – 1995	Pelotas – Centro, Laranjal e Navegantes
M. L. T. M.	Ensino Médio	Do lar	1980 – 1991	Pelotas – Centro
E. M.	E. Fundamental	Do lar	1980 – 1991	Pelotas – Centro
R. M.	Ensino Superior	Professor CEFET/RS	1980 – 1991	Pelotas – Centro
A. P. K.	Ensino Superior	Professora Anos iniciais	1985 – 1994	Pelotas –Laranjal e Centro

Fonte: Elaborado pelo autor

Por atuarem em períodos históricos e espaços geográficos distintos, sendo dois locais no município de Pelotas e um no município de Arroio do Padre os entrevistados trouxeram singularidades que reforçam, assim, que as experiências vividas por cada professor enriquecem o conteúdo de cada relato.

Tabela 5 – Comunidades onde atuaram e sua localização

N. de professores	Comunidade	Cidade
1	Arroio do Padre II	Arroio do Padre /RS
4	São João	Pelotas/RS
1	São João/Laranjal	Pelotas/RS
1	São João/Laranjal/Navegantes	Pelotas/RS

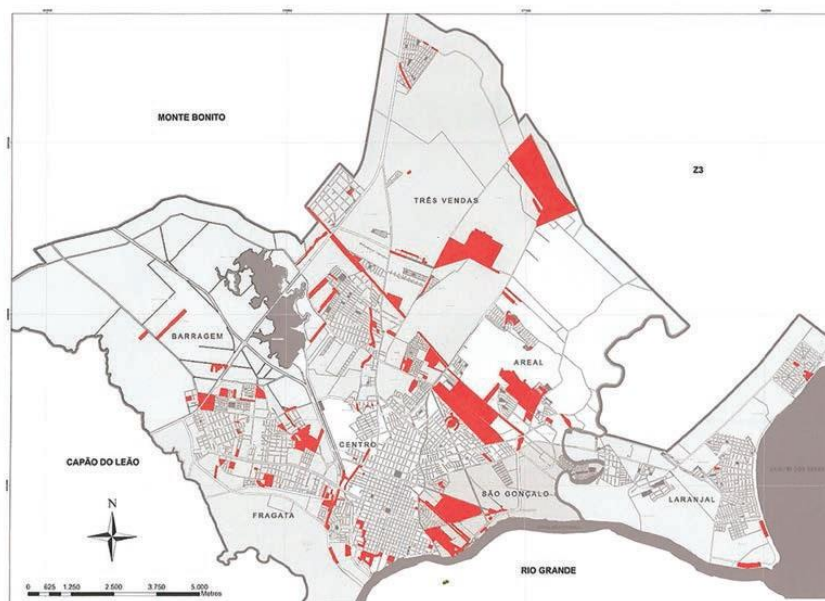
Fonte: Elaborado pelo autor

A tabela apresenta o número de professores das Escolas Dominicais que participaram das entrevistas e descreve as respectivas comunidades luteranas nas

¹⁶ Esta pesquisa foi submetida e aprovada pelo comitê de ética da universidade. Sendo assim, optou-se por fazer uso apenas das iniciais dos nomes dos participantes preservando assim suas identidades.

quais atuaram. Cabe ressaltar que dos sete entrevistados, cinco atuaram em uma só localidade. Os dois exemplos que diferem dos demais são: a professora que atuou em duas localidades; e a professora que atuou em três localidades.

Figura 22 – Mapa dos bairros da cidade de Pelotas/RS



Fonte: Prefeitura Municipal de Pelotas

Visando atuar com base em um planejamento prévio ao realizar as entrevistas, foi desenvolvido um roteiro com questões norteadoras¹⁷, e até mesmo balizadoras quanto ao desenvolver dessa ação. Sua principal função seria auxiliar no decorrer dos relatos. Mesmo assim, essa iniciativa não visava gerar controle sobre determinado assunto que estava em pauta. O entrevistado tinha total liberdade, à sua maneira, de discorrer sobre um tema específico.

Em diversos momentos, os depoentes procuraram complementar ou enriquecer seus relatos utilizando para tanto, exemplos que, por vezes, se distanciavam do objeto alvo da pesquisa. Nesses momentos, o roteiro auxiliava para que as questões elencadas pelo pesquisador pudessem ser novamente contempladas no decorrer dos diálogos estabelecidos.

Em suma, os conteúdos das entrevistas revelaram-se portadores de subsídios que trouxeram consistência para a discussão aqui pretendida. Foram disponibilizados aos entrevistados exemplares do impresso *O Amigo das Crianças* referentes aos mais

¹⁷ O roteiro de entrevistas que foi utilizado encontra-se disponibilizado como apêndice desta tese.

variados períodos de publicação. Vale destacar que, durante os relatos dos depoentes, ao passo que cada um deles entrava em contato com as edições do periódico, mais numerosas e detalhadas eram suas lembranças que corroboravam na descrição das práticas utilizadas em sala de aula.

5.1 As narrativas dos professores da Escola Dominical

No universo desta pesquisa pode-se afirmar que os sete entrevistados possuem uma atividade em comum, qual seja, a sua participação como professores nas Escolas Dominicais. Ainda que suas atuações tenham se dado em períodos distintos ou em localidades separadas geograficamente, conforme os relatos apontaram, as rotinas e as práticas desempenhadas são bastante semelhantes.

Nesse caso, ao rememorar suas trajetórias, cada professora e o professor, que esteve em contato com o impresso *O Amigo das Crianças*, trouxe elementos que instigavam a uma observação individualizada de suas atuações. Porém, ao completar-se as análises dos relatos, alguns indícios apontavam para a necessidade de considerar um olhar mais amplo quanto à observação e como deveriam ser tratados os conteúdos expostos nas falas dos depoentes.

Trata-se do vínculo estabelecido entre os professores das Escolas Dominicais. Em cada relato, mesmo que tais contatos entre pesquisador/pesquisado tenha se dado individualmente, os depoentes buscavam associar suas atuações junto aos demais professores. Quer seja relacionando suas falas a partir de exemplos, ou apontando iniciativas relacionadas ao grande grupo de docentes, essa manifestação espontânea dos entrevistados mostrou que a pesquisa não poderia negligenciar que havia uma determinada relação de unidade presente nesse grupo.

Nesse sentido, concorda-se que:

A memória é também coletiva e parte de um processo no qual o grupo, para dar um sentido de pertencimento nas relações sociais, acaba formando uma incessante construção das suas representações sociais na realidade em que viveu. Ou seja, é coletiva porque as recordações do grupo se marcam na lembrança do indivíduo pelo outro: é necessário ter o outro para reforçar e lembrar a recordação ou as práticas que os grupos tentam conservar (WEIDUSCHADT, 2012, p. 218).

Enfatiza-se que em nenhuma das entrevistas os participantes entraram em contato com os relatos de seus pares. O teor das entrevistas, adquirido de maneira

individual, não foi disponibilizado para consulta do restante do grupo. Sendo assim, entre os sujeitos selecionados para participar das entrevistas, não foi ofertada a possibilidade de entrar em contato com a descrição realizada anteriormente por outro entrevistado.

Ainda assim, sobressaiu-se nos relatos individuais, questões ligadas ao grupo como um todo. Fazem parte dos conteúdos, referências a datas específicas, determinadas ações coletivas, assim como a menção a nomes e cargos diretivos ocupados no período em que os professores entrevistados atuavam nas Escolas Dominicais.

Desse modo, concorda-se que:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum (Halbwachs, 1990, p. 33).

Nesse sentido, cabe destacar que, geralmente, quando um entrevistado associava uma memória a um período específico, o fazia a partir de correlações aos nomes de outros professores. Eles afirmaram que sempre prestaram auxílio mútuo no desempenhar de uma determinada ação, iniciativa ou tarefa por eles planejada e executada. Isso ocorreu porque havia a formação de “grupos” de professores que, em determinados períodos, atuavam na mesma linha de trabalho.

Vale lembrar, também, demais aproximações existentes entre os integrantes do grupo selecionado. Os entrevistados optaram por seguir semelhantes padrões culturais. Fazem parte de estruturas sociais que possuem certa similaridade, entre elas, como ponto central, destaca-se a questão da religiosidade, nesse caso, o luteranismo. Além disso, quanto à atuação como professores, compartilham de processos históricos que evidenciam, ainda mais, essa relativa proximidade.

Dessa maneira, para esta pesquisa, a iniciativa de valer-se dos aportes da História Oral, apresenta-se como um importante aporte. Isso ocorre porque essa metodologia oferta ferramentas para a melhor compreensão acerca dos conteúdos ora individualizados, ora formadores da totalidade dos relatos dos depoentes.

Como os professores integrantes da pesquisa transitam pelo mesmo ambiente religioso e fazem parte do mesmo grupo social, nesse caso, identificados como

leitores e professores que utilizaram o impresso *O Amigo das Crianças*, seus relatos podem ser analisados respeitando-se essa configuração de grupo.

Segundo Weiduschadt (2012) dentre as análises que voltam seu foco para a observação de processos históricos da educação, é válida a utilização da história oral como metodologia de pesquisa. A autora destaca que, nesse caso, essa escolha é válida ao passo que “[...] as memórias que se tenta apreender de depoentes formados numa base coletiva, nas relações sociais, porque todos são pertencentes ao mesmo círculo social e religioso e, ao mesmo tempo, mantém singularidades próprias” (WEIDUSCHADT, 2012, p. 220).

Logo, nesta pesquisa, notou-se a necessidade de optar pela utilização da história oral, pois essa, elencada como metodologia, pode abarcar justamente a discussão acerca de tais especificidades que constituem esse grupo entrevistado. A história oral pode, ainda, auxiliar na busca por compor, de maneira mais aprofundada, os conhecimentos sobre o cotidiano de determinada realidade. Fato esse que pode ser observado em um estudo voltado para a atuação dos professores das Escolas Dominicais.

Porém, o pesquisador deve estar ciente que:

Conhecer histórias de outras épocas, viajar entre práticas e documentos, adentrar na vida das professoras de outros tempos, supõe, entre outras exigências, sensibilidade e rigor teórico. Neste sentido, há que se fazer uma opção metodológica articulada a uma perspectiva que sustente a leitura da problemática (FISCHER, 1997, p. 6).

Por isso, Fischer (1997), complementa, ainda, que cabe ao pesquisador buscar, dentre as variantes historiográficas, aquela que mais se aproxima dos propósitos que a pesquisa almeja atingir. Segundo a autora, essa premissa deve ser respeitada, por ser nesse campo do saber histórico que deverá ser evidenciada a linha mestra para a operacionalização do processo investigativo.

Desse modo, ao entrevistar as professoras e o professor que atuaram nas Escolas Dominicais, a pesquisa passou a construir uma relação de proximidade com a história vivida por cada um deles. Ainda assim, seguiu-se a diretriz de ouvir, procurando interferir apenas quando se fazia necessário.

Essa ação visava gerar no entrevistado um estreitamento na relação pesquisa/pesquisado, balizando tal movimento pela confiança e pela proximidade ofertada por essa diretriz.

Demonstrar essa condição a eles, fez com que os relatos dos depoentes alcançassem fluidez e ofertassem uma variedade de peculiaridades que preencheram substancialmente o conteúdo a ser discutido nesta tese. Saber ouvi-los mostrou-se ser um movimento planejado que tornou válida esta iniciativa.

Desta forma, a investigação vai ao encontro de que:

A história oral, então, é primordialmente uma **arte** da escuta. Mesmo quando o diálogo permanece dentro da agenda original, os historiadores nem sempre estão cientes de que certas perguntas precisam ser feitas. É comum, aliás, que a informação mais importante se encontre para além daquilo que tanto o historiador quanto o narrador consideram historicamente relevante (PORTELLI, 2016, p. 10, grifos do autor).

Seguindo a definição que aponta a história oral como a “arte da escuta”, é necessário compreender que os entrevistados, ao relatarem suas experiências, referenciam seus atos tendo por aporte as memórias. Porém, o teor de seus relatos, são baseados em suas vivências do tempo presente. De certa forma, pode-se apontar que se trata de um sujeito descrevendo, em um período posterior, aquilo que ele próprio havia experienciado.

Por conta desta formatação é compreensível que alguns relatos se sobreponham a outros, complementem, discordem ou até retifiquem uma mesma informação. Isso ocorre porque os depoentes produzem seus discursos a partir de situações que foram por eles vivenciadas de forma individual. Nesse sentido, cabe destacar que, por vezes, a memória do entrevistado pode mostrar-se falha quanto a algumas afirmações.

Essa peculiaridade pode ser percebida quando alguns dos entrevistados abordavam temas específicos e, ao discorrer sobre eles, ratificavam, colaboravam e, por vezes, até mesmo apresentavam uma versão diferenciada sobre determinada ação realizada no passado. É interessante perceber que para rememorar uma data ou atividade, os depoentes o faziam voltando-se para detalhes que marcaram e trouxeram significação para a experiência que agora era descrita.

Nos relatos dos depoentes essa condição foi evidenciada. No decorrer de algumas falas, os entrevistados utilizavam algumas expressões, lembravam de nomes, apontavam localidades e neles buscavam referências. Essas ações é que acionavam em suas memórias o resgate de singulares passagens por eles vividas em sala de aula na Escola Dominical.

A capacidade de estar habilitado para captar tais minúcias, geralmente, colocava à prova o desempenho do pesquisador/entrevistador. Ao transcrever e analisar os primeiros relatos, muitas dúvidas surgiram. Dentre elas, a mais latente, voltava-se para a questão da capacidade em mobilizar o trabalho acerca dos resultados das entrevistas.

Por isso, nesse cenário é preciso fazer:

[...] uma distinção entre a *fonte* oral e a *tradição* oral: esta última é composta por construtos verbais que são formalizados, transmitidos, compartilhados, ao passo em que as fontes orais do historiador são narrativas individuais, informais, dialógicas, criadas no encontro entre historiador e narrador (PORTELLI, 2016, p. 9).

Nesse campo de estudos, fato que também pode ocorrer em outras áreas do conhecimento, algumas limitações podem ser encontradas durante o percurso de pesquisa. Principalmente se o pesquisador, como é o meu caso, não possuir formação específica no campo de estudos da história.

Fato semelhante ocorreu com Grazziotin (2008, p. 25), que, por esse motivo, formulou em sua tese questionamentos, tais como: “Não tendo formação de historiadora, como iria lidar com arquivos, memória, história oral, documentos, livros e todos os artefatos referentes a essa área de pesquisa”? Dessa forma a pesquisadora ponderou que a proximidade entre pesquisa, pesquisadora e o objeto pesquisado poderia dirimir esta possível ausência de habilitação para transitar em tal percurso.

Galvão e Lopes (2001, p. 32) trazem a seguinte informação quanto ao pesquisador estar habilitado ou não para executar esta tarefa: “[...] premissa do historiador de ofício, é possuir familiaridade com o objeto que vai investigar e com o campo que configura esse objeto: a educação e suas especialidades”. As autoras asseguraram, ainda: “[...] essas exigências não são dadas nem por um curso de graduação em Pedagogia, tampouco em História ou em Educação Física, Filosofia, Matemática, Química, Biologia, Psicologia, Letras”.

Sendo assim, a proximidade com o objeto, aliada a uma observação revestida de um rigor técnico por parte do pesquisador, são atributos que podem suprir parte da ausência de formação específica nesta área de estudos. O que não significa que uma investigação acadêmica referente a esse campo negligencie a definição e a importância que deve ser dada a metodologia denominada história oral.

Desta forma ao realizar tal investigação reforça-se que:

Quando falamos de *história oral*, entretanto, também nos referimos a algo mais específico. Mais do que uma ferramenta adicional, por vezes secundária, na panóplia do historiador, as fontes orais são utilizadas como o eixo de um outro tipo de trabalho histórico, no qual questões ligadas a memória, narrativa, subjetividade e diálogo moldam a própria agenda do historiador (PORTELLI, 2016, p. 9, grifos do autor).

E, a partir desta compreensão, ao mobilizar as falas dos entrevistados, buscou-se compreender o processo de apropriação do impresso *O Amigo das Crianças*, tendo como base os relatos das seis professoras e do professor, depoentes que se disponibilizaram em participar, auxiliando, assim, no processo de desenvolvimento desta pesquisa.

5.1.1 Docência na área rural da cidade de Pelotas/RS no Culto Infantil/Escola Dominical: anos 1960 a 1972

A primeira entrevistada pela pesquisa foi I. V. B., residente na cidade de Arroio do Padre¹⁸ /RS. Nascida em 1937, precursora no campo educativo referente ao “Culto infantil”, primeira denominação adotada à época e, posteriormente, se chamaria Escola Dominical, onde atuou como professora da paróquia IECLB, Arroio do Padre II, na metade dos anos 1960¹⁹. A entrevistada afirma que nasceu em um lar luterano, sempre foi luterana e sempre participou da mesma comunidade.

A ligação da professora com a história das Escolas Dominicais surge do seu desejo específico em atuar de maneira decisiva em alguma frente de trabalho. Ela afirmou que diversas iniciativas podem ser desenvolvidas nas práticas ofertadas em uma comunidade luterana da IECLB.

¹⁸ A colônia denominada Arroio do Padre pertencia ao Município de São Lourenço do Sul, sendo em 1890, incorporada ao município de Pelotas. Posteriormente, passou a integrar o Distrito de Santa Silvana, como 6º. Distrito de Pelotas. No dia 17 de abril de 1996, a colônia alemã se emancipou, tornando-se município. Atualmente sua população gira em torno de 2.985 habitantes. Fonte: <https://www.arroiodopadre.rs.gov.br/portal/>. Acesso em: 04.10.2022

¹⁹ Neste período a localidade de Arroio do Padre fazia parte do 6º distrito do Município de Pelotas-RS.

Eu queria participar da igreja. E o pastor disse: precisamos começar com o culto infantil *[prática educativa que em um período posterior passaria a ser chamada “Escola Dominical”]*. Porque as crianças precisam. E aí nós fizemos um curso em Morro Redondo /RS²⁰. Nós fomos *[duas professoras também a acompanharam]* lá fazer o curso. O ano era mais ou menos ... não lembro ... mais ou menos em 1955 ou 1960. Eu já era casada e já tinha filho. Aí fiz o curso com um professor [...] lá, naquela época, tinha o Centro de Eventos CETAP. Fizeram um prédio novo com a igreja, não lembro o nome. Ali foi o curso. Veio um professor de culto infantil da IECLB para nos dar o curso. Lá a gente aprendeu muitas coisas [...] (I. V. B., 2023)²¹.

I. V. B. recorda-se que o curso tratava de questões ligadas aos diferentes momentos que fazem parte do desenvolvimento de um “culto infantil”, terminologia até então utilizada. O pastor/instrutor do curso tratou de especificar para as alunas como deveriam ser elaboradas cada uma das etapas, para que a interação com as crianças se desse de maneira harmoniosa.

Nunca chega com a palavra lendo para eles. Primeiro, faz te conhecer e vai falar com eles “de leve” sobre tudo que tu queres falar. Para eles ficarem pensando nas coisas: o que é isso? De onde vem? Quem é? E como é que chegou até aqui?” Então ele disse: “com muito amor, porque eles não entendem! Pergunta para a criança: o que você gosta? Sempre perguntar para as crianças o que que ela gosta [...].

Segundo a entrevistada, foi explicado pelo palestrante algumas diretrizes a serem seguidas. O principal destaque é o momento de acolhida das crianças, considerado fundamental pelo ministrante do curso. Passada a etapa inicial, onde foram estabelecidas as primeiras interações entre a professora e a classe, é que deveria ser dada a entrada efetiva no contexto do “culto infantil”. Os questionamentos deveriam começar da seguinte forma: “como é que você veio aqui no culto infantil? O que nós vamos fazer agora no culto infantil? Isso faz eles envolverem-se, pensar!”.

Nesse ponto, pode ser discutida a utilização, ainda que de forma implícita e não intencional, da metodologia sociointeracionista a qual encontra em Vygotsky (1991. p. 115), a afirmação de que o homem baseia sua interação com o mundo através da mediação, à medida que a relação do homem com o mundo se dá através de mediações simbólicas. Para o autor, “[...] o aprendizado humano pressupõe uma natureza social específica em um processo pelo qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que o cercam”.

²⁰ Morro Redondo deixa de ser o 8º distrito do município de Pelotas-RS no dia 12 de maio de 1988, data que marca a conquista de sua emancipação política passando a categoria de município.

²¹ Depoimento concedido por I. V. B. em Arroio do Padre, no mês de abril de 2023.

Sendo assim, Barreto (2017) argumenta que ambientes escolares, sejam eles caracterizados como, formal ou não formal, são locais que aproximam socialmente os sujeitos, pois o indivíduo (tanto o aluno como o professor) passa a conviver e defrontar com as mais variadas construções socioculturais que cada integrante desse grupo social carrega consigo.

Nesse sentido, é possível compreender os motivos pelos quais as orientações do pastor que ministrava o curso buscavam promover a interação entre professora e alunos. O relato aponta que seguir essa diretriz seria a conduta ideal da professora. Ela precisaria ser desenvolvida para alcançar êxito na tarefa de trabalhar com as crianças em sala de aula. Nota-se que a principal intenção está voltada para a construção de proximidade a fim de conquistar a confiança das crianças na figura da professora que estará à frente da turma.

I. V. B. lembra que o pastor enfatizou:

Então diga para as crianças: ame ao Senhor de todo teu coração, de toda a tua alma e, assim, tu vais fazer a criança, gostar de ti! Acreditar em ti! Porque precisa acreditar! Falando assim com eles e envolvendo eles!”. Eu quero dizer que, eu ... eu estive no culto infantil aqui na minha comunidade quando começou! No curso, o texto bíblico que eles ensinaram era “O semeador”, porque nós seríamos semeadores no culto infantil (I. V. B., 2023).

A professora I. V. B. descreve em seu relato um cenário permeado pelo viés da condição doutrinária: quer seja na capacitação que ela recebeu, ou ainda, na maneira como ela futuramente procurou repassar para a turma os ensinamentos via utilização do impresso. Percebe-se, mais adiante, que essa perspectiva obteve prosseguimento nas atividades em sala de aula.

Esse contexto aproxima-se ao encontrado por Weiduschadt (2012). Quando a autora analisou um periódico denominado “O Pequeno Luterano” ela identificou que ele era produzido com objetivos educacionais definidos e explícita perspectiva doutrinária. Destaca, ainda, que esse periódico se constitui como um dos principais veículos pedagógicos de que se valeu o Sínodo de Missouri (atual Igreja Evangélica Luterana do Brasil/IELB).

Passado o período de realização do curso, a professora I. V. B., após concluir o percurso de sua capacitação, retorna à localidade de Arroio do Padre para dar início a implantação do culto infantil. Ela explica que aquele momento foi bem difícil. “Naquela época vinham bem poucas crianças para participar”. Mas I. V. B. afirma que não desistiu “[...] e então foi indo... indo e, assim, eu fui continuando”.

Um destaque na fala de I. V. B. retrata uma das possíveis causas para o baixo número de crianças que participavam do culto infantil. Trata-se do horário de funcionamento dos cultos. A condição dos pais não levarem as crianças até a igreja em dias em que não haveria o momento de culto para os adultos, representava ser um fator determinante para a baixa adesão.

Naquela época era muito difícil tudo! Naquela época que eu fazia o culto infantil, não era no horário do culto. Não era organizado assim tão bem ... eu fazia sozinha, no domingo de manhã, porque naquela época nós tínhamos um pastor e um culto por mês. Ele precisava atender seis comunidades. Era um culto por mês. Depois foi aumentando o número de crianças (I. V. B., 2023).

Dessa forma, não havia cultos todos os domingos. Um só pastor atendia seis comunidades localizadas nos arredores de Arroio do Padre. Sendo assim, geralmente em três domingos consecutivos, no mínimo, não ocorriam cultos no templo principal. Somente o culto infantil acabava por ser ofertado em todos os domingos para as crianças.

A partir dos anos 1980 o “Culto infantil” ou Escola Dominical passa a ser realizado no mesmo horário em que se desenvolviam os cultos no templo em algumas das igrejas luteranas da IECLB. Formato que até hoje é respeitado nas programações das comunidades localizadas em distintas regiões.

Nessa perspectiva, percebe-se o movimento de adequação, proposto pela direção da igreja, quanto aos horários e espaços. Identifica-se que tal atitude, voltada para questões ligadas à modalidade educativa Escola Dominical, buscavam aproximar-se de modelos controlados ou otimizados, que possuísem uma relação bem próxima de premissas inerentes à educação escolarizada.

De certa forma identifica-se que a instituição IECLB iniciava a prospectar uma nova organização para o desenvolvimento das aulas nas Escolas Dominicais. Nesse sentido, a Escola Dominical passaria por um processo de transformação que propiciava uma aproximação ao cenário educacional formal: alguns traços de representação da cultura escolar começam a emergir nesse cenário.

Julia (2001), destaca que a cultura escolar é um:

Conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10, grifos do autor).

Logo, ao verificar-se que os pressupostos citados anteriormente passariam a fazer parte do contexto das Escolas Dominicais, é possível afirmar que a estrutura passaria por reformulação em seu formato. Destaca-se que a partir de então a forma de utilização de materiais didáticos apontam para essa condição: transformar o espaço da Escola Dominical em um local com uma planejada ação educativa de cunho religioso.

Ao adentrar nas questões relacionadas aos materiais, os conteúdos e as dinâmicas que eram desenvolvidas em sala de aula, I. V. B. aponta, como primeira opção, a utilização do impresso *O Amigo das Crianças*.

A gente usava uma revista ... era ... *O Amigo das Crianças*. Os meus filhos usaram muito no culto infantil! [neste momento foi apresentada a entrevistada os exemplares do impresso]. Eu tenho muitas lembranças desse livrinho. Naquela época se dava de presente para as pessoas. Era muito bonito. Naquela época eu já recebia, porque tinha o pastor Friedrich Schluckebier que fazia a assinatura. O Arroio do Padre sempre era um pouquinho mais adiantado. Eles procuraram trazer pastores de fora. Eles vinham da Alemanha. Aqueles eram de tudo ... pastor, professor e enfermeiro (I. V. B., 2023).

A professora explica que por conta da iniciativa do pastor Friedrich Schluckebier, diversos moradores da localidade realizavam em conjunto a assinatura. O recebimento dos impressos se dava em um só endereço [sede da igreja]. I. V. B. explica que os valores cobrados²², não eram acessíveis a todas as classes de integrantes da comunidade. Por esse motivo, não havia um exemplar para cada criança que participava do culto infantil.

As revistas chegavam, aqui, para nós, uma vez por mês. Antes, o jornalzinho²³ vinha de transporte porque não tinha nem correio. Vinha de ônibus, em uma empresa chamada Euzébio. Tinha a assinatura do “Jornal Evangélico” e do *O Amigo das Crianças*. Tinha uns 50 assinantes. [...] Depois que [a revista] chegava tinha que ir lá na igreja para retirar (I. V. B., 2023).

²² Não foi possível estabelecer um parâmetro acerca dos custos, pois os exemplares pertencentes a este período, em específico, não trazem informações quanto a valores unitários e de assinaturas semestrais ou anuais para aquisição do impresso.

²³ Em diversos momentos o impresso “*O Amigo das Crianças*” é citado pelos depoentes como: jornalzinho, livrinho, livro, revista, revistinha.

O formato de recebimento, conforme relato da depoente, deve-se aos atributos de uma localidade de pequeno porte, como é o caso do município de Arroio do Padre. Cabe ressaltar que na década de 1960, ano em que I. V. B. iniciou sua trajetória como professora do culto infantil, Arroio do Padre ainda fazia parte da área distrital da cidade de Pelotas (Figura 23).

Figura 23 –Mapa da região de Pelotas/RS



Fonte: Prefeitura Municipal de Arroio do Padre

Conforme destacado por Beiersdorf e Weiduschadt (2013), Arroio do Padre, que possui uma área de 124,69 km² é conhecido como “o mais novo município da Serra dos Tapes”. Logo após o ato de emancipação, a localidade tornou-se um dos quatro municípios enclaves do Brasil. Segundo as autoras, tal denominação “Enclave” se deve ao fato de possuir limitação territorial unicamente com o município de Pelotas/RS.

Após deslocar-se até o prédio da igreja e efetuar a retirada dos exemplares do impresso *O Amigo das Crianças*, a depoente relata que logo procurava entrar em contato com os conteúdos. I. V. B. declara que dedicava atenção especial para a utilização do impresso em sala de aula durante o culto infantil.

A seguir é apresentada a figura 23. Trata-se de um exemplar correspondente ao segundo domingo de dezembro, do ano de 1965. Vale lembrar que, embasado no

que fora relatado pela depoente, a data aproxima-se relativamente ao momento em que iniciou sua prática como professora em sua comunidade.

Figura 24 – Revista O Amigo das Crianças, dez. 1965



Fonte: Acervo G. B. M.

A apresentação do exemplar do periódico visa demonstrar como era o formato do impresso quando a professora I. V. B. iniciou sua atuação no “Culto infantil”. Entrar em contato com as peculiaridades correspondentes a determinadas épocas, possibilita uma observação das condições ofertadas pelo material didático aos seus usuários. Acerca de sua atuação em sala de aula, I. V. B. afirma:

Eu lia a revista ... hoje está bem difícil eu conseguir ler ... para eles e falava do grande amor de Deus por nós. Eu ensinava quem era Jesus Cristo. E como nós devemos amar Ele. As crianças cantavam músicas e repetiam as passagens importantes ... os versículos ... as leituras que eu fazia. A aula [no culto infantil] era assim (I. V. B., 2023).

Uma questão semelhante à descrita anteriormente também foi encontrada por Weiduschadt (2012). Ao entrevistar uma professora que atuou na década de 1960 em uma Escola Dominical vinculada a IELB, a dinâmica de “apenas ler para os alunos” também foi apontada como uma maneira usada com certa frequência em sala de aula.

Segundo Weiduschadt (2012) ao prosseguir a entrevista, sua depoente reforçou que, neste período em específico (1960), por parte da direção da escola, havia pouca preocupação com a didática das aulas. Destacou, ainda, que, logo a seguir, por volta de 1965, no contexto da IELB, a prática da Escola Dominical estava bem mais organizada.

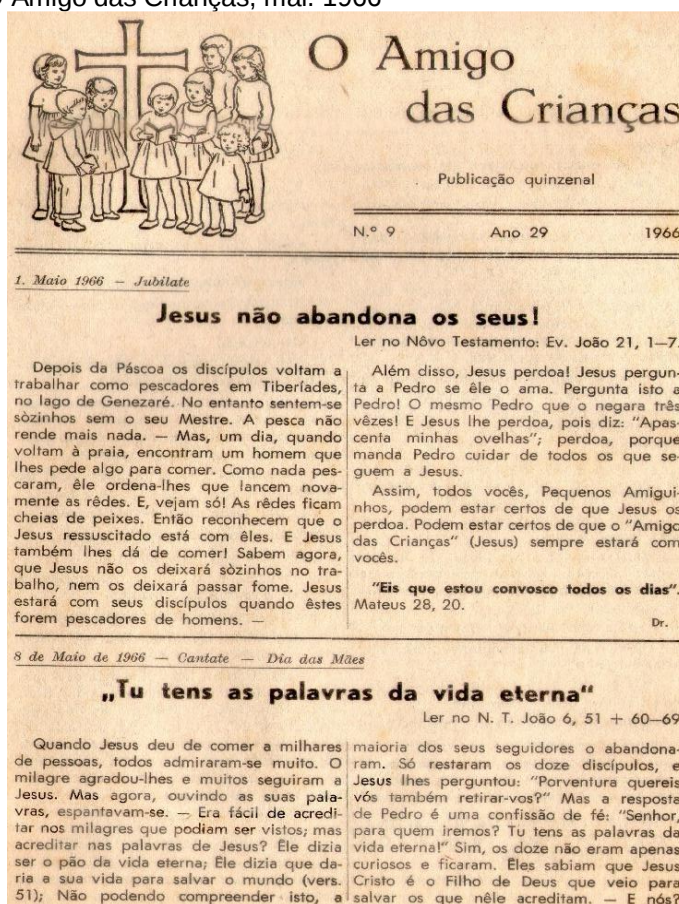
O mesmo formato relacionado ao planejamento e desenvolvimento das aulas nas Escolas Dominicais está presente no relato de I. V. B., que atuou nesses espaços na década de 1960, porém na perspectiva da IECLB, pode-se observar que a descrição referente às práticas escolares da época em destaque, em ambas as instituições, em muitos pontos se assemelha.

Para a depoente I. V. B.

Naquela época era difícil ensinar com a revista. Não é como hoje. Era tão tímido naquela época. Hoje as crianças são muito mais evoluídas. Por que se uma criança quer saber as coisas, agora é rapidinho, né? (I. V. B., 2023).

De maneira simples e objetiva, a depoente descreve, baseada em suas memórias, como ela se preparava, usando os materiais que dispunha e como eram desenvolvidas as suas propostas de atividades em sala de aula. Provavelmente, a sua formação escolar (I. V. B. concluiu a quarta série), pode ter influenciado em sua conduta. A depoente não possuía formação pedagógica. Deve ser considerado, ainda, o fato de fazer parte do contexto social vivido nos anos 1960, onde ela se dedicava, prioritariamente, aos cuidados com os filhos, as tarefas domésticas e residia em uma pequena localidade no interior da zona rural de Pelotas/RS.

Figura 25 – Revista O Amigo das Crianças, mai. 1966



Fonte: Acervo G. B. M.

A figura 25 ilustra como era um exemplar na década em questão. Cabe ressaltar que o material utilizado, as ferramentas gráficas disponíveis à época, os temas trabalhados no periódico fazem parte da década de 1960. Ainda assim, frente a diversidade de contingências, a professora afirma que conseguia trabalhar com o impresso em sala de aula, dentro de suas próprias limitações.

Percebe-se em seu relato, que o modo como a entrevistada procurava lidar com sua turma possui relação direta com o que apreendera como aluna do curso de formação de professores do culto infantil. Em suma, utilizando o seu conhecimento, no que era possível ser realizado naquele momento, I. V. B., relatou, sucintamente, como se dava sua atuação naquele espaço.

Portanto, é correto afirmar que a ferramenta utilizada por I. V. B. era a leitura que realizava em sala de aula. Para Chartier (1988), no ato de ler, os leitores ocupam um lugar de protagonismo. O autor reforça, ainda, que, por meio da premissa, a leitura pode ser compreendida como uma prática cultural. A afirmação pode ser identificada se observado o procedimento que a professora adotou em sala de aula: ler para os

alunos da Escola Dominical configura-se em uma prática na qual ela buscava apoio para viabilizar o uso do impresso.

Analisando o relato da entrevistada, percebe-se o modo como ela foi apropriando-se dos conteúdos do impresso. Assim, conforme apontado por Chartier (1988), a apropriação é um processo em que começa a tomar forma a construção e produção de sentido. No caso da depoente, percebe-se que tal movimento resultou, de certo modo, em uma ferramenta para auxiliá-la no espaço da Escola Dominical.

Dessa forma, nota-se que também houve significativa contribuição no que tange ao seu desempenho a frente da turma. A fala de I. V. B. denota que o ato de ler para as crianças trazia subsídios para a significação da própria história lida, em duas vias: a primeira para ela própria, que lia e fazia uso dos conteúdos como suporte didático no desenvolver de suas aulas; e a segunda, para as crianças, que ouviam a história lida e que mais adiante serviria de base para o desenvolvimento das atividades que seriam trabalhadas pela professora em sala de aula.

Nesse sentido fica evidenciado o exato ponto onde se encontra o cruzamento entre leitor e texto. Concorde-se com Chartier (1988), pois é voltando o foco para o ponto de articulação entre o sujeito leitor e o mundo do texto, que compreenderemos como o processo de apropriação pode afetar o leitor, conduzindo-o a uma nova forma de observar a si mesmo e a realidade na qual está inserido, conforme é o caso específico encontrado no cenário das Escolas Dominicais.

Quanto às táticas utilizadas pela entrevistada frente ao uso do impresso, pode-se afirmar que ela se valia da realização da leitura em voz alta para toda a turma de alunos. E, tendo por base esse modelo, a professora organizava diversas atividades, tais como: cantar músicas voltadas para o tema trabalhado, memorização de versículos que estavam presentes na leitura e na repetição, realizada pelos alunos, das partes apontadas pela depoente como “importantes para fixação”.

Identifica-se também, nos relatos das memórias da professora I. V. B., o seguinte indicativo: a depoente apresenta os primeiros laços que aproximam sua atuação individual relacionada com as desenvolvidas pelas demais professoras. Em sua fala surge o primeiro exemplo que evidencia a interligação entre os indivíduos pertencentes ao grupo.

Desse modo, cabe apontar que, conforme apontado por Weiduschadt (2012), a ação de estabelecer contato verbal com os leitores do impresso por ela investigado

foi um dos procedimentos metodológicos que trouxeram resultados significativos que a ajudaram a dirimir as questões iniciais de sua pesquisa.

Para a autora, a investigação acerca da memória de sujeitos envolvidos com o periódico que era alvo de sua pesquisa, possibilitou, igualmente, que as indagações que emergiram ao longo do percurso investigativo pudessem ser respondidas. Este é um indicativo que poderá contribuir para a continuidade da análise acerca do impresso *O Amigo das Crianças*.

Cabe destacar que I. V. B. foi a primeira professora entrevistada nesta pesquisa. Portanto, sua fala é permeada de fatos relevantes que eram desconhecidos até então. Mesmo assim, ainda que suas lembranças façam parte de uma memória individual, ela busca relacioná-las com as demais experiências por ela vividas.

Nesse sentido, destaca-se a iniciativa de apontar nomes e locais ao mencionar a atuação de uma professora, residente em outra localidade, que igualmente iniciava sua trajetória junto ao culto infantil e ao trabalho com as crianças.

Conforme define Halbwachs (1990, p. 53-54):

Um homem, para evocar seu próprio passado, tem freqüentemente necessidade de fazer apelo às lembranças dos outros. Ele se reporta a pontos de referência que existem fora dele, e que são fixados pela sociedade. Mais ainda, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as idéias, que o indivíduo não inventou e que emprestou de seu meio.

A atitude da entrevistada aponta estritamente para este modelo desenvolvido por Halbwachs (1990). Para estabelecer referências quanto aos períodos iniciais sobre sua própria atuação nas Escolas Dominicais, ela vinculou sua trajetória junto à de outra professora.

Nota-se, então, que o período de atuação de I. V. B. também esteve, de certa maneira, relacionado a demais atividades desenvolvidas por outras pessoas também atuantes em Escolas Dominicais. Mesmo que estas ocorressem em locais separados geograficamente de onde ela residia e lecionava.

Segundo I. V. B.

Lá na comunidade São João [centro de Pelotas/RS], já tinha naquela época [provavelmente 1970] a professora V. M. T. C. Ela começou lá com o culto infantil. Aí, ela fez a (EBF) Escola Bíblica de Férias. Isso depois de uns dez anos no mínimo. Os meus filhos já eram adultos ... talvez não bem dez anos depois..., mas eles eram adultos. Eles já eram professores do culto infantil. E quando começou a (EBF), então, era em âmbito paroquial (I. V. B., 2023).

Nesse momento, o depoimento de I. V. B. sinaliza uma pista sobre a existência de uma memória coletiva, fato que igualmente reverberou na posterior fala dos demais depoentes. Ela destacou um nome em específico que, por ela, foi rememorado sem nenhum tipo de interferência do pesquisador. Trata-se da professora V. M. T. C., também pioneira em fomentar iniciativas voltadas para o público infantil nas comunidades vinculadas à IECLB.

5.1.2 Docência no centro urbano: Culto Infantil/Escola Dominical entre os anos de 1960 e 1975 na cidade de Pelotas

A segunda professora entrevistada²⁴ foi V. M. T. C., 80 anos. Ela possui formação em magistério, foi professora estadual durante 32 anos. Atuou como professora na Escola Dominical entre (1960-1975). Luterana, participante assídua da Comunidade São João de Pelotas/RS, a entrevistada afirma que frequentou este ambiente, praticamente, desde seu nascimento.

Quanto a sua participação no ensino voltado para crianças, ela destaca:

Não lembro quando começou o culto infantil na comunidade [São João-Pelotas]. O que lembro eram as preparações para as apresentações de Natal, que eram feitas aos sábados à tarde, quando reuniam as crianças para os ensaios. Das datas corretas que entrei na escola dominical, não tenho registro, porque estive sempre participando em atividades na comunidade. Penso que posso considerar aproximadamente, quinze anos. Na década de 1960, comecei a atuar²⁵ [esporadicamente como auxiliar] no culto infantil, quando era dirigido pelo Sr. Oscar Hubner. Era durante os cultos. E ele que me orientava quanto ao material a ser apresentado às crianças (V. M. T. C., 2023).²⁶

Ao rememorar sua trajetória, a professora V. M. T. C. destacou que ela iniciou sua participação efetiva nas atividades na Escola Dominical, na Comunidade São João, em 1968, ano que marca a chegada do pastor Adelário Müller²⁷. A professora

²⁴ Depoimento concedido por V.M.T.C. em Pelotas, em abril de 2023.

²⁵ A professora não mencionou sua participação no curso para formação de professores que atuariam no culto infantil/escola dominical ao qual a depoente I. V. B. afirma ter participado na cidade de Morro Redondo – RS, na década de 1960.

²⁶

²⁷ Adelário Gert Müller foi pastor na Comunidade São João de Novembro/1967 a Dezembro/1968.

recorda que o “Culto infantil” / Escola Dominical começou a partir de uma ação dirigida por um grupo evangélico da Livraria Evangélica de Porto Alegre²⁸.

Este grupo, denominado como “Palavra da Vida”, acabou por dar início ao que, posteriormente, passou-se a ser chamada como (EBF) Escola Bíblica de Férias. Segundo a depoente, era grande o número de crianças participantes. A atividade recebeu esta denominação por ocorrer no período de férias escolares dos meses de junho e julho de cada ano.

Nos relatos de alguns depoentes é apontado que os integrantes do grupo “Palavra da Vida” buscaram inspiração para desenvolver esta atividade tendo por base a cultura das chamadas “colônias de férias escolares”, bastante comum nos Estados Unidos²⁹ nas décadas de 1960 e 1970. Já em território brasileiro, a intenção do grupo era replicar este mesmo modelo, porém, vinculando-o ao contexto do luteranismo.

Neste sentido, os indivíduos que trouxeram essa proposta de Porto Alegre /RS para Pelotas/RS procuraram os responsáveis pelo departamento de educação infantil/ Escolas Dominicais da Comunidade São João para que nesta localidade fosse organizada, então, uma iniciativa denominada “Escola Bíblica de Férias”. A proposta foi aceita e logo na primeira edição foi considerado que o número de crianças participantes superou as expectativas dos organizadores.

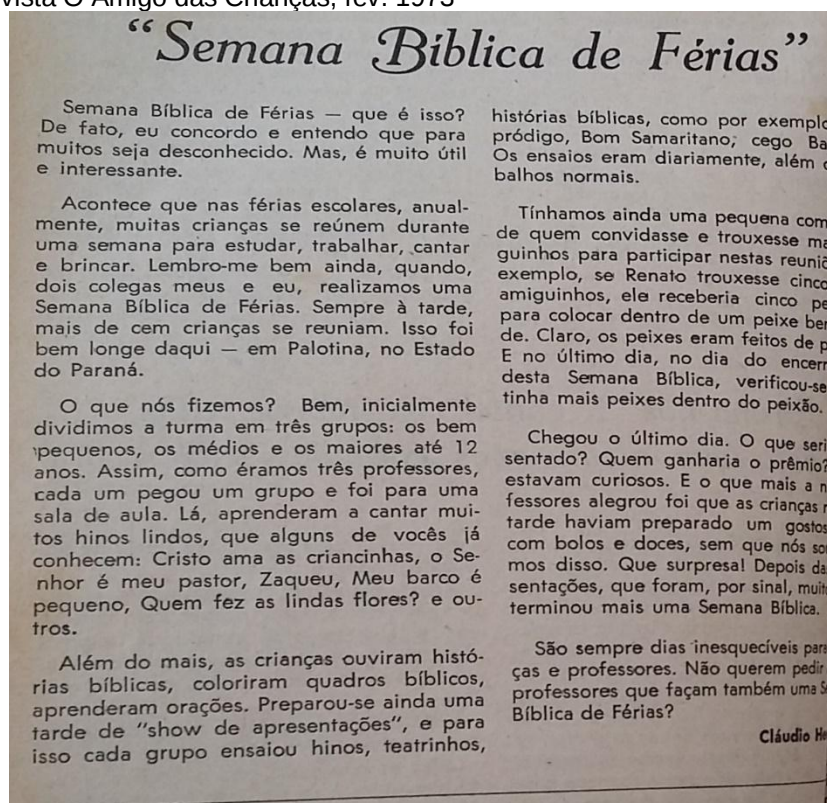
Desta forma, a iniciativa de promover a EBF, acabou por fomentar um crescimento considerável quanto ao número de crianças que continuavam a participar das ações da igreja, mesmo após o término da programação da EBF. Logo a seguir, como o público que participava deste momento específico aumentava exponencialmente, reforçou-se o intuito de organizar-se, de forma estrutural, uma configuração adequada para acolher os “futuros participantes” das Escolas Dominicais.

Na figura 25 é apresentada uma publicação relacionada ao tema.

²⁸ Criada em 1954 por missionários que vieram de Marburg (Alemanha) esta era uma iniciativa voltada para a promoção de missões evangélicas em diversas localidades. Destaca-se em sua trajetória a produção de folhetos produzidos e distribuídos pela editora da livraria. Na década e 1970 chegaram a ser distribuídos, por ano, cerca de dois milhões de folhetos.

²⁹ Assim como a professora V. M. T. C., outra participante da pesquisa, M. L. T. M., confirmou esta mesma condição em seu depoimento.

Figura 26 –: Revista O Amigo das Crianças, fev. 1973



Fonte: Acervo Editora Sinodal

A figura 26 demonstra, tal como indica Certeau (2008), que havia uma estratégia da editoria do impresso que observou a importância da ação e tratou de abordar este tema. Sendo assim, percebe-se que a EBF possuía um tratamento destacado tanto por professores e até mesmo pela direção da IELCB.

Pode-se definir essa ação como uma estratégia das comunidades para aumentar o quadro de fiéis. Segundo a depoente, as crianças que vinham à EBF eram incentivadas a trazer seus amigos, seus vizinhos, seus parentes. Desde então, era previsível que aumentaria o número de crianças que começavam a frequentar as comunidades e as Escolas Dominicais.

A professora V. M. T. C. relata: “[...] eu lembro que, quando meus filhos eram pequenos, eu vinha com os quatro filhos e mais um grupo de crianças, de amigos de cada um deles”! Ela aponta que, ao final da EBF, era realizado na igreja, com a participação das crianças e dos pais, um resumo do que foi discutido no decorrer de tal evento.

Por meio dessa ação muitas crianças acabaram participando das Escolas Dominicais nas igrejas. O fato de o impresso dedicar uma página inteira para esta

atividade é um indicativo desta relativa posição de destaque que a EBF recebia por parte da equipe diretiva da revista.

Nesse sentido concorda-se com Weiduschadt (2012, p. 255) ao afirmar que os impressos de cunho religioso utilizados nas Escolas Dominicais, podem fomentar “[...] criativas estratégias planejadas e executadas em cada período, e que esta ação, [...] pode reforçar a sua legitimação por décadas”.

A professora V. M. T. C. destaca que nestes momentos havia muita interação entre os pais das crianças que participavam da EBF, tais como: lanches comunitários, entrega de trabalhos e uma confraternização entre todos os participantes. Desta forma, a professora afirma que esta era uma experiência muito boa e muito valiosa.

Um trecho presente em sua fala merece destaque nesta análise: “[...] muitas crianças passaram a participar das Escolas Dominicais, por conta da experiência vivida por elas na EBF”. Logo, percebe-se que iniciativa serviu como um agente propulsor que influenciaria na configuração e proporção do que seria a “futura Escola Dominical”.

E, nos demais depoimentos que foram tomados, os professores entrevistados pela pesquisa também apontaram para esta condição. Ao realizar-se uma sequência de entrevistas, conforme aponta Fischer (2005, p. 62), geralmente “há um ponto em que todos os depoimentos, sem exceção, encontram afinidade. Trata-se das práticas de controle, sejam elas explícitas ou não”.

Neste caso, nota-se que este momento representou algo marcante para os entrevistados, por essa razão eles mencionaram tal fato. O teor das afirmações remete-se diretamente as questões voltadas para área de planejamento e controladoria das Escolas Dominicais. Percebe-se que a partir da ação iniciada pela EBF houve um aumento significativo no número de crianças participantes.

Assim, as novas configurações de grupo passariam por alterações significativas. Logo, nos planejamentos e nas diretrizes eram necessárias inserções de algumas alterações no formato para definir como este espaço passaria a acolher todos os recém-chegados.

Segundo V. M. T. C.:

A partir de então, na escola dominical, as crianças eram divididas entre maiores e menores e, mais tarde, mais especificamente conforme a idade. As crianças não alfabetizadas, crianças já alfabetizadas, depois primeiro [ano], segundo [ano], terceiro [ano], quarto [ano] e, depois, os prés confirmandos³⁰ (V. M. T. C., 2023).

Existe, nesta afirmação, a descrição de um aspecto de substancial importância no formato das Escolas Dominicais: a separação por sala, conforme a idade dos alunos. Anteriormente as crianças ficavam todas juntas em um grande salão e as dinâmicas da Escola Dominical eram realizadas frente ao grande grupo³¹.

Não foram mencionados, durante as entrevistas, potenciais indicativos que relacionassem a decisão dos responsáveis pela Escola Dominical em agrupar os alunos de acordo com a faixa etária de cada um. Os participantes das entrevistas não conseguiram apontar, neste caso, possíveis interferências pedagógicas externas ao ambiente de ensino da Escola Dominical.

Como explicou Halbwachs (1990, p. 109), isso pode ocorrer porque:

A memória coletiva avança, no passado até certo limite, mais ou menos longínquo aliás, segundo se trate deste ou daquele grupo. Para além desse limite ela não atinge mais os acontecimentos e as pessoas numa apreensão direta.

Porém, compreende-se que foi neste contexto, correspondente a década de 1970, no qual o cenário educacional macro voltava seu foco para as discussões relacionadas a corrente pedagógica de Piaget, que estava embasada, justamente, na observação das diferentes fases do desenvolvimento e de aprendizagem das crianças.

Segundo o autor

O desenvolvimento é caracterizado por um processo de sucessivas equilibrações. O desenvolvimento psíquico começa quando nascemos e segue até a maturidade, sendo comparável ao crescimento orgânico; como este, orienta-se, essencialmente, para o equilíbrio (PIAGET, 1974, p. 13).

³⁰ Segundo Romig (2021) a confirmação luterana é entendida como um ritual de passagem. Neste rito os adolescentes e jovens são preparados por meio do ensino confirmatório para reafirmarem sua fé no culto da confirmação. É entendido como um elemento da etnicidade dos pomeranos, o qual determina a passagem da infância para as responsabilidades da vida adulta, demarcando o período do início da juventude. Para maiores informações ver: ROMIG, (2021).

³¹ Nos demais relatos que podem ser vistos ao longo desta pesquisa, outros professores também confirmaram a mesma condição: na década de 1960 até meados de 1970 não havia a separação dos alunos por idade nas salas de aula.

Jean Piaget (1974) defende que as atividades de ensino deveriam ser apropriadas aos níveis de desenvolvimento das crianças. Desta forma, em seus estudos ele procurava compreender como elas desenvolviam a construção de seus conhecimentos.

Cabe reforçar que alguns professores da Escola Dominical também atuavam nas escolas públicas e mantinham contato com as vigentes tendências/correntes pedagógicas de determinadas épocas. Logo, é provável que determinadas decisões tomadas no contexto da Escola Dominical possam ter sofrido, de maneira não oficializada formalmente, algum tipo de aproximação ao cenário educacional que se desenvolvia fora da Escola Dominical e era experienciado naquele período.

Conforme aponta Vasconcelos (1996) a partir da década de 1970, em território brasileiro, dentre as diversas teorias psicológicas, nas áreas da psicologia e da educação, Jean Piaget, aos poucos, foi se consolidando como um dos nomes mais citados.

No meio educacional, sua presença tem sido marcante: escolas que se intitulam piagetianas podem ser encontradas por todo o país; leis e diretrizes educacionais incorporam em suas doutrinas pressupostos retirados de sua teoria; programas pré-escolares públicos e privados fazem, Brasil afora, referência a Piaget; nas universidades, as faculdades de Psicologia e Educação trazem disciplinas que incluem, nos planos de estudo, as ideias de Piaget e produzem dezenas de pesquisas piagetianas nos cursos de pós-graduação.[...] a partir dos anos oitenta, o construtivismo, baseado principalmente nas ideias de Piaget [...], se expandiu pelo país, de tal maneira que muitos professores, ao denominá-lo referem-se à “febre construtivista” (VASCONCELOS, 1996, p. 12, grifos do autor).

Neste sentido, em consonância com o cenário anteriormente exposto, compreende-se que a ação do departamento responsável pelas Escolas Dominicais possa ter sido influenciada direta/indiretamente por este movimento. Com o passar dos anos, ficou estabelecido que os alunos deveriam ter um atendimento distinto, respeitando-se determinadas faixas etárias. Haveria também específicos planejamentos de aula para atender de maneira satisfatória a toda essa demanda que necessitava de atendimento diferenciado.

Outra informação rememorada pela entrevistada enfatiza que até a metade da década de 1980, os pais, aos domingos, levavam as crianças direto na grande sala³²

³² Trata-se do salão de festas da comunidade. Atualmente o local é utilizado para eventos em geral: almoços, jantares, comemorações em datas específicas, apresentações, palestras, festivais e pela EBF. Ele comporta, no atual formato, um público de 250 pessoas sentadas.

da Escola Dominical, onde, em um primeiro momento, eram reunidas todas as crianças, de todas as idades, para entoarem cânticos de louvor.

Neste espaço, a entrevistada aponta como se dava a tática, assim como apontou Certeau (2008), utilizada para efetuar a primeira contação de história bíblica presente nos impressos. Para despertar o interesse nas crianças, a depoente afirma que as professoras utilizavam todo o tipo de material que possuísse potencial para ilustrar a leitura realizada em voz alta por uma das professoras.

Usávamos também fantoches e muito, muito material. **Era muito utilizado o flanelógrafo** com as figuras bíblicas relacionadas às histórias³³. Depois as crianças dirigiram-se as salas conforme a idade em que era trabalhado um material relacionado à história bíblica e adequado a cada idade (V. M. T. C., 2023, grifos meus).

Cabe reforçar que as histórias bíblicas sempre ocuparam um papel de destaque no impresso. E, igualmente, nas atividades desenvolvidas nas salas de aula da Escola Dominical, o fato ocorria por conta da capacidade em adaptar o uso de artefatos lúdicos. Com o auxílio deles, os professores contavam, encenavam e representavam determinada história. Evidencia-se nesta “ação criadora” a efetividade do processo de apropriação, conforme Chartier (1988).

Sobre o conceito de apropriação vale lembrar o que foi apontado por Manke (2012)³⁴. Sua pesquisa mobilizou o conceito de apropriação Chartier (1998), porque, “[...] no âmbito da História Cultural, o autor propõe relevante discussão sobre os modos de ler e a apropriação das práticas de leitura ao longo dos séculos [...]”.

No caso da professora V. M. T. C., o pressuposto pode ser observado de maneira semelhante. À medida que a leitura do impresso proporcionava ampliação no processo criativo a partir de determinado tema, a professora produzia significação frente ao teor dos conteúdos. Estes serviam, em primeira instância, como leitura. A seguir, passavam a formar base para a representação que se dava por meio dos mais variados recursos didáticos.

Neste imbricamento, Chartier (1995) aponta:

³³ O impresso possuía quatro páginas. As histórias bíblicas sempre fizeram parte da capa e da primeira página, podendo, por vezes, estender-se até a segunda ou terceira. Raramente alterava-se esta configuração.

³⁴ Sua pesquisa teve como principal objetivo compreender o desenvolvimento das práticas de leitura através da análise das estruturas individuais, dos modos de ler e da apropriação da leitura de seis leitores, agricultores, que residiam em áreas rurais. Nestas localidades eles são reconhecidos como “*leitores assíduos*”.

A forma afeta o sentido [...]. É, pois, necessário identificar os efeitos de sentidos das diferentes formas (impressas, ou manuscritas, escritas ou orais) que se apoderam de uma 'mesma' obra (CHARTIER, 1995, p. 9, grifos do autor).

Por isso, vale destacar a questão pedagógica que surge, não nos relatos dos entrevistados, mas, sim, de maneira implícita no desenvolver desse método de “representação da história lida e apresentada/encenada” por meio dos recursos didáticos utilizados pela professora V. M. T. C.

Analisando os exemplares desse período, nota-se, nas histórias bíblicas das décadas de 1960 e 1970, a utilização de temas geralmente voltados para o fomento de uma conduta considerada como: a “ideal”, ou seja, “ordeira e religiosa”. As histórias serviriam para ilustrar às crianças como deveriam crescer aprendendo as muitas lições de como reafirmarem-se de acordo com o que apontam as premissas luteranas e cristãs.

Nesse sentido, essa estratégia editorial pode ser apontada, conforme Certeau (2008), como a tentativa de imposição de uma conduta, que neste caso era prospectada por parte da instituição responsável pela elaboração do impresso. Observa-se, também, que existe na ação da editoria, como apontado por Chartier (1996), a intencionalidade dos conteúdos frente ao seu público leitor.

Por isso, entende-se, igualmente, que o impresso fomentava, através dos exemplos utilizados, que os fiéis seguissem determinações. Elas apontavam os indicativos de como deveria se dar a construção de um indivíduo até alcançar a sua condição de fiel adulto. No exemplo a seguir, pode ser observada a capa do periódico referente ao mês de março de 1970.

A seguir, na capa do exemplar representado na figura 26, nota-se que a formatação do impresso trazia em sua primeira página uma ou mais histórias, dependendo do tamanho que cada uma delas ocuparia.

Figura 27 –Revista O Amigo das Crianças, mar. 1970



Fonte: Acervo biblioteca da Faculdade de Teologia EST

Em determinados impressos encontram-se histórias longas, que ocuparam até três páginas. Em outros, como pode ser visto na imagem anterior, são utilizadas duas histórias, até mesmo na capa do periódico.

Com base no relato de V. M. T. C., pode ser apontado, também, que havia certa distinção entre como ela abordava as histórias que eram contadas para determinado público. E esta condição estava ligada diretamente a idade dos alunos.

Ressalta-se que neste período o impresso, por meio da equipe editorial, não destinava determinada página ou seção para uma faixa etária em específico. Em uma análise atenta aos exemplares, nota-se que as próprias histórias não estão dispostas de maneira diferenciada, quer seja pelo teor do conteúdo ou pela linguagem utilizada estar destinada a um público-alvo. Depreende-se que partia da professora a definição acerca de quais recursos para apresentação da história seriam utilizados, segundo sua tática para o trabalho.

Aqui destaca-se o processo de apropriação da professora. Após realizar uma leitura prévia do impresso, ela planejava suas aulas. Conforme reforça Chartier (2010), a apropriação é criadora e produtora de diferenças. Neste sentido, a

professora readaptava o teor dos impressos, que, por vezes, poderiam agir produzindo, intencionalmente ou não, limitações aos seus leitores.

No caso da entrevistada V. M. T. C, por conta de sua formação acadêmica, fica evidente que ao apropriar-se dos conteúdos ela os transformava. Esse pressuposto pode auxiliar na compreensão da conduta da professora. Ela procurava trabalhar de forma distinta ou complementar de acordo com o público que ela assumia nas turmas da Escola Dominical.

A pesquisa de Manke (2012, p. 214) também encontra distintas formas de apropriação, pois ela “[...] está permeada de singularidades relacionadas às experiências sociais individuais [...]”. Ainda que todos os participantes [de sua] pesquisa apresentem a mesma origem social, foram observadas diferenças devido a “[...] pequena variação em relação à escolaridade, à idade e os meios de socialização”.

Ainda assim, é necessário perceber a estratégia editorial, conforme destaca Certeau (2008) como um movimento realizado pelo lado “dominador” e que, igualmente, pode ser apontado como um empreendimento da equipe diretiva do periódico. Pode-se afirmar, em linhas gerais, que, por meio das histórias, o impresso tentava abarcar conteúdos direcionados para diversos públicos, sem realizar distinção na alocação dos textos em um mesmo exemplar.

É justamente o pressuposto do impresso que mirava atingir a um público com uma extensa faixa etária, o que acabou por evidenciar a destacada atuação da professora. Sua tática principal era fazer uso das mais diversas adaptações. Elas se mostravam necessárias para complementar as informações que deveriam ser repassadas aos alunos.

Desta maneira, quanto à apropriação da professora, pode ser apontado que, se a prospecção editorial estava voltada para atingir uma gama maior de leitores, o movimento de V. M. T. C. seguia na direção contrária: adaptar os conteúdos para um reduzido público-alvo. Neste sentido ela direcionava suas ações.

As suas iniciativas frente ao conteúdo do periódico resultavam, assim, na criação de uma tática de escape, como aponta Certeau (2008). Assim, ela desenvolvia uma espécie de “linguagem própria” ao privilegiar a elaboração de atividades voltadas para as crianças. Configurava-se, desta forma, um balizamento: a professora transformava a história por meio do uso das mais diversificadas formas de

representação e ampliava de maneira didática os temas que seriam utilizados na Escola Dominical.

Mesmo quando V. M. T. C. atendia crianças não alfabetizadas, era utilizada a sua ação voltada para transformar as histórias em apresentações/representações frente a turma e assim fomentar a interação com eles.

Quanto a idade média dos alunos, por um ou dois anos, trabalhei com um grupo de crianças de 4 ou 5 anos ... que não usavam livros. As histórias eram mais curtas. Os personagens eram brinquedos ou outros objetos relacionados ao tema. Procurava concretizar ao máximo. Ou brincávamos dramatizando a história (V. M. T. C., 2023).

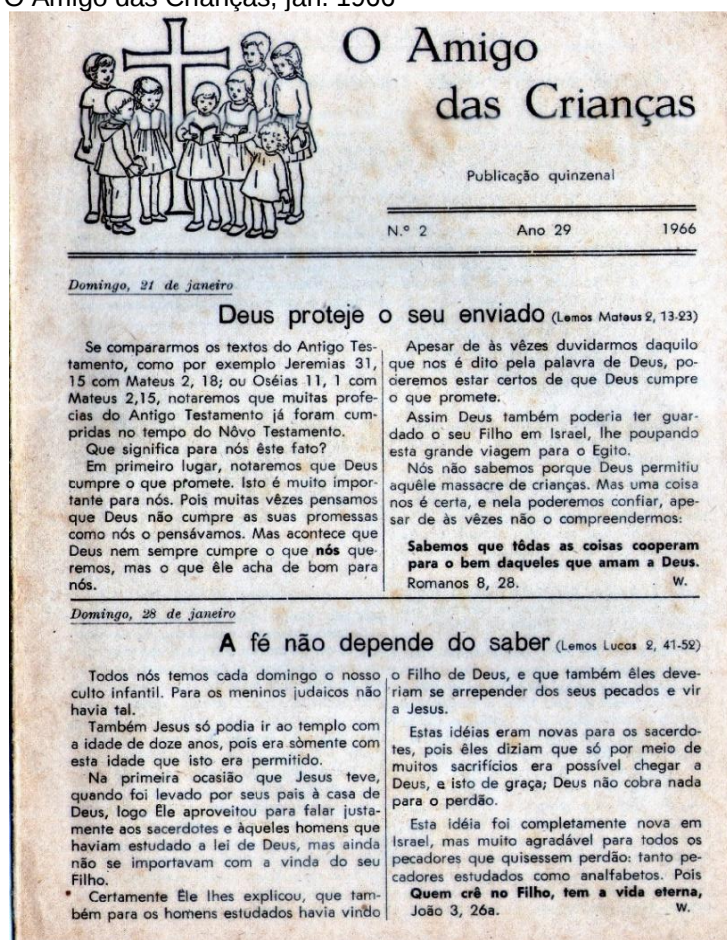
Por conta dessa formatação, V. M. T. C. explica que sua ação dependia diretamente da faixa etária das crianças de determinado grupo de alunos. Ela cita como exemplo, os alunos não alfabetizados, geralmente com idade entre quatro ou cinco anos. Para este público ela buscava privilegiar o mais adequado recurso didático para executar seu método de ensino. Cabe reforçar que, por essa razão, a depoente destacou em sua fala os motivos pelos quais fazia uso das mais variadas ferramentas no intuito de contextualizar junto aos alunos o tema central das histórias.

Logo, nota-se que a professora ao apropriar-se do tema trabalhado pelo impresso, transformava a leitura ao representá-la para também para as turmas compostas por alunos de menor idade. Observa-se que ao realizar esta ação a professora agia no sentido de construir adaptações frente aos temas presentes no impresso. Como afirma Chartier (1996), pode ser evidenciado que, ao optar pelo uso de diferentes suportes para contar a história para as crianças, a professora visava promover sentido e diferenciar uma significação.

Assim, como resultado, pode ser apontada esta iniciativa escolhida pela entrevistada por desenvolver uma tática, como aponta Certeau (2008), que lhe conferia a condição de elaborar uma “releitura” do tema. Esse movimento auxiliaria na busca por compartilhar com a classe, em linhas gerais, aquilo que o periódico trazia como tema central.

Ainda nesse contexto cabe ressaltar que a materialidade do impresso também pode influenciar nas leituras. Observando a figura 27 a seguir, nota-se que a primeira história trata de questões relacionadas ao antigo e o novo testamento. É perceptível que esta abordagem está voltada para um leitor que não se enquadra no público infantil, por conta do tema e da densidade da discussão proposta no texto.

Figura 28 - Revista O Amigo das Crianças, jan. 1966



Fonte: Arquivo G. B. M.

Exemplificando o modo como os textos eram dispostos no impresso, percebe-se que, a segunda história, mantém a linguagem e formato da primeira. Porém, a interação com o leitor é modificada. Ela está totalmente voltada para o público da Escola Dominical. Desta forma pode ser apontado que a equipe editorial compreendia a produção do impresso, voltada para a atender um público amplo e diversificado em sua faixa etária.

Na mesma página, trata-se da capa do periódico, pode ser observada a junção dos dois temas em um só espaço. Verifica-se, assim, que não há distinção entre as duas seções, ou seja, diferentes faixas etárias estão contempladas no mesmo espaço.

Para Chartier (2010), a materialidade de um escrito pode superar:

limites, mostrando-nos que o sentido de qualquer texto, seja ele conforme aos cânones ou sem qualidades, depende das formas que o oferecem à leitura, dos dispositivos próprios da materialidade do escrito. Assim, por exemplo, no caso dos objetos impressos, o formato do livro, a construção da página, a divisão do texto, a presença ou ausência das imagens, as convenções tipográficas e a pontuação (CHARTIER, 2010, p. 8).

Neste ponto é perceptível o que aponta Certeau (2008) sobre a existência de uma estratégia editorial por parte da direção da revista. É clara a sua intenção de estabelecer contato com os leitores em geral. Não havia interesse em sistematizar ou customizar os textos do impresso para determinado público. De certo modo, não se encontrou nos exemplares uma explícita tendência em disponibilizar um tratamento diferenciado que estivesse direcionado/formatado às distintas faixas etárias do público leitor do impresso.

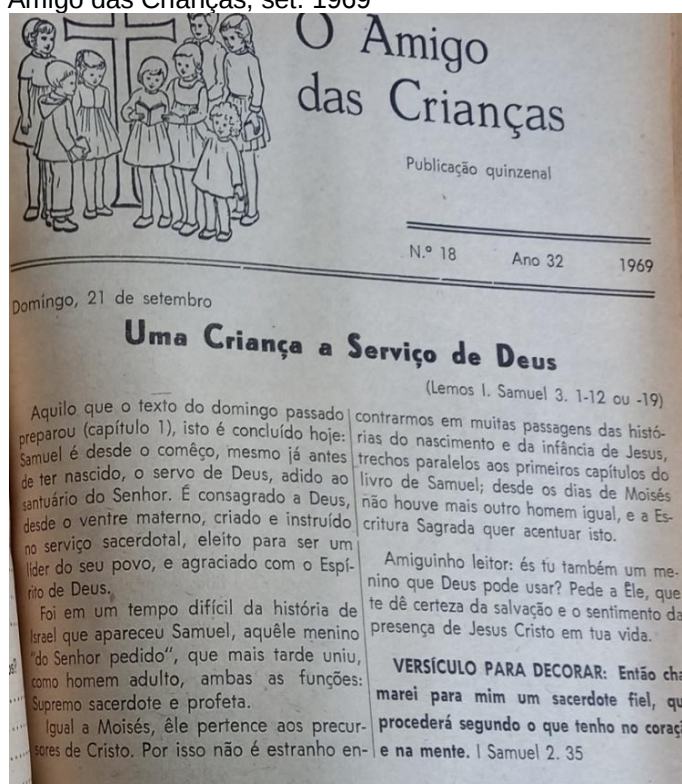
Do mesmo modo, a partir desta afirmação, com base em Certeau (2008), igualmente pode ser notada a tática utilizada pela professora. Se o impresso não apontava diretamente para as diferentes idades dos leitores, o relato da depoente reforça como as histórias eram apresentadas para o público procurando respeitar tais diferenças.

Sendo assim, ainda que sutilmente, se observa que a adaptação no modo como eram trabalhados os conteúdos, pode ser apontado o desenvolvimento de uma tática. Ressalta-se que ela foi criada pela leitora/professora que utilizava o impresso. Sendo assim, a depoente, ao agir dessa forma, encontrou um modo de utilizar-se de certas táticas conforme apontado por Certeau (2008): a tática pode ser observada como aquilo que o leitor “fabricou” a partir daquilo que leu. Neste sentido, ela conseguiu fugir à regra editorial. Pode-se afirmar que, de certa forma, mostrou ser eficaz a sua tática, pois assim ela conseguia repassar o conteúdo para os alunos.

O mesmo embasamento servia para a escolha de como seria o processo avaliativo das atividades que o impresso propunha. Como destaca a professora: “Para os pequenos... eram duas ou três palavras para os bem pequenos, que sintetizavam o que a história queria nos ensinar. Para os maiores, eram decorados os versículos até com o endereço”.

Na figura 28 a seguir, pode ser observada a condição. No exemplar em questão, a capa do impresso apresenta a história de um personagem bíblico chamado Samuel e destaca qual passagem deveria ser decorada pelos alunos.

Figura 29 - Revista O Amigo das Crianças, set. 1969



Fonte: Acervo Editora Sinodal

Confirmando o que a declarante afirmou em seu relato, ao ler a história para os alunos “maiores” conforme ela os classificou, uma das atividades era a memorização de determinadas informações. No caso da figura 28, a tarefa do aluno consistia em decorar o versículo ao qual a história faz sua principal referência.

Destaca-se que houve alteração na faixa etária do grupo ao qual a professora atendia. O que merece atenção é a mudança na tática utilizada por ela. Para Certeau (2008, p. 39) “[...] importa saber o que o leitor pode realizar a partir de suas experiências de leitura, ou, o que ele ‘fábrica’ com elas”. Nesse caso, pode ser apontado que, também por conta de sua formação pedagógica, ela encontrou subsídios para reorganizar o modo como se daria sua relação com os alunos a partir dos textos do impresso.

Conforme relata a entrevistada:

Por muitos anos fiquei com um grupo de 10, 11, e 12 anos de idade. Eles já começavam a ler a bíblia. Era feita a leitura, comentário de acordo com a lição do livrinho. Estudávamos de forma lúdica, também com jogos coletivos, tipos de gincana na sala onde as lições propunham, sempre, um desafio para as crianças, que fazia parte da proposta da aula (V. M. T. C., 2023).

O exemplo da declarante reafirma esta condição. Ao deparar-se com turmas nas quais os alunos possuíam 10,11 e 12 anos, concordando com Certeau (2008) ela “fabricou” um novo modelo de planejamento de aula. Certamente o fez baseada em apropriações resultantes de suas leituras anteriores acerca dos conteúdos do impresso, adequando-se, assim, a alteração do cenário que a partir de então passou a configurar a nova formatação de sala de aula.

O relato de V. M. T. C. destacou a modificação frente ao público com o qual ela trabalhava. Na Escola Dominical ela voltou seu planejamento para atender crianças com idade um pouco mais elevada. As turmas eram diferentes das que estava acostumada até então. Por esse motivo o formato de apresentação das histórias também passou por mudanças.

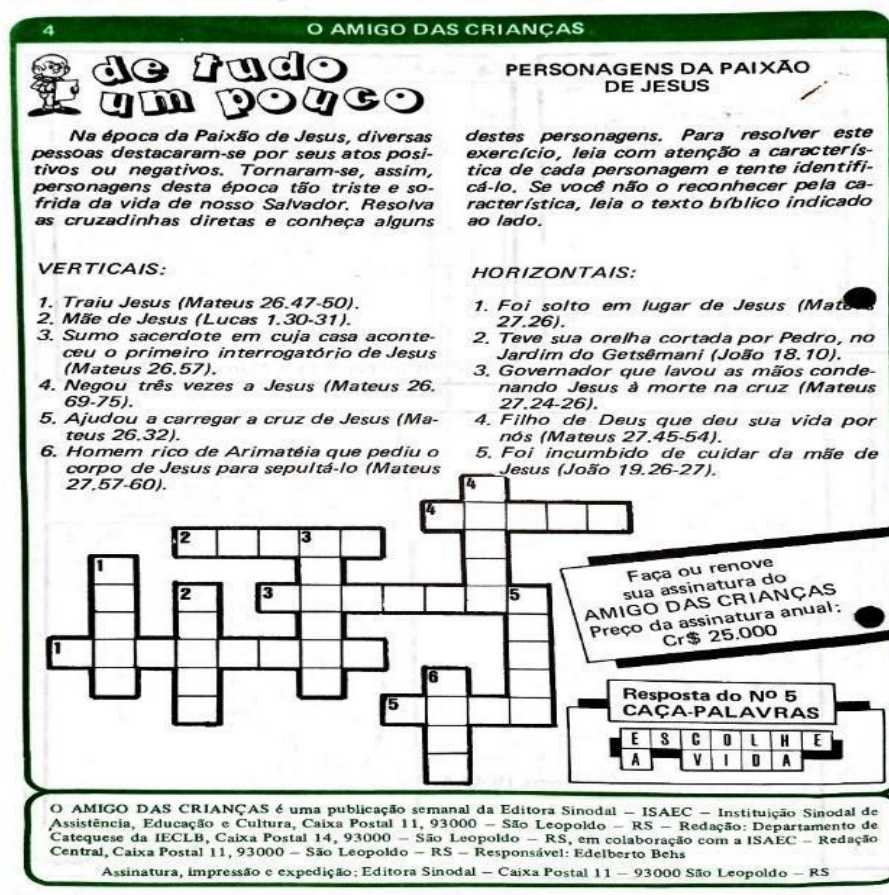
Neste sentido vale pontuar que na análise dos exemplares do impresso que compreendem o período em que a professora V. M. T. C. atuou Escola Dominical percebe-se que os conteúdos, de certa forma, raramente respeitavam as diferentes fases das crianças. O embasamento que permite tecer tal afirmação se deve ao fato de que não foram encontrados indicativos ou nomes específicos de sessões no periódico que apontassem para tal separação/distinção.

Neste contexto a depoente afirmou que no período em destaque ela privilegiava as partes expositivas e as conversas com a participação das crianças. Segundo a professora, sempre entrava nesta parte expositiva, a história bíblica e sua aplicação no cotidiano das crianças. Também era muito trabalhada a iniciativa de memorização de versículos bíblicos e igualmente abordada a questão da ludicidade na sala.

Trabalhando com o mesmo impresso, a depoente conseguiu modificar seu uso frente ao novo desafio. De certa forma, percebe-se que nos anos 1980, por exemplo, o impresso trazia atividades para serem desenvolvidas como pode ser observado na figura 29 a seguir.

Segundo V. M. T. C. uma das principais diferenças ao trabalhar com o novo público eram as atividades de leitura e escrita que poderiam ser melhor exploradas junto ao público desta faixa etária específica. Uma delas consistia em fazer uso de atividades para o aluno realizar em sua casa.

Figura 30 –: Revista O Amigo das Crianças, mar. 1986



Fonte: Acervo Hisales

Conforme a figura 29, pode-se observar um exemplo das atividades que os alunos poderiam realizar em suas casas. Uma tática citada pela entrevistada consistia na seguinte proposta:

O exemplar do aluno [O Amigo das Crianças] devia ser preenchido em casa com a participação dos pais, conforme a idade. No domingo seguinte, então, apresentavam o livrinho. Às vezes, as professoras, levavam para “corrigir”, em algumas classes³⁵ (V. M. T. C., 2023).

Segundo Chartier (2010) a materialidade de um impresso não está restrita apenas ao que há de concreto no texto. Ela igualmente atua na produção de sentido. Por isso percebe-se a principal alteração ocorrida: mesmo que o periódico tenha mantido o seu mesmo formato, a maneira como os temas foram sendo explorados é que acabou sendo diversificada. Foram observadas novas significações para os temas trabalhados.

³⁵ Essa mesma prática foi ressaltada no depoimento da professora M. L. T. M.

Neste exemplo trazido pela entrevistada, é ressaltada a informação de que o processo de aprendizagem, por parte dos alunos, poderia ocorrer, também, por meio das atividades lúdicas geralmente dispostas na terceira (penúltima) ou quarta (última) página do impresso.

Neste sentido, ela explica que algumas professoras davam figurinhas, o que se caracterizava como um “incentivo” para as crianças que preenchessem as atividades do impresso. A depoente declara, também, que em cada sala de aula havia duas ou três professoras, geralmente, organizavam uma espécie de revezamento. Assim, a cada domingo, enquanto uma ministrava a aula, outras ajudavam nas demais tarefas.

Os exemplos apontados pela professora V. M. T. C. denotam a diferenciação entre a rotina da Escola Dominical, desenvolvida na Comunidade São João em Pelotas, se comparada ao que relatou a professora I. V. B. e sua experiência na localidade de Arroio do Padre, enfatizando-se que a atuação das duas professoras se deu nas décadas de 1960 e 1970.

Sendo assim, dois fatores podem ser considerados determinantes para que sejam diferentes os contextos aos quais as duas professoras estão expostas. O primeiro seria a distinta formação acadêmica entre ambas. O segundo fator é o local onde atuavam. Uma participante vivenciava a realidade de um ambiente rural na localidade de Arroio do Padre; a outra experienciava sua atuação na área urbana de Pelotas.

Não há a intenção da pesquisa em julgar qual das duas atuações pode ser considerada mais elaborada, didática, reflexiva ou não. Apenas busca-se destacar o contraste entre ambas. Porém, pode-se afirmar que tanto a estrutura disponível na cidade de Pelotas/RS, quanto a formação dos docentes, pode ter influenciado diretamente na formatação das dinâmicas desenvolvidas nas salas de aula.

Quanto à equipe diretiva da Comunidade São João, a professora destacou que durante seu período de atuação na Escola Dominical, a programação anual da igreja não estava voltada apenas para as crianças, ainda que tal planejamento contemplasse a permanência do público infantil junto ao meio religioso.

A preocupação com o acompanhamento e a formação dos professores das Escolas Dominicais também era contínua. Os professores, em datas específicas,

participavam de retiros³⁶. Eles eram realizados unindo auxiliares e professores da Escola Dominical e o pastor que atuava como orientador nestes momentos. Da mesma forma, ocorriam retiros de crianças, principalmente com a participação das crianças maiores de nove anos.

Demonstrando certo saudosismo, a depoente ressalta:

Lembro muito do *O Amigo das Crianças*. Eu o conheci quando jovem. No formato inicial ... não o achava interessante. Renovada a apresentação ficou bem melhor! O formato, os textos, as atividades propostas. Meus filhos o receberam mensalmente durante algum tempo. Lembro que, quando já não estava atuando na Escola Dominical, o usava na minha sala de aula, como professora do Estado (V. M. T. C., 2023).

Esta é a primeira vez que é revelado um indicativo acerca dos diferentes usos do impresso, além de ser utilizado nos espaços vinculados a igreja, ele foi também relacionado ao ensino no âmbito da educação formal. Destaca-se na ação da professora a característica do periódico conter subsídios suficientes, possibilitando, assim, seu uso em distintos cenários educacionais.

Enfatiza-se que esta foi uma iniciativa que partiu da própria professora que decidiu utilizar o impresso *O Amigo das Crianças* como suporte didático em suas aulas na escola pública. Não foram encontrados, dentre a totalidade dos demais relatos, ações que se assemelhem a esta descrita pela entrevistada.

A professora V. M. T. C.³⁷ possui larga atividade no contexto da Escola Dominical. Seu nome foi lembrado por todos os participantes da pesquisa. Sua atuação esteve sempre voltada para a contribuição em diversas áreas de atendimento das crianças no contexto da Comunidade Luterana São João de Pelotas/RS, assim como em demais localidades.

³⁶ Retiro é uma prática desenvolvida nas comunidades luteranas da IECLB. Trata-se de encontros com duração de até três dias. São idealizados visando alcançar maior interação entre os integrantes de determinados grupos. São realizados em locais geralmente situados fora dos espaços das comunidades.

³⁷ A professora não limitou sua atuação na Comunidade São João, localizada na zona central da cidade de Pelotas-RS. Ela organizou a EBF na localidade de Arroio do Padre em 1981. Esta iniciativa foi confirmada na fala da Sra. I. V. B., primeira professora entrevistada por esta pesquisa.

5.1.3 De leitora a coordenadora nacional do impresso

A entrevistada G. B. M. foi leitora assídua do impresso em sua infância, professora na Comunidade São João, no Laranjal³⁸ e no bairro Navegantes³⁹. Também assumiu a coordenação da Escola Dominical de toda a paróquia São João, além de ser participante do conselho editorial nacional do impresso *O Amigo das Crianças*. Possui formação acadêmica no ensino superior, na área de licenciatura em Educação Física, onde atuou como professora até 2001, ano de sua aposentadoria.

O histórico da professora G. B. M., perpassa por diversos objetos comuns a esta pesquisa, dentre eles, destacam-se: ser leitora do impresso; ter frequentado a Escola Dominical como aluna; foi professora e coordenadora da Escola Dominical; participou do conselho editorial do impresso *O Amigo das Crianças*.

Oriunda da localidade conhecida como Cerrito Alegre⁴⁰, área que é pertencente a zona rural da cidade de Pelotas/RS, G. B. M. ressalta que desde seu nascimento frequentou uma comunidade luterana. Ela declara⁴¹ que naquela época, a igreja frequentada por sua família era considerada uma comunidade livre⁴².

G. B. M. rememora sua infância da seguinte forma:

Lá era o pastor ... pastor e professor Decker. Naquela época, ele tanto era o nosso pastor como era o nosso professor. No primeiro ano quem deu aula foi uma professora municipal. No segundo ano já foi o pastor e professor Decker. Eram classes únicas, né? Então era muito assim ... classe única ... assim de primeiro, segundo e terceiro ano. Tudo na mesma sala! Onde a escola funcionava era na igreja. Era uma escola, inicialmente, só para filhos do pessoal ou das pessoas luteranas da redondeza e dos alemães [...] que fundaram, construíram a igreja. Ali já funcionava então a escola (G. B. M., 2023).

A entrevistada relata que até 1964, quando completou os nove anos, morou na localidade. Sua experiência como aluna, até então, era baseada na junção escola e igreja, pois o funcionamento de ambas, se dava no mesmo prédio.

³⁸ Laranjal é a denominação de um bairro localizado na zona leste da cidade de Pelotas-RS. O principal atrativo desta localidade é a praia do Laranjal. Trata-se de uma extensa área às margens da Laguna, também chamada "Lagoa dos Patos". Nesta praia localizam-se os quatro principais balneários do município de Pelotas: Balneário Santo Antônio, dos Prazeres, Valverde, Novo Valverde, além da vila de pescadores denominada Z-3.

³⁹ Trata-se de um bairro localizado na periferia da cidade de Pelotas-RS.

⁴⁰ Cerrito Alegre é o 3º distrito da zona rural da cidade Pelotas-RS.

⁴¹ Depoimento concedido por G.B.M. em Pelotas, em abril de 2023.

⁴² Comunidades livres são caracterizadas pelo não filiação a nenhum dos sínodos luteranos (IECLB e IELB) também presentes na região sul brasileira. Para maiores informações ver: OSWALD (2014).

A partir de 1966, já residentes na área urbana da cidade de Pelotas/RS, sua família passa a integrar a Comunidade São João. E, desde a data G. B. M. começa a participar da Escola Dominical como aluna. Seu primeiro professor foi o Sr. Oscar Hubner⁴³.

Segundo a depoente:

Naquela época eu tinha uma participação muito ativa, né? Não admitia faltar! Meu pai e minha mãe queriam sair aos domingos, e nós tínhamos um cartãozinho de presença [na escola dominical]! E no final do ano eu iria ganhar algum presente, algum brinde, um livrinho, qualquer coisinha que fosse. Eu não admitia faltar a escola dominical. Naquela época se chamava “culto infantil” então sempre tive uma participação muito ativa (G. B. M., 2023).

Neste trecho, de certa forma, pode-se inferir que o “cartãozinho de presença” citado pela entrevistada configurava-se igualmente em uma estratégia, assim como afirma Certeau (2008), que fora utilizada, à época, por suas professoras.

G. B. M. destaca que, as crianças eram conduzidas, pelos pais, direto para o ainda denominado “culto infantil”. Até então, as crianças sempre eram levadas direto para o grande salão⁴⁴. Após a chegada do pastor Marcos⁴⁵ no ano de 1995 na Comunidade São João ocorre uma alteração: as crianças primeiro entravam no templo para então ser encaminhadas para a Escola Dominical.

A ligação de G. B. M. com o impresso *O Amigo das Crianças* começou cedo, quando ela ainda fazia parte da Escola Dominical na área urbana da cidade de Pelotas/RS. No período em que residia na zona rural junto a sua família, a depoente relata que não teve contato com o impresso.

Eu lembro do *O Amigo das Crianças* primeiro como aluna da escola dominical. Bem... olha ... este exemplar aqui [G. B. M. estava examinando alguns exemplares], é de 1996, eu já era professora! Por exemplo, olha esse aqui! Tá vendo a data? É de 1965! Isso aqui, quando eu recebia, vou agora vou falar então da época de criança ... né além de ser uma coisa assim ... **a dificuldade que a gente tinha de ter acesso** (G. B. M., 2023, grifos meus).

⁴³ Oscar Hubner atuou nas décadas de 1960 e 1970 como professor na Escola Dominical e ocupou diversos cargos diretivos na Comunidade São João neste período.

⁴⁴ Reforçando o relato anterior, prestado por V. M. T. C., a depoente G. B. M. confirma a mesma condição de como se dava a recepção das crianças que participariam do “culto infantil”.

⁴⁵ Marcos Antônio da Silva foi pastor na Comunidade São João no período de Fevereiro de 1995 a Outubro de 2001. Fonte: (Ata nº 264, de 13 de novembro de 2001, Reunião Ordinária da Comunidade Evangélica São João de Pelotas).

Durante as entrevistas a questão financeira surgiu, quase sempre, apresentando-se como um fator limitador quanto ao acesso aos materiais impressos. Este pode ser considerado um ponto construído por meio de memórias individuais que reverbera nos relatos que assim formam uma memória coletiva.

Para Bosi (1994, p. 408):

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação.

Essa pode ser apontada como uma prerrogativa determinante que influenciaria na aquisição de assinaturas do periódico por parte das comunidades. Os valores cobrados a época não contribuíam para que uma grande parcela dos leitores tivesse condições de manter uma assinatura anual do periódico.

Para a depoente:

[...] esse era o único material de acesso que a gente tinha de criança! Principalmente assim: Qual é o material? É esse! Então, para mim, me dava um sentimento de importância ... eu me sentia a pessoa mais importante do mundo ... porque eu recebia um formato de jornal ou revista *O Amigo das Crianças*. Então para mim isso me dava um sentimento de importância! Só recebia aqui na cidade. Lá fora [zona rural] não. Porque lá éramos da comunidade livre [...] nós, lá fora, não tínhamos. Eu comecei a receber aqui na escola dominical (G. B. M., 2023).

Sobre a importância de ter acesso ao material, a depoente aponta ser este um dos motivos para não faltar a nenhuma aula da Escola Dominical. Como ela recebia o exemplar ao participar das aulas, ela afirma: “[... imagina se eu ia deixar de ir, faltar, para receber o meu jornalzinho[...]? Ah, isso eu não podia admitir! Isso, para mim, me dava um sentimento de que alguém se preocupava comigo”!

Tendo por base a afirmação da depoente, nota-se, conforme aponta Chartier (2010), que a materialidade dos textos, somadas aos meios que oferecem suporte para estes ou os veiculam, são agentes que atuam na produção de sentidos. Percebe-se na fala da professora G. B. M. a relevância e a influência que, nessa perspectiva, a materialidade do impresso possui em sua experiência como leitora.

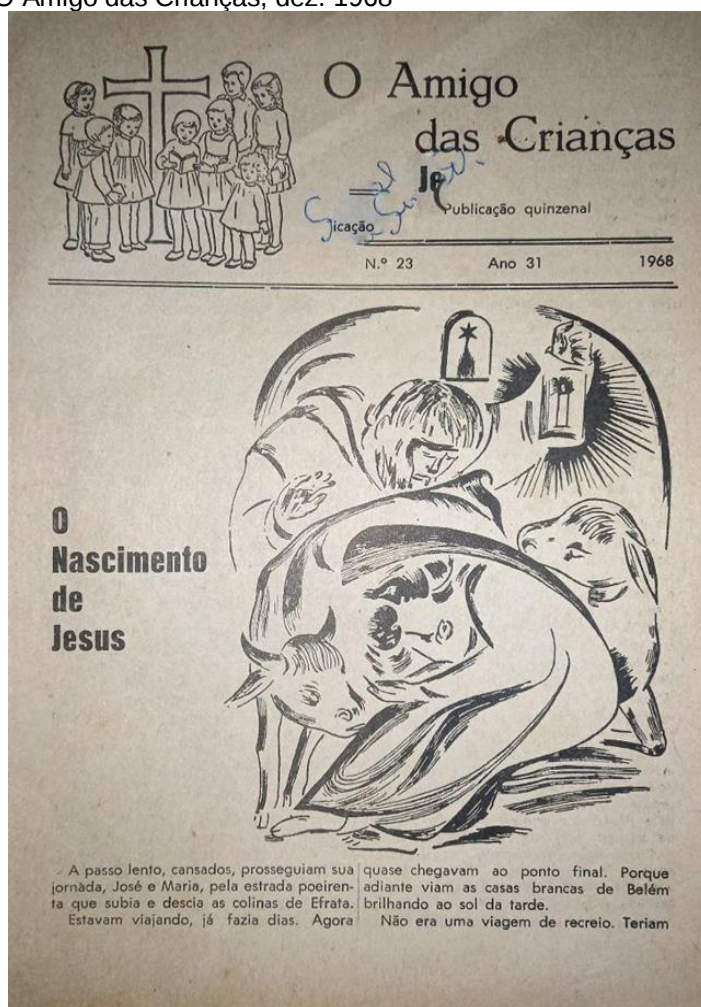
Em sua fala, a professora demonstra que existe um momento marcante em sua trajetória ainda como aluna/leitora, pois o impresso lhe reforçava “[...] o sentimento de pertencimento de ti saber que pertence a algum lugar. Aquele sentimento de que alguém se preocupou contigo”. Neste sentido, Bosi (1994, p. 63), diz que “A narração

da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória.”

No que se refere ao ato de ler, praticado pela entrevistada G. B. M., pode ser grifado o que Manke (2012) apontou quanto as representações ligadas à prática de leitura serem compreendidas “[...] como aspectos vinculados à identidade sócio-histórica de cada leitor e que resultam em práticas individuais que dão sentido à ação” (MANKE, 2012, p. 221).

G. B. M. explica que assinava seu nome em todos os exemplares que recebia. Observando a figura 30 pode ser identificada na capa do periódico a assinatura da aluna. Optou-se por utilizar um recurso que produz efeitos de distorção em imagens, preservando assim a identidade da entrevistada.

Figura 31 – Revista O Amigo das Crianças, dez. 1968



Fonte: Acervo G. B. M.

Para a “aluna”:

saber “eu valho alguma coisa para alguém”. Então a partir disso, para mim, já me marcou ... marcava muito ... o fato de saber que, *O Amigo das Crianças*, para mim, era importante! Não só pela leitura, por que é claro, é uma coisa importante, mas saber que eu recebia alguma coisa, também, com esse endereço da “sede da Igreja” (G. B. M., 2023).

Essa condição não fica restrita apenas ao discurso da depoente. De forma concreta, pode-se apontar a quantidade de exemplares do impresso que fazem parte de seu acervo particular. G. B. M. afirma que “[...] a maior comprovação de que *O Amigo das Crianças* teve importância para mim é eu ter guardado muitos, muitos, por todos esses anos”!

A entrevistada conseguiu recordar-se de que, na época em que foi aluna, todas as crianças recebiam um exemplar do impresso. Define que Essa condição se dava frente ao pequeno número de crianças que frequentavam o culto infantil. Ela recorda que o Sr. Hubner “[...] fazia uma rodinha pequena e todos [os alunos] recebiam um exemplar”.

Com o passar dos anos a aluna começaria sua atuação na Escola Dominical como professora. Ao referir-se sobre essa transição, a depoente descreve em seu relato, que assumiu o posto de responsável por uma turma de alunos, a partir do seguinte itinerário:

Mas eu, até o ensino confirmatório, fui ... né, participando, e, a partir dali eu entrei direto para ser professora, então, do culto infantil. As acomodações eram bem diferentes de hoje. A própria igreja não tinha as acomodações. Nós funcionávamos dentro do salão [utilizado para datas comemorativas e festas da comunidade]. Também era uma turma única. Onde eu fazia uma rodinha, vamos dizer assim, o orientador ou professor ficava, né, junto no salão (G. B. M., 2023).

Assim como citado pelas professoras entrevistadas anteriormente, G. B. M. também reforça que, no início de sua atuação na Escola Dominical como professora, ainda não havia a divisão das turmas por critérios de idade ou de alfabetização dos alunos.

Este fato é um indicativo que aponta questões acerca da configuração da Escola Dominical naquele período. O mesmo cenário foi mencionado por quase a totalidade dos entrevistados pela pesquisa.

Ao rememorar sua iniciação como professora na Escola Dominical, ela afirma:

Entrei como professora quando eu fui confirmada, em 1969. Eu tinha 14 anos. Nessa época, nesse período, quem estava como pastor, era o pastor Douglas Wehmuth⁴⁶ e a sua esposa, já falecida. Eu fui confirmada na época do pastor Douglas Wehmuth. E nessa época já eles me convidaram. Eu já entrei direto auxiliando e dando aula na escola dominical/culto infantil (G. B. M., 2023).

Por ser leitora assídua do impresso, a depoente já demonstrava o quanto seu planejamento de aula deveria ser direcionado para os alunos. Sendo assim, G. B. M. destaca que suas primeiras turmas eram formadas por alunos não alfabetizados e que, por conta desta condição, logo notou a necessidade de utilizar diversos materiais didáticos e distintas formas que a auxiliassem na tarefa de contar/representar as histórias bíblicas para o público em específico.

Nesta época o periódico possuía uma produção que atendia a demanda semanal das Escolas Dominicais. Já o prazo de entrega era mensal. Segundo a depoente, como o impresso era distribuído, colaborava diretamente em sua utilização na Escola Dominical. Como as aulas eram realizadas a cada domingo, o número de edições que completavam a entrega mensal poderia ser utilizado nos quatro finais de semana de cada mês.

Então ele servia bastante ... porque antigamente, aqui, ele era por domingo [as edições eram semanais]. Assim era para que a criança também tivesse algo em casa. Porque, olha só, era para que nós tivéssemos uma forma de que a criança estaria levando alguma coisa para casa. Ter alguma atividade para fazer em casa. Atividade em casa e não só no domingo (G. B. M., 2023).

Outro ponto reforçado por G. B. M. que outras entrevistadas também afirmaram. Uma dentre as demais iniciativas para que as crianças retornassem no final de semana seguinte estava a “verificação e correção” do que as professoras solicitavam e das tarefas que o impresso propunha. Sendo assim, pode-se afirmar que a continuidade das aulas, baseadas no conteúdo apresentado pelo impresso, também influenciavam neste sentido.

Observando atentamente essa ação da professora, neste ponto encontra-se caracterizada pela escolha em dar continuidade aos temas trabalhados pelo periódico na sequência das aulas da Escola Dominical. Esta tentativa visava reforçar os laços entre professores e alunos. Nota-se que o periódico atuava como um decisivo elo, aproximando os indivíduos envolvidos junto a este cenário.

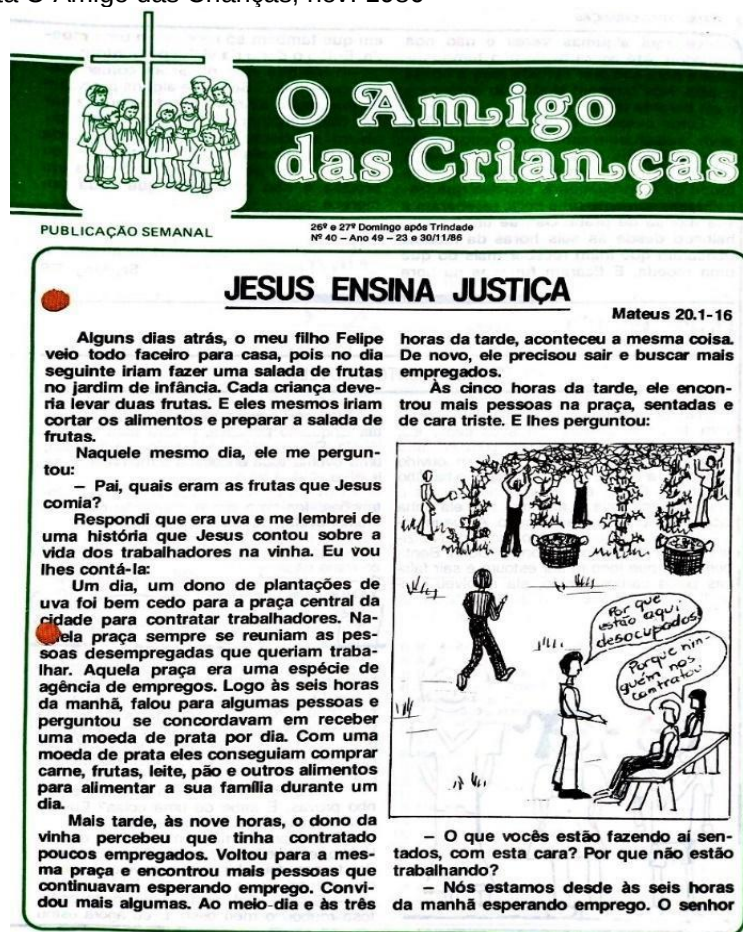
⁴⁶ Douglas Wehmuth foi pastor na Comunidade São João de Janeiro/1969 a Abril/1980. Fonte: (Ata nº 3, de 16 de abril de 1980, Reunião Ordinária da Comunidade Evangélica São João de Pelotas)

Conforme aponta Certeau (1988), o leitor pode inventar, a partir das leituras dos textos, outra coisa que não aquilo que era a “intenção” inicial dos editores de um impresso. Segundo o teórico, ao realizar esse movimento, o leitor não toma o lugar do autor e nem mesmo ocupa uma função diferente na relação entre texto e leitor. Apenas ele pode agir de maneira criativa neste sentido.

Vale lembrar que a própria editora do impresso, em diversas oportunidades, também atuava com vistas a conectar semanalmente as edições do periódico, desenvolvendo atividades lúdicas como caça-palavras, complementação de frases, formação palavras por meio de iniciais nas respostas. Os gabaritos eram publicados em edições posteriores, fato que poderia aguçar a curiosidade do assinante/leitor para adquirir os exemplares que apresentariam as repostas corretas.

Na figura 32, a seguir, encontra-se um exemplar da quadragésima edição do periódico referente ao ano de 1986. Como pode observar-se em sua capa, ela é correspondente ao final do mês de novembro de 1986.

Figura 32 –: Revista O Amigo das Crianças, nov. 1986



Fonte: Acervo Hisales

A capa segue dando continuidade e apresentando um formato que não foge a linha de publicação para este período. Porém, o exemplar em evidência, de número 40, destacará na terceira página, como pode ser observado na figura 33 a seguir, o gabarito com as respostas de uma atividade denominada “charada” proposta na edição de número 37.

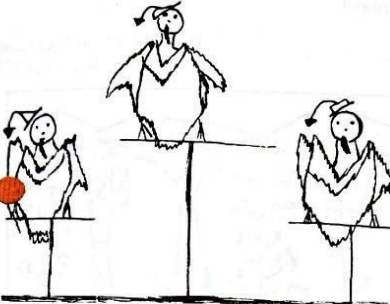
Figura 33 - Revista O Amigo das Crianças, nov. 1986

O AMIGO DAS CRIANÇAS - 3

com fome. Isto não pode ficar assim. Eu quero justiça!

O seu gavião, já pensando num assado de ovelha, sugeriu ao cachorro reunir um tribunal.

— Vamos fazer tudo como manda a lei. Eu serei o juiz e haverá um júri.



Sortearam doze urubus para serem o júri. Todos eles estavam com o estômago vazio e há muito tempo não comiam nada. Quando estava tudo preparado, chamaram a sua ovelha. Ela tinha que se defender sozinha. Falou tudo o que podia. Usou todas as palavras possíveis para se defender. Disse que tanto as ovelhas como os cordeiros jamais comiam ossos e que, além do mais, os seus dentes eram muito fracos para roê-los. Disse que a sua única alimentação eram os vegetais.

Mas, nem o juiz gavião e nem o júri de urubus prestavam atenção às suas palavras. Os eles só estavam pensando em comer carne bem fresquinha. No meio da defesa da ovelha, o representante dos urubus falou:

— Basta! Ou você entrega imediatamente o osso ou a condenamos à morte.

A ovelha tremeu da ponta dos pés até a ponta das orelhas. Ela não tinha saída. Como poderia entregar o osso, se ela não o tinha roubado? Sem dúvida, a pobre ovelha seria condenada por um roubo que não cometera.

— Está condenada! disse o gavião.



Naquele mesmo instante, junto à casa do gavião, o cachorro matou a ovelha e a dividiu em quatro partes. Pegou uma parte para si e disse aos urubus e ao gavião de penacho:

— Como pagamento pelos seus serviços, vocês podem comer as outras três partes. Assim estamos quites e cada um pode seguir para a sua casa.

Quando Dona Benta terminou de contar a fábula, disse:

— É uma tolice confiar na justiça dos poderosos. A justiça deles não vacila em tomar algo do mais fraco e dá-lo para outro mais forte.

— Esta fábula, disse Tia Anastácia, é muito dolorosa. É um verdadeiro retrato da justiça humana. Se eu fosse explicar a lição que ela contém, levaria um ano. Vocês, crianças, vão viver, vão crescer, conhecer as pessoas e perceber a profunda e triste verdade desta fábula.

— Mas, vó! Os juízes também tinham más intenções? perguntou Pedrinho.

— Eles eram maus juízes, destes que julgam de acordo com certos interesses, em vez de julgar de acordo com a justiça.

— Que interesse eles tinham no caso?

— Estavam com fome e queriam comer a ovelha!

Adaptado de: *Fábulas*, Monteiro Lobato
Editora Brasiliense
Desenhos: Ana Luíza Reusch
São Leopoldo/RS

RESPOSTA DO DE TUDO UM POUCO Nº 37 – charadas/novembro

- 1) B
- 2) A letra M.
- 3) Nenhum, isso não tem P.
- 4) Termina começa com T.
- 5) Qualquer – quaisquer.
- 6) Porque existe AMOR entre eles.
- 7) Dez horas e dez minutos, com mais cinquenta minutos são onze horas.
- 8) Meia meia.
- 9) Dias da semana.
- 10) A menina dos olhos.
- 11) Orelhas.
- 12) Fumaça.
- 13) Piolho.
- 14) Meias.
- 15) Botão.
- 16) Pandeiro.
- 17) Suspiro.
- 18) A lâmpada elétrica.
- 19) Lima.
- 20) O anzol.

Fonte: Acervo Hisales

A partir das análises dos exemplares foram encontradas várias propostas realizadas pela editoria nas quais havia conexões entre um exemplar e os respectivos números seguintes a este. Alguns com respostas publicadas em edições sequenciais enquanto, em outros exemplares, os gabaritos poderiam ser divulgados em duas ou três edições posteriores.

Neste ponto também pode ser destacada uma ação que remete ao uso de uma estratégia editorial. Nem sempre as respostas eram divulgadas no exemplar seguinte as atividades propostas. Por vezes poderia ocorrer tal fato na terceira edição posterior. Em outros momentos ela surge num intervalo de dois exemplares. Também foram verificados casos em que as respostas foram publicadas na edição de número subsequente. Ainda assim, pode-se afirmar que não se encontrou um modelo pré-definido ao qual a equipe diretiva seguisse de forma pontual. Logo, este fato corroborava para que os leitores permanecessem atentos e se mantivessem acompanhando a sequência de edições do impresso.

Quanto ao uso efetivo do impresso, a professora G. B. M. retoma alguns pontos rememorados igualmente em relatos dos demais entrevistados pela pesquisa. A forma como a depoente descreve a didática do uso do periódico denota a aproximação com outras táticas também utilizadas pelas demais professoras entrevistadas.

A professora G. B. M. descreve que:

Nas salas de aula, usamos sim as histórias bíblicas, sempre apresentadas nas salas de aula. Usamos muito o flanelógrafo. Uso ele até hoje! Chamam de ultrapassado, né? Mas não é ultrapassado! Porque se falta luz, o flanelógrafo está lá! [...], Mas eu sou ... muito ... favorável ao flanelógrafo. Porque a criança que ... não tanto crianças, como adultos, 70% e 80% que ela memoriza, é o que ela vê, e não que ela ouve. Então, visual ... não importa, criança ou adulto, o visual é muito importante (G. B. M., 2023).

Com base neste relato compreende-se como eram utilizadas as táticas para trabalhar com a turma de alunos os temas abordados no impresso. Tais iniciativas denotam a razão pela qual a depoente argumenta que alternativas também faziam parte de seu arcabouço de materiais.

Vale lembrar que essa professora, em especial, não se limitava apenas ao uso do flanelógrafo. Ela afirma que possuía grande quantidade de “fantoques de mão”, os quais ela utilizava para interagir com os alunos, bem como serviam para estabelecer “diálogos” com a própria narradora, ao contar determinada história.

Observando a figura (33) percebe-se que o texto, história bíblica apresentada na capa do exemplar, trata de questões voltadas à metáfora da “navegação”. Este pode ser considerado um tema complexo para utilização em sala de aula com crianças. Logo, pode ser compreendido algo que a professora destaca em seu relato acerca da necessidade de concretizar ao máximo para que os alunos possam compreender aquilo que o tema central da história apresentava.

Figura 34 – Revista O Amigo das Crianças, maio 1968



Fonte: Acervo G. B. M.

Neste caso, conforme reforça Chartier (1988) é perceptível que o leitor, partindo do seu processo de apropriação, pode produzir as suas próprias interpretações e criar possibilidades de socializar aquilo que um determinado texto se propunha a lhe oferecer. Cabe ressaltar, igualmente, que existe um fator que pode ilustrar este exemplo em especial: G. B. M. possui formação na área da docência.

Desta forma, é válido o que Chartier (2011) enfatiza sobre o leitor fazer uso de suas concepções sociais, anteriormente construídas, pois essa condição acaba por influenciar diretamente na interpretação daquilo que está sendo lido e na construção de sentidos que podem ser originados por meio da realização de tal leitura.

Para G. B. M. é válida essa iniciativa:

Porque uma história lida para as crianças é diferente de uma interpretada! Só se tu fizeres algum tipo de diferentes vozes, como se estivesse narrando com diferenças mas agora, lida corrida ... pergunta no final ... se a criança ... o que ela gravou? (G. B. M., 2023).

Esta afirmação demonstra possuir um indicativo norteador para a discussão aqui pretendida. Deve-se destacar o que a depoente está ressaltando acerca do uso

efetivo do impresso em sala de aula. Em seu relato ela afirma ter convicção de que ao trabalhar os conteúdos presentes no impresso não poderia fazê-lo utilizando apenas a leitura em voz alta para toda a classe.

Conforme frisado pela professora, era necessário ofertar mais possibilidades para que as crianças compreendessem qual reflexão o tema estava propondo. A tática utilizada pela professora remete-se ao que Certeau (2008) define como uma ação combinatória do leitor que une fragmentos dos textos e cria algo não-sabido. E neste espaço de criação organizado pelo leitor é onde estão localizadas uma pluralidade indefinida de significações.

Por isso a depoente consegue rememorar, que, em diversos momentos, mostrou-se válida a experiência de interpretar as histórias bíblicas. Estas ações, segundo ela, mostraram-se mais efetivas na interação com os alunos se comparada a uma leitura do texto realizada pela professora. Ainda assim, a professora não descarta a utilização de leituras onde o narrador consiga fazer uso de efeitos sonoros “[...] como forçar a voz, [...] falar baixo ... [...] fazer encenações, que a criança ainda grava e memoriza”!

Porém, a entrevistada reforça aquilo que sua experiência aponta:

Então, eu sempre sou favorável. Por exemplo, aqui, se eu fosse contar essa história aqui [ela pegou um exemplar do impresso] da infância que é baseado em “Salmo 78” usando ... usando ... esse próprio desenho aqui, que muito eu usei ... eu ia para o xerox! “Agora tu ... me amplia isso aqui, no tamanho tal ...”! Dificilmente eu fui dar uma aula de escola dominical sem que eu tivesse feito algum visual. Muito difícil ... eu não ter levado visuais junto para a escola dominical. Na minha época, o que nós tínhamos disponível para fazer? Cartaz de pregas, para memorizar o versículo. Cartolinas para pintar ... eu nunca fui grande pintora, agora tem um desenho e pintar ali ... tudo bem, né? Então eu já ampliaria esse desenho aqui [apontando para o desenho da capa do exemplar]. Dentro desse desenho eu faria ... eu contaria a história. Para que a criança, visse e memorizasse, pelo menos aqui [referindo-se a capa] (G. B. M., 2023).

De certa forma, ao elencar e descrever este método no qual a professora faz uso das mais variadas ferramentas pedagógicas e recursos didáticos visando complementar seu planejamento de aula, percebe-se que o processo de apropriação era oportunizado também pelas ações preparatórias que a depoente realizava. Ela declara que sempre agia no intuito de qualificar o tema trabalhado, vinculando-o a parte expositiva das aulas na Escola Dominical.

Nessa ação da professora pode-se apontar o que Manke (2012), destacou quanto aos singulares modos de apropriação dos textos. Por vezes é possível

perceber “[...] *disposições ético-práticas*, nas quais se pressupõe uma participação, uma identificação com o texto lido, vinculada a identidade sócio-histórica dos leitores” (MANKE, 2012, p. 219, grifos da autora).

A depoente rememora ao longo de sua fala, a ênfase que dava, enquanto professora/coordenadora, ao devido empenho dos docentes na função de preparação dos materiais didáticos que seriam utilizados em sala de aula. Para a professora G. B. M., “[...] o exemplo é muito importante na elaboração, na preparação de uma história, de uma lição[...]”. Esse mesmo posicionamento ela assumiria, posteriormente, ao ocupar o cargo de coordenadora da Escola Dominical.

O relato descreve ainda que para a preparação das aulas existia a utilização de diferentes recortes de figuras advindos de outros impressos. Geralmente eram paisagens, pessoas, animais, entre outros. Esta alternativa apontada pela entrevistada, conforme a proposta de discussão desta pesquisa, acabava por caracterizar-se em outro tipo de tática utilizada para compor o grande conjunto de materiais didáticos.

Para a professora G. B. M. isso demonstra:

a importância de ter um arquivo de figuras! E tu vai contar uma história, se tu não conseguiste ampliar, se tu não conseguiu pintar, tu pode mostrar por figuras de revistas! Eu sempre usei revistas que eu tinha destacando, guardando (G. B. M., 2023).

Neste espaço podem ser observadas duas questões que auxiliam na reflexão acerca deste amplo cenário vivenciado na sala de aula da Escola Dominical. A primeira remonta a estratégia editorial, como ressalta Chartier (1996) em ofertar um determinado conteúdo via impresso *O Amigo das Crianças* e que por meio deste periódico buscava ofertar subsídios aos professores em sala de aula.

A segunda aponta para outra tática desenvolvida e utilizada pela professora: por vezes, frente a limitação identificada no impresso, era realizada uma complementação com imagens e figuras advindas de outras publicações ou periódicos. Essa ação encontra apoio em Chartier (1988, p. 122), pois são nos esparsos vestígios que o pesquisador pode reconhecer “[...] as estratégias através das quais autores e editores tentavam impor uma ortodoxia do texto, uma leitura fabricada”.

Assim, um ponto de escape, para a declarante, era, em alguns casos, a necessidade de ser incorporadas às histórias ou atividades propostas pelo impresso,

figuras, desenhos e recortes advindos de outras revistas. No que se refere a essa utilização de demais materiais didáticos, segundo a professora, era realizada tal ação visando dar um maior suporte para que em sala de aula ela explorasse ao máximo o tema trabalhado. Logo, para G. B. M., estar preparada para a aula fazia toda a diferença.

Por isso, ela declara que a preparação da aula é uma importante premissa.

Até se pegar esse exemplar aqui [segurando uma edição do impresso] como exemplo para preparar uma lição para a Escola Dominical ou do Culto Infantil, quantos subsídios ela te dá? Ela te dá: para a lição; necessariamente, ela te dá o texto básico; dali tu já parte; daqui ... já pode ser usado como um exemplo. Aí ... tu ... já coloca um texto usando ... então tem uma boa forma de preparar uma lição para Escola Dominical. Mas começa cedo! Começa lendo esse texto, já lá na segunda-feira! [...] Por isso assim, tem que usar a criatividade ... monta, faz desenhos grandes e usa as coisas que tem disponível para fazer a preparação do material (G. B. M., 2023).

O relato da entrevistada revela, de certo modo, que o processo de apropriação dos professores, no que tange aos temas que seriam trabalhados na Escola Dominical, teria como início a própria preparação da aula. Assim, quanto antes eles interagissem com o periódico, essa etapa poderia ser mais bem concluída. Para G. B. M. se o professor/a realizasse anteriormente a leitura do impresso, ele saberia qual a melhor forma de conduzir a turma e como poderiam ser ampliadas as discussões durante a aula.

Quando G. B. M. assume como coordenadora da Escola Dominical na Comunidade São João, este pressuposto surge como um dos maiores desafios, pois ela descreve como sendo muito “[...] complexa a função de coordenar”. Se analisarmos que a forma como cada professora faz sua preparação e como organiza seu planejamento para as aulas de forma distinta, entende-se que a padronização no uso dos materiais também se configuraria em um grande obstáculo a ser suplantado.

Neste sentido, segundo o que afirma Chartier (2010), podemos observar que a apropriação é criadora, diferenciadora, produtora de sentidos e, portanto, inesperada. O resultado dessa formulação são os diferentes tipos de preparações aos quais a depoente faz referência. Nota-se que fica subentendido que cada professor preparava a sua aula conforme a significação de suas próprias leituras do impresso.

A entrevistada reforça que, quando assumiu a coordenação, ao qual ela classifica como sendo o “auge da Escola Dominical”, nos cultos das manhãs de domingo, “[...] nós mesmos chegamos a ter 100 crianças. De ter 20 ou 25 crianças por

classe. Também vendo que os casais hoje têm menos filhos. Diminuiu também”. Um fator determinante para a diminuição no número de alunos, segundo alguns participantes da pesquisa apontaram, se deve ao fato de a Escola Dominical ter flexibilizado seu horário de atuação contemplando também os cultos realizados no turno da noite.

Quanto a este tema identifica-se uma certa recorrência presente nos relatos dos entrevistados. Suas falas, atuando em sentido coletivo, procuram retratar uma diferenciação quantitativa/qualitativa entre o cenário que está no passado da Escola Dominical, ao qual eles reportam, em contraste ao que, após o período ao qual os entrevistados referem-se, pode ser encontrado neste mesmo espaço educativo.

Bosi (1994, p. 48) nos diz que:

Uma memória coletiva se desenvolve a partir de laços de convivência familiares, escolares, profissionais. Ela entretém a memória de seus membros, que acrescenta, unifica, diferencia, corrige e passa a limpo. Vivendo no interior de um grupo, sofre as vicissitudes da evolução de seus membros e depende de sua interação.

Neste caso a afirmação anterior é válida. O grupo de entrevistados fazia parte de um convívio social específico que, de certa forma, interagiu entre si no contexto da Escola Dominical. Logo, concorda-se com a afirmação de Bosi (1994, p. 59) de que as “[...] convenções verbais produzidas em sociedade constituem o quadro, ao mesmo tempo, mais elementar e mais estável da memória coletiva”.

Com o desenvolver de seu trabalho frente a coordenação da Escola Dominical, G. B. M. alcançou outro patamar na estrutura organizacional da IECLB. Ela assumiu o cargo de diretora do Departamento Infantil da Escola Dominical e do Culto Infantil, na OGA⁴⁷, Obra Gustavo Adolfo⁴⁸, em âmbito nacional.

⁴⁷ A história da Obra Gustavo Adolfo (OGA) no Brasil começa muito antes de sua fundação oficial, que se concretizou em 16 de janeiro de 1910. Com a fundação do Sínodo Rio-Grandense, em 1886, tanto o Sínodo como as comunidades foram colocadas diante de grandes desafios: criação e manutenção de escolas e comunidades. Construção de igrejas, casas comunitárias e paroquiais, suporte financeiro para a subsistência de professores e pastores, auxílios para o fortalecimento de comunidades e missão da igreja, formação de obreiros. Ver mais em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/obra-gustavo-adolfo-oga/historia-da-obra-gustavo-adolfo.

⁴⁸ Em 1630, o rei da Suécia, Gustavo Adolfo, de 36 anos, desembarcou em terra alemã, com um pequeno exército. Um ano depois, ele venceu o exército do imperador, usado para acabar com o protestantismo, perto da cidade de Breitenfeld, e em 1632 venceu-o novamente em Lützen. As forças católicas nunca mais se recuperaram desta derrota. Assim, Gustavo Adolfo evitou que os protestantes fossem subjugados completamente. No site oficial da IECLB existe a seguinte informação: “[...] Em nossa igreja, existe a Obra Gustavo Adolfo, que por seu trabalho mantém viva a lembrança do grande

Uma de suas atribuições era auxiliar no processo de produção editorial do impresso *O Amigo das Crianças*. Por este motivo, a depoente declara que ao ocupar o cargo diretivo, sua atuação como professora na Escola Dominical teve que sofrer uma redução, devido aos inúmeros compromissos⁴⁹.

G. B. M. discorre acerca do marco sobre a vinculação e usos de outros materiais impressos junto a Escola Dominical. Segundo ela, anteriormente, já havia o contato e a utilização, neste ambiente, de alguns materiais didáticos oriundos da Aliança Pró Evangelização de Crianças (APEC). Com o passar dos anos essa aproximação se solidificou ainda com maior intensidade.

Segundo a entrevistada, a organização (APEC) atua no Brasil há mais de 100 anos e possui caráter Inter denominacional, ou seja, estabelece diálogo com as mais variadas denominações evangélicas e está presente em mais de 100 países.

Sendo assim, conforme seu relato destaca, o início da década de 1990 marca um grande declínio na utilização do impresso *O Amigo das Crianças* na Escola Dominical. Com o passar dos anos essa mesma condição foi ainda mais reafirmada.

A declarante não consegue precisar quais motivos foram determinantes, mas a totalidade das crianças já não recebia o impresso individualmente. O impresso ainda era utilizado, mas em menor escala.

Conforme explica G. B. M.:

Eu ... não ... eu não posso dizer assim dizer que alguém é culpado ou não culpado ..., mas a gente deixou de receber *O Amigo das Crianças* [no começo da década de 90, na paróquia da comunidade São João]. Mas assim, na sala de aula, nós ainda usávamos, pouco, para que também nós tivéssemos um material para casa (G. B. M., 2023).

A entrada de novos materiais marcou o final de uma fase em que algumas comunidades da IECLB trabalhavam apenas com fontes impressas ligadas exclusivamente a essa mesma instituição. Neste ponto cabe destacar que, não todas, mas em grande parte das comunidades, foram sendo autorizadas as entradas de materiais produzidos fora do contexto luterano, mas que, ainda assim, poderiam ser utilizados na Escola Dominical.

Salvador do protestantismo. Para ver mais: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/o-rei-jubilar-adolfo-ou-o-leao-do-norte>

⁴⁹ A professora e coordenadora participava, assiduamente do Encontro de Capacitação de Professores de Culto Infantil. Este curso era realizado na cidade de São Leopoldo-RS, nas dependências da Escola Superior de Teologia (EST).

Dessa forma, como resultado, na década de 1990 o impresso *O Amigo das Crianças*, foi perdendo espaço e sua utilização é consideravelmente reduzida nas Escolas Dominicais das comunidades vinculadas a paróquia São João. Tal acontecimento também é descrito por outras professoras que participaram da pesquisa.

Dentre os entrevistados pela pesquisa, G. B. M. é a única professora que possui em seu acervo muitos exemplares do impresso *O Amigo das Crianças*. Outra peculiaridade é a sua coleção de materiais didáticos. Utilizados por ela no período em que lecionava na Escola Dominical e foram salvaguardados, encontram-se: flanelógrafo, recortes de revistas, fantoches, entre outros.

5.1.4 Docência e gestão: coordenação da Escola Dominical

A professora que atuou na Escola Dominical entre 1978 e 1991 é M. L. T. M.⁵⁰. Nascida num lar luterano, onde pai e mãe eram luteranos. Sua família é oriunda da zona rural de Pelotas/RS, mais especificamente da “Colônia Aliança”, localizada próxima ao município de Arroio do Padre/RS. Segundo ela, quando havia completado um ano, seus pais vieram, em 1956, para fixar moradia na área urbana da cidade de Pelotas/RS. E desde então sempre participaram da comunidade São João.

Como formação, M. L. T. M. concluiu o ensino médio, modalidade de ensino que a época era denominada como 2º grau, no Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça. Segundo ela, optou pela formação com ênfase em Economia Doméstica⁵¹, e como a própria declarante reforça “[...] essa escolha se deu por opção minha”.

Quanto ao início de sua participação na Escola Dominical, ela afirmou

Na igreja eu me confirmei em 1968. E em 1968 eu já comecei como auxiliar da senhora V. T. C. Ela que era uma das precursoras em escola dominical. Naquela época, se chamava escola dominical. Então eu já auxiliava porque eu tinha pouca idade. Eu me confirmei com doze anos na comunidade São João. Na São João, como eu tinha pouca idade, então tinha que ter alguém que fosse uma orientadora para mim (M. L. T. M., 2023).

⁵⁰ Depoimento concedido por M. L. T. M. em Pelotas, em abril de 2023.

⁵¹ O Conjunto Agrotécnico Visconde da Graça constituiu-se originariamente pelo Colégio Agrícola Visconde da Graça e pelo Colégio de Economia Doméstica Rural (curso específico voltado para o atendimento do público feminino). Eles foram incorporados como Unidade da Fundação Universidade Federal de Pelotas, do Ministério da Educação e Desporto, por meio do Decreto nº 56.881, de 16 de dezembro de 1969. Para maiores informações acesse: <http://intranet.ifsul.edu.br/catalogo/campus/10>

Neste ponto surge um entrecruzamento nos depoimentos. Cabe destacar que os entrevistados, durante a explanação de como se deram as suas trajetórias no espaço da Escola Dominical, rememoraram os nomes de seus pares. Vale reforçar que o nome da professora V. T. C., fora apontado anteriormente pela entrevistada I. V. B., como sendo uma das precursoras das Escolas Dominicais. O mesmo se repete com M. L. T. C, em seu discurso.

Este pode ser considerado um indicador de que existe uma interligação formando uma rede entre os indivíduos que atuaram como professoras e professores nas Escolas Dominicais. Este pressuposto denota um direcionamento que, aos olhos desta pesquisa, faz emergir a condição de legitimidade/continuidade nos exemplos descritos pelos depoentes.

Neste caso, cabe destacar o que afirma Halbwachs (1990, p. 34)

Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída.

A ação de recordar determinados nomes e apontar suas respectivas atuações, além de atestar e, por vezes, complementar episódios evocados, acaba por formar uma espécie de unidade. É ela que, ao ser identificada, reforça o envolvimento individual dos entrevistados na configuração daquilo que pode ser definido como “grupo de professoras e professores”.

Sobre a sua entrada como professora na Escola Dominical, a entrevistada M. L. T. M. diz:

Foi o pastor Adelário que me indicou em 1968. Eu comecei já a integrar o corpo de orientadores. Acho que eu tinha 14 anos e já era uma orientadora da escola dominical. A maioria das vezes eu era dos alunos pequenos. Mas a turma com a qual eu me identifiquei e identifico até agora, é a dos maiores. Gosto muito do trabalho das crianças de 8 até os 14 anos. Então foi a turma que eu me identifiquei. Nunca fui professora do ensino confirmatório. Sempre fui da escola dominical (M. L. T. M., 2023).

Neste sentido, pode ser compreendido que, desde o início das Escolas Dominicais, nas comunidades ligadas a paróquia São João, havia a prerrogativa de prestar acompanhamento aos novos ingressantes como professora/professor. Deste

modo, a iniciação neste espaço era acompanhada por uma pessoa que contasse com uma maior experiência, visando propiciar que o período de adaptação fosse complementado, respeitando um modelo de formação definido pelos responsáveis pela Escola Dominical.

Conforme proferiu em seu relato, em 1978, ela atuou, efetivamente, como professora da Escola Dominical:

Em 1978 eu me casei. Aí eu já fui até coordenadora junto com a G. B. M. Ela foi uma orientadora, assim ... espetacular! [...] Então eu sempre fui envolvida nisso. Nós tínhamos livretos, livros né, onde a gente tinha orientação. Também a igreja, a IECLB, tinha, no culto infantil e na escola dominical [...] eles nos davam orientação e também faziam um curso, um preparatório [chamado]: “Seja uma boa professora⁵²” (M. L. T. M., 2023).

A depoente aponta que já no princípio de sua experiência como professora, começou a envolver-se com questões voltadas para a coordenação da Escola Dominical. Ela ressalta sua participação, junto a professora e coordenadora G. B. M., a quem ela aponta como tendo assumido o maior tempo de coordenação das Escolas Dominicais, reforçando a condição de existência de laços que ratificam e indicam a proximidade entre essas duas professoras.

Quanto a sua atuação como professora, ela diz:

Eu me casei em 1978. Depois vieram os filhos em 1980. Mas nunca me afastei totalmente. Eles iam juntos, de berço, os três foram! E aí eu também participava como orientadora. E o nosso aspecto de escola dominical era estudar a palavra de Deus. Então **nós tínhamos as histórias, todas baseadas na palavra de Deus**. Isso aí foi muito gratificante. Porque eles cresceram ouvindo a palavra e também os planos de salvação de Jesus. Então, isso foi assim, o tempo que eu estive junto, foram mais de 20 anos e era sempre mais evangelístico (M. L. T. M., 2023, grifos meus).

As professoras que atuaram nessa época evocam em suas memórias uma peculiaridade que se repete em quase a totalidade das falas: neste contexto, elas também eram mães. Elas, ao descreverem sua atuação, destacam que seus filhos as acompanhavam durante as aulas. Este fato é algo presente nos demais depoimentos.

Observar com atenção os detalhes se faz necessário. Os declarantes da pesquisa apontam, de forma individual, algumas peculiaridades que reverberam igualmente no restante do grupo. Por isso cabe ressaltar que ao ouvirmos e trabalharmos com os relatos dos professores aqui participantes compreende-se que:

⁵² A professora M. L. T. M. é a única entrevistada que mencionou este curso de formação/preparatório.

O lugar em que a memória é elaborada é a mente do indivíduo, e a maneira pela qual a acessamos é a narrativa individual. Sendo assim, os narradores assumem uma responsabilidade cada vez que relatam sua história. Devemos sempre nos lembrar disso: assim como o narrador tem a responsabilidade de contar, o historiador tem a responsabilidade de abrir um espaço narrativo, escutando ativamente o que o narrador tem a dizer (PORTELLI, 2016, p. 20).

Neste sentido pode ser reforçado outro destaque acerca da lembrança de que as aulas, com exceções, começavam prioritariamente pela contação da história bíblica. E esta parece ser uma prática que encontra apoio na própria materialidade do periódico como pode ser observado na figura 34 a seguir.

Figura 35 –: Revista O Amigo das Crianças, mar. 1983



Fonte: Acervo Hisales

Na capa, conforme demonstra a figura 34, pode ser observado que os exemplares geralmente apresentavam uma história bíblica. Como descrito anteriormente, ela poderia ser lida/contada/apresentada/representada/encenada através do uso de materiais didáticos. Raramente era realizada apenas a leitura em voz alta para a turma de alunos. Possíveis ampliações, exemplos do cotidiano ou demais desdobramentos, também poderiam ser realizados pela professora encarregada por abordar a história.

M. L. T. M. rememora que:

a escola dominical era... maravilhosa! Às vezes, em torno de 50 ou 60 crianças! O trabalho era diurno. E como eu disse era evangelístico. Então o trabalho com as crianças era sempre diurno. Nós tínhamos um trabalho muito bonito e era “chegado” com os pais das crianças, como o café da escola dominical (M. L. T. M., 2023).

O fato de as professoras elencarem em seus discursos a questão da proximidade com os pais dos alunos, ou até mesmo o grau de envolvimento das famílias com a Escola Dominical, pode representar uma marca relevante: havia uma

tática Certeau (2008) para aproximar as famílias dos alunos junto ao contexto da Escola Dominical. A menção a este comportamento aponta uma característica que ecoa, igualmente, nos demais depoimentos.

Ao abordar este tema, cabe frisar que, não existe aqui a intenção de propor comparações referentes ao cenário vivido pelas Escolas Dominicais. Nem mesmo as entrevistadas visavam, neste sentido, estabelecer parâmetros. Apenas serve como indicativo que evoca, nas entrevistadas, a necessidade de destacar tal fato.

Segundo a professora M. L. T. M.

Na escola dominical nós tínhamos um tempo de canto e louvor. E o versículo era lido e todos os professores iam para as suas salas. Era evangelístico! Olha eu tinha, às vezes de 20 a 30 crianças na sala de aula. Porque eles vinham dos pequenos, depois eu pegava. E também dava aquele esvaziamento, porque eles iam para o ensino confirmatório. Então tinha sempre que esperar a leva dos novos (M. L. T. M., 2023).

A professora consegue apontar como se dava, em média, a formatação de suas turmas. Ela descreve a sequência e a trajetória que as crianças cumpriam o cronograma estabelecido pela direção da Escola Dominical. Pode-se observar que existe um ciclo, pré-determinado, que perpassa por várias etapas desde a entrada do aluno até sua saída, que pode ser identificada pelo ingresso ao ensino confirmatório.

Ao relatar as dinâmicas utilizadas em sala de aula e como se dava o uso do impresso *O Amigo das Crianças*, a professora M. L. T. M. demonstrou muita alegria ao poder manusear alguns exemplares que lhe foram apresentados neste momento específico da entrevista:

[Quando ela olhou os exemplares do impresso] Nossa! *O Amigo das Crianças*! Todo mundo... quase todo mundo... tinha a assinatura ... era muito, muito legal! Onde tu os encontrou? Minha Nossa! Que coisa mais linda! Esses eram dos meus! Que coisa mais linda! **Dentro da sala de aula, nós usávamos primeiro a historinha de início.** Porque nem todas as crianças tinham a assinatura. Mas nós usávamos a história ... tá aqui ó: “Carlinhos e Suzy” e assim ... foram ... quantas coisas! Nas revistas, tinha umas brincadeiras, adivinhações, atividades. Era muito usado! Nem todas as crianças tinham, por conta do valor da assinatura (M. L. T. M., 2023, grifos meus).

A professora reafirma, primeiramente, ser uma leitora assídua do impresso. Deste modo, sua fala assinala que o estreitamento existente entre a professora e o periódico influenciou diretamente em seu processo de apropriação quanto as suas leituras e as posteriores preparações das aulas.

Neste sentido, ela evoca as lembranças da época em que utilizava o impresso em sala de aula. Consegue, igualmente, apontar detalhes sobre a quantidade de crianças cujas respectivas famílias eram assinantes e destaca, assim como fizeram as demais depoentes, a condição financeira como principal fator limitador para que a totalidade dos alunos tivesse acesso ao material.

Do O Amigo das Crianças usávamos sempre as historinhas. Eles sempre gostavam! A criança ama essas coisas! Principalmente, eles gostavam dos exemplos. E a gente, às vezes, perguntava de uma semana para outra: 'quem se lembrou da história tal? Quem se lembrou da história de ... Carlinhos?'. O trabalho era feito muito com o flanelógrafo. As historinhas infantis, logo que a gente tinha material eram apresentadas assim (M. L. T. M., 2023, grifos meus).

Conforme relato das demais professoras entrevistadas, ela também elenca a contação da história bíblica como a primeira atividade realizada nas salas de aula. A depoente descreve uma tática singular, pois ao fazer uso da memorização, as crianças eram questionadas acerca das histórias e personagens trabalhados nas semanas anteriores. Ela é a primeira entrevistada a revelar que fazia uso desta ação.

Neste caso, concorda-se com o que Certeau (2008) assinalou ao descrever as táticas como sendo portadoras de forças que, por vezes, podem ser criadas para subverter a ordem. Ao atuarem como se formassem uma multiplicidade de articulações, elas podem agir diretamente nas formas pelas quais o leitor faz uso de sua criatividade.

Ao manusear os exemplares, a depoente proferiu:

Eu estou maravilhada de ver essas revistas. Como tu as encontrou? Que maravilha! Que maravilha! Isso são pedras preciosas!! Nós, as professoras, sempre tínhamos. Mas eu sei que era por nossa conta a assinatura! Talvez as gurias [outras professoras], talvez tenham até mais do que eu. Então eu tinha e as orientadoras também tinham. Era por assinatura. Chegava o Natal, tinha assinatura. Eu já tinha por que meu pai e a mãe, eles já eram da IECLB. Lá fora, na colônia, meu avô já assinava para os filhos e isso veio... né? (M. L. T. M., 2023).

M. L. T. M. também reforça que o desenvolvimento criativo dos professores era geralmente baseado nas histórias, lições, brincadeiras e demais atividades que o periódico propunha. Em destaque, surgiram novamente nos relatos a tática da utilização do flanelógrafo para ilustrar a contação da história.

A depoente rememora uma informação de quando lecionava: muitas vezes a assinatura do periódico era custeada pelas próprias professoras. Depreende-se que

a comunidade não auxiliava financeiramente a aquisição de determinados materiais utilizados pela Escola Dominical. Por intermédio desta afirmação, pode ser compreendido, em parte, o motivo pelo qual nem todas as crianças possuíam um exemplar para utilizá-lo em sala de aula na Escola Dominical.

Outro apontamento feito pela professora remete a condição de sua família ser assinante do periódico desde a época em que residiam na zona rural. O que denota que houve continuidade nesta condição, mesmo quando fixaram moradia na área urbana da cidade. A declarante também consegue apontar a data específica do Natal, como marco para a realização da renovação da assinatura anual.

Observar a quantidade de anos em que a família da depoente foi assinante do periódico pode estar ligado ao que Chartier (2011, p. 78) destacou acerca da materialidade do impresso: “[...] existe uma ligação intrínseca entre o ato da leitura em si e os suportes desta mesma leitura”.

Esta condição poderia explicar a decisão da família por continuar a adquirir exemplares do impresso, pois observava nele, atributos ou contribuições que significavam grande importância nos aprendizados ligados as questões de religiosidade que eram preconizadas e reforçadas nas comunidades luteranas.

Para Chartier (2011), esta relação entre leituras e leitores, que por vezes pode ocorrer de maneira implícita, denota que a materialidade do periódico também pode influenciar na produção de sentido do leitor. Logo, pode-se afirmar que a significação dos temas aguçava a continuidade em adquirir-se o periódico para que tais leituras fossem igualmente retomadas.

Ao referir-se sobre a diminuição da utilização do impresso *O Amigo das Crianças* no contexto das comunidades ligadas a paróquia da comunidade São João, a professora M. L. T. M. ressalta a importância didática e o destacado posicionamento que o periódico alcançou ao longo de sua utilização nas Escolas Dominicais.

Ela descreve que, com a nova opção da realização de cultos noturnos na comunidade São João contarem também com a Escola Dominical, começaram a surgir novos professores/orientadores para trabalhar com este novo público recentemente formado. A entrevistada enfatiza que nos cultos realizados na parte da manhã a Escola Dominical era um espaço diferente. Segundo ela, em seguida, o forte era utilizar o material da APEC. Esta condição replica uma situação específica conforme o fizeram os demais professores.

Em seu relato, a professora M. L. T. M. conclui que, mais tarde, muitos pais, não investiam tanto em materiais da IECLB. Talvez por questões financeiras relacionadas aos custos unitários dos impressos. Ela não consegue precisar o motivo, mas afirma: “[...] eu ainda usava... pois nunca foi proibido. Mas ele não foi mais usado depois. E eu acho que agora as crianças nem conhecem”.

E desde lá... de mais ou menos 1991/1992 eu não tenho mais assinatura do *O Amigo das Crianças*. Eu não tenho e nem os meus netos têm ainda assinatura! É uma pena! E é uma história motivadora ... então era muito bom isso...naquela época era quase todos os domingos que a gente dava aula. Então vamos ver, em muitas igrejas aí para fora [zona rural], vai encontrar, até hoje, onde tem o culto infantil, tem a sua assinatura do *O Amigo das Crianças*. Já na nossa comunidade [São João] é que não temos mais. E é uma coisa que a gente, talvez, tenha que começar a voltar a usar ... porque é saudável ... é muito saudável! Ainda assim a gente nunca desprezou ... sempre foi usado..., mas o tempo ... foi levando ... foi levando (M. L. T. M., 2023).

A professora declara a relevante contribuição e o legado que o impresso deixou ao longo da história da Escola Dominical. Destaca seu uso e as potenciais contribuições que ele pode ofertar. Ao mesmo tempo, ela aponta não ter prosseguido com a assinatura, mas não define os motivos que a levaram a tomar a decisão de interromper seu vínculo com o impresso. Seu desligamento do cargo de professora da Escola Dominical pode ser um fator a ser considerado. Mas em seu relato não fica clara essa afirmação.

Desta forma, ela reforça:

Sabe... que lá, na hora ... a gente não ... não sabia. Mas [...] lá na escola dominical, tanto no culto infantil, foi algo que trouxe membros ativos para a comunidade. A ordem sempre foi importante ... os trabalhos duram porque estão baseados numa ordem. E onde tem ordem, tem continuidade! Agora sempre deve ficar claro assim ... nós sempre tivemos um local! E isso, por mais humilde que seja, uma igreja da IECLB, ela sempre tem um local para estudo. Às vezes ... em algum outro lugar ... pode não ter essa mesma disponibilidade de espaço (M. L. T. M., 2023).

Ela rememora que ao longo dos anos a iniciativas diretivas de sempre fomentar o trabalho com crianças foi essencial para a igreja. Segundo seu apontamento, o primeiro departamento instalado na comunidade foi o coral. E o segundo, o que, na sua opinião, comprovaria tal importância, foi o “Culto infantil” / Escola Dominical.

A fala da depoente assinala indicativos de que ela relaciona o trabalho realizado nas Escolas Dominicais como um ato “formador de fiéis adultos”. Esta condição parece ir ao encontro das estratégias editoriais do impresso, que, de certa forma,

procurava prospectar esta ação formadora por meio dos temas abordados pelo periódico.

Outra constatação válida é perceber que futuramente, alguns alunos da Escola Dominical compuseram os quadros de membros efetivos da comunidade São João. Neste sentido, para a professora, investir nas atividades voltadas para as crianças deveria ser um dos focos principais de uma comunidade evangélica.

Esta premissa pode ser também observada como o foco principal da estratégia editorial do impresso *O Amigo das Crianças*. Nota-se nos temas abordados pelo periódico a busca pela condução que visava apontar qual seria a correta “formação moral e religiosa dos leitores”, ou seja, o fato de dirigir-se ao público infantil, aponta para a condução da formação do “ideal fiel adulto”.

Ao encerrar sua participação ela evoca uma lembrança referente as festividades de encerramento da Escola Dominical:

Na comunidade São João, quando nós nos apresentávamos naquele altar ... [o templo] ficava lotado! Cheio, cheio ... o casal E.M. e R. M. também trabalharam sempre junto com a gente. Ela era professora, e ele por causa da gaita e a filha porque também tocava violão! Era muito legal! (M. L. T. M., 2023).

As apresentações no templo sempre se fizeram presentes nas falas das depoentes. Este era o momento em que a comunidade poderia acompanhar o que as crianças haviam realizado durante o momento da aula. Neste sentido, o impresso *O Amigo das Crianças* em diversos exemplares, geralmente em datas comemorativas específicas, apresentava propostas de canções e atividades voltadas justamente para estes momentos que rotineiramente fazem parte das reuniões em comunidades ligadas a IECLB.

Ao referir-se ao casal e a família formada por “E.M., R. M. e filha”, a depoente aponta para uma peculiaridade presente nesta família de professores: com a ajuda de instrumentos musicais, atuaram de forma diferenciada no universo didático das Escolas Dominicais. A seguir, apresenta-se os relatos desta família, pois eles são os próximos professores entrevistados por esta pesquisa.

A família anteriormente citada atuou na Escola Dominical entre os anos de 1980 e 1991. O trio de professores era formado pelo pai, mãe e filha que desenvolveram nas salas de aula uma criativa ferramenta didática: ensinavam e interagiam com os alunos fazendo uso de instrumentos musicais.

5.1.5 Pai, mãe e filha: família, docência e música na Escola Dominical

No espaço da Escola Dominical, o trabalho com as crianças não era desenvolvido somente por pessoas que atuavam de forma individual. Por conta da proximidade das famílias que participam das comunidades, são vários os exemplos de pais, mães, tios, tias, irmãs, irmãos, entre outros, que acabaram atuando junto em alguma frente de trabalho desenvolvida pelas igrejas.

Este é o caso de E.M. e R. M.⁵³, que acompanhados pela filha, atuaram nas tarefas da Escola Dominical de uma forma muito peculiar: E.M., assumiu o posto de professora; o esposo R. M. (gaita) e a filha (violão), desenvolviam um trabalho baseado no uso de instrumentos musicais para apresentar determinados temas para as crianças participantes deste espaço. Nesta seção os dois depoentes serão apresentados conjuntamente.

Como formação, a professora E.M. possui o ensino médio completo. Enquanto R. M., aposentado, foi professor no curso de Eletrotécnica no então denominado CEFET/RS. R. M. morava na zona rural de Pelotas/RS na localidade conhecida como Vila Nova⁵⁴. Nascido em um lar formado por luteranos, ele explica que sua família frequentava uma igreja luterana chamada de Comunidade Vitória. Ele destaca que naquela comunidade havia um pastor que teria vindo direto da Alemanha para atuar naquele local.

Em contrapartida, nessa época, a professora E.M., residente na mesma localidade, frequentava uma igreja católica. Então, no ano de 1962 eles iniciam um relacionamento e E.M. logo se insere nas atividades da igreja luterana, local que passou a integrar desde então. Vale destacar que E.M. é a única professora entrevistada pela pesquisa que não nasceu em um lar luterano e não frequentava esta denominação religiosa desde sua infância.

Com a necessidade de dar continuidade nos estudos dos filhos, ao pai de R. M. não restou uma alternativa senão vir com toda a família para morar na área urbana da cidade. Em 1965, passam a frequentar a Comunidade São João, a qual o depoente

⁵³ Depoimento concedido por E.M. e R. M. em Pelotas, em abril de 2023.

⁵⁴ A localidade conhecida como Vila Nova faz parte do 7º distrito de Pelotas-RS.

destaca como “[...] uma igreja bem tradicional. O pastor era o Alfredo Simon⁵⁵. Logo depois, entre 1966 e 1967, chegou o pastor Adelário”.

A professora E.M. explica que a partir do ano de 1968, então noiva de R. M., passa, também, a fazer parte da comunidade São João. Dois anos mais tarde, em 1970, eles se casam neste mesmo local. Ela destaca que ao conhecer os trabalhos desenvolvidos passou a participar efetivamente da comunidade São João.

O casal aponta que:

Em 1973 nasceu nossa primeira filha e aí já começou a nossa história com a escola dominical. Porque começou com os nossos filhos... na parte da creche⁵⁶... que é o primeiro passo da escola dominical. Na época era um pouquinho diferenciada em relação ao que é hoje. Mas diferenciado, mais na quantidade... a maior parte das crianças todas elas vinham de manhã (R.M., 2023).

Nota-se que em seu primeiro relato acerca da Escola Dominical, o casal reforça as afirmações dos demais entrevistados: atendiam-se as crianças somente no turno da manhã, ou seja, durante os cultos que ocorriam no templo, aos domingos, no mesmo período do dia.

Este apontamento realizado pelo casal de professores guarda singular relevância. Parece que sublinhar a observação, de que os cultos eram matinais e as aulas na Escola Dominical eram desenvolvidas apenas no horário específico, é uma afirmação recorrente no mosaico de memórias apresentadas pelos entrevistados.

Neste sentido, quando os indivíduos relatam temas comuns ao contexto de determinados grupos ao qual fizeram/fazem parte, vale sublinhar uma das linhas de pesquisa de Halbwachs (1990). Trata-se da análise de um fenômeno que o autor denominou como “quadro social da memória”.

⁵⁵ Alfredo Simon foi pastor da Comunidade São João em dois períodos: Novembro/1929 a Setembro/1942; de Junho/1955 a Junho/1967. Na cidade de Pelotas-RS atuou também como professor e diretor escolar. Para maiores informações ver: FONSECA. Deutsche Schulen urbanas no Pampa ou o Pampa dentro de Deutsche Schulen? Cultura Escolar Conforme: Collegio Alemão de Pelotas e Collegio Rio Grandense do Rio Grande (1912-1936). Pelotas, UFPel, 2017. Tese de doutorado.

⁵⁶A expressão “creche” refere-se ao que atualmente é denominado “berçário” local onde crianças entre um e quatro anos de idade são atendidos enquanto os pais participam do culto.

Nessa linha de pesquisa, as relações a serem determinadas já não ficarão adstritas ao mundo da pessoa [...], mas perseguirão a realidade interpessoal das instituições sociais. A memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares a esse indivíduo (BOSI, 1994, p. 58).

Neste contexto, nota-se que ao perpassar pelas memórias dos professores entrevistados surge um universo de elementos em comum. O horário de funcionamento da E. D. pode ser considerado um exemplo pontual. Ainda assim, não pode ser negada a existência de alguns elementos fugidios no teor dos relatos.

Porém, eles não podem ser considerados um “entrave” para a discussão aqui pretendida. Na verdade, eles são agentes complementares que viabilizam a tentativa de compreender como se davam as relações na Escola Dominical. Além disso, vale destacar que o campo de estudos da História da Educação pode encontrar, subsídios para ampliar as reflexões acerca deste contexto específico.

Ao prosseguir com seu relato o casal apresenta a seguinte afirmação sobre a Escola Dominical:

E aí... o tempo foi mudando. Esses casais foram mudando e eles começaram a vir para o culto da noite. As crianças deles, de noite, precisava dar... precisavam ir ao culto infantil de noite. **Então começou o culto infantil da noite**, assim, com o pastor Valdir Steuernagel⁵⁷. Ele que começou com essa função de ter um culto de noite **por causa das crianças que vieram de noite**. Também aconteceu porque ele pensava sempre em ter um culto jovem. E o Valdir foi um dos que ficou menos tempo aqui porque ele foi para os Estados Unidos fazer aperfeiçoamento. Depois veio o pastor Eldo Krüger. **Mas a principal diferença mesmo, que nos interessa em entender, é que o culto infantil antes era de manhã. Era onde vinha o maior número de crianças e depois passou para o culto da noite** (E.M., 2023, grifos meus).

A explanação realizada, aponta, pela primeira vez, o momento em que ocorreu a mudança na qual a Escola Dominical, que possuía como horário de atuação apenas o horário das manhãs de domingo, passou, a partir de então, a desenvolver seu trabalho em dois turnos: matinal e noturno.

Pode ser apontado, segundo relatos dos entrevistados, que tal condição passou a ser uma espécie de divisor que alterou o formato das aulas, assim como modificou o número de alunos participantes. A ideia de a Escola Dominical atuar no período noturno parece não contar com o apoio da maioria dos professores.

⁵⁷ Valdir Steuernagel foi pastor na Comunidade São João de Abril/1980 a Maio/1984. Fonte: (Ata nº 1, de 26 de março de 1984, Reunião Ordinária da Comunidade Evangélica São João de Pelotas)

Para a professora E.M.

O maior número de crianças era naquela época. Tinha muita criança no culto da manhã! Se hoje à noite tem bastante crianças ... não chega nem perto do que tinha de manhã, na outra época! Quando fizeram a escola dominical chamada "O Bom Pastor" não dava para ficar lá dentro. Todos os professores não cabiam lá dentro. Algumas professoras tinham que ir lá para trás assistir na janela porque era uma grande multidão de crianças. Aquilo era um povo de crianças! (E.M., 2023).

Nas demais entrevistas realizadas, as professoras que atuaram na Escola Dominical na comunidade São João igualmente relacionaram essa questão em seus relatos. A grande maioria aponta a diferenciação que passou a existir quando a escola começou a atender em dois turnos, ou seja, manhãs e noites de domingo.

Conforme destaca Halbwachs (1990), as afirmações, ao ocorrerem em conjunto, denotam uma importante questão: nossas lembranças permanecem coletivas porque são igualmente reforçadas por outras pessoas. Ainda que em alguns casos nossas experiências sejam individuais, as particularidades inerentes a determinados grupos sobressaem-se de maneira perceptível.

Quanto a sua efetiva iniciação atuando em sala de aula na Escola Dominical, a entrevistada relata o seguinte histórico:

Quase todos os domingos nós levávamos os nossos filhos e ainda trabalhávamos com os filhos dos outros. Eu [E.M.] é que comecei com a creche mesmo... nos anos 80... não consigo lembrar se era 1981/1982. [E.M.] Mas eu comecei mesmo na escola dominical, como professora ... dos anos 80 ... e o meu tempo de escola dominical foi... até o ano de 1991, eu acho. Por aí... não consigo lembrar certo. Eu gosto de trabalhar também com as crianças de 3, 4, 5 anos. Até mesmo depois de maiores... turminhas um pouquinho de 4, 5 anos... era a faixa de crianças que eu trabalhava com uma auxiliar (E.M., 2023).

Observa-se assim uma condição que perpassa por quase a totalidade do grupo de entrevistados: na maioria dos casos, o professor e algumas professoras, contavam com a presença de seus próprios filhos dentre as turmas das Escolas Dominicais. Em seus relatos geralmente eles procuraram reforçar esta particularidade que, por vezes, nota-se servir como "um gatilho" para rememorar algumas passagens ocorridas durante as aulas.

A seguir a professora explica a forma que ela fazia uso dos materiais de suporte didático e como se dava, no seu caso, a condução das aulas no decorrer das atividades proporcionadas pela Escola Dominical.

Neste sentido ela esclarece que:

Dentro da escola dominical nós trabalhamos com muitos materiais. Era folha de ofício. Era... ampliando os desenhos que tinha na revista... que a gente usava na escola dominical. **O meu marido tocava gaita. A minha filha tocava violão.** Meu marido era o “Tio do Nheco-Nheco” e minha filha era a “Tia do violão”. Então... eles são muito conhecidos na escola dominical por isso. Por esse motivo (E.M., 2023).

Aqui surge o diferencial desta família frente aos demais professores entrevistados: a música era utilizada como suporte em suas aulas. Conforme relatado em diversas ocasiões, as histórias bíblicas eram trabalhadas com o auxílio de instrumentos musicais. Segundo destacado pelo casal⁵⁸ depoente, a representação da história por meio do uso da música mostrou-se ser uma tática valiosa que corroborava neste sentido.

Ao adentrar no campo específico dos conteúdos abordados e de como eles eram trabalhados didaticamente em sala de aula, a professora faz uma referência indireta ao impresso *O Amigo das Crianças*. Ainda que não tenha conseguido recordar-se, até o momento, o nome do material com o qual trabalhava em sala de aula.

Nós usamos um material que era como diz... durável para o mês inteiro... ele era para quatro domingos. [Neste momento foram apresentados os exemplares do impresso] Olha só!! Que interessante! Mas se não é *O Amigo das Crianças*!!! Eu não estou acreditando! De onde tu conseguiu tirar? Onde tu arrumou isso? Olha que legal... esses aqui são os nossos! Nós usávamos muito isso aqui. A gente usou muitas vezes ele durante muitos anos (R.M., 2023).

Os exemplares do impresso agiram neste contexto como intermediadores no diálogo estabelecido entre o pesquisador e os professores da Escola Dominical. Ou seja, o contato com o periódico oportunizou aos professores rememorar-se de fatos pontuais que enriqueceram o conteúdo da entrevista.

Neste sentido concorda-se com o que apontou Portelli (2016) quanto as fontes orais serem possuidoras de atributos que propiciam a produção de uma gama de narrativas individuais, informais e dialógicas. As informações periféricas puderam auxiliar ofertando diversos subsídios para as reflexões pretendidas nesta análise acadêmica.

A partir de então, tendo em mãos alguns exemplares do impresso, o casal rememora detalhes de algumas atividades por eles realizadas. Assim, conseguem

⁵⁸ No dia da entrevista realizada com E.M. e R. M. a filha do casal, que atuava junto aos seus pais em sala de aula, não estava presente. Por este motivo esta pesquisa não conta com seu relato.

relatar as particularidades de algumas situações ocorridas em sala de aula. Surgem exemplos que vão permeando o decorrer sobre as rotinas vividas em sala de aula.

O professor R. M. descreve como se davam as atuações:

A gente trabalhava com esse material assim ó: para a contação da história, primeiro né... aí, vinha ... os desenhos, **no flanelógrafo**, que tinha na história. A gente ampliava e trabalhava com eles. Nós fazíamos **músicas** também relacionadas com a história. Depois de contar a história para eles. Se eu queria contar uma história para eles, algumas vezes, fazia a **música** depois (R. M., 2023).

Relacionar a questão musical é a singularidade desta atuação dos professores. Neste ponto percebe-se por qual motivo Manke (2012, p. 17) oportunizou que sua abordagem mobilizasse o conceito de apropriação baseada em Chartier (1998): “[...] no âmbito da História Cultural, o autor propõe relevante discussão sobre os modos de ler e a apropriação das práticas de leitura ao longo dos séculos[...]”.

Por isso, ao depreende-se que a atuação dos professores não se esgotou na sequência, contação de história, seguida por representação por meio do uso de um flanelógrafo, que novamente se repetiu, mas, desta vez foi diversificada e ampliada.

A questão da introdução de músicas ao tema central apresentado na revista era o passo seguinte que esses professores utilizavam. Por esse motivo é possível afirmar que o processo de apropriação, no caso desses professores, apresenta um movimento diferenciado aos demais relatos.

A seguir na figura 35, o exemplar do mês de fevereiro de 1987 apresenta uma história cujo tema é “A CURA DE UM COXO”. Na parte inferior direita da página pode ser vista a tablatura de uma canção que descreve essa mesma história. Seguindo o calendário litúrgico anual da IECLB nas edições distribuídas próximas a datas comemorativas, geralmente, a equipe editorial responsável pelo impresso destinava um espaço para canções alusivas a estes determinados temas.

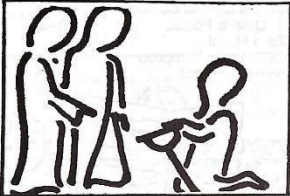
Figura 36 - Revista O Amigo das Crianças, fev. 1987


O Amigo das Crianças

PUBLICAÇÃO SEMANAL 4º DOM. APÓS EPIFANIA E ÚLTIMO DOM. APÓS EPIFANIA
Nº 3 - ANO 50 - 01 e 08/02/87

A CURA DE UM COXO

Atos 3.1.10



- Vou andando, saltando e louvando a Deus, vou andando, saltando e louvando a Deus...
- Ué, aquele lá não é o André?
- É ele mesmo! Nossa, como está feliz, não pára de pular e cantar...
- Pular e cantar? Mas como? O André é coxo!
- Aconteceu um milagre...
- Oh, André! Venha cá, amigo!
- Oi pessoal! Como vão vocês?
- Nós estamos bem, mas o que aconteceu com você, André? Não conseguimos acreditar no que estamos vendo!
- É, nem eu consigo acreditar. Estou curado! Curado!
- Mas, André, como isto aconteceu?
- Bem, eu estava sentado à porta do templo, como sempre, pedindo esmola. De repente, vieram dois homens e eu implorei que me dessem algumas moedas. Sabem o que eles me responderam? "Olha para nós." Eu olhei, então, um deles, chamado Pedro, me disse: "Ouro e prata não tenho, mas o que te

nho te dou, em nome de Jesus Cristo, levanta-te e anda." Então eles me deram a mão e eu me levantei, curado.

- Poxa vida, André, que história bonita você nos contou. Agora entendemos por que você pulava e cantava tão feliz.
- Estou mostrando para todos o que Deus fez comigo para irmos juntos ao templo, pois Pedro e João são apóstolos de Jesus e estão falando dele para os que estão reunidos lá.
- Vamos todos! Vamos pular e cantar com André e nos alegrar com o que aconteceu! Vamos nós também cantar com André e seus amigos? Vamos nos alegrar pelo testemunho de Pedro e João sobre o poder de Jesus ressuscitado que quer a vida verdadeira e não a doença e a morte? Então cantemos...



Fonte: Acervo EST

Este pode ser apontado como um exemplo de atividade desempenhada pelo casal de entrevistados que se diferencia dos demais professores. Eles adaptavam a história que o periódico abordava, representando-a para os alunos na Escola Dominical em forma de canção. Esta distinção é contrastante em comparação ao grande grupo.

Em contrapartida, tendo como base a utilização de textos vinculados ao ensino por meio de canções, na figura 36 está destacada a estratégia editorial. Partia também da editoria a iniciativa de publicar atividades lúdicas que contavam com a abordagem musical como suporte didático.

Figura 37 – Revista O Amigo das Crianças, nov. 1986

4 – O AMIGO DAS CRIANÇAS

8 – Canto **MEU SORRISO** *Pe. Zezinho, scj*

1. Meu sor - ri - so não é só meu, foi Deus quem me deu es - te sor - ri - so que não é só meu.

2. Meu brinquedo não é só meu. Foi Deus quem me deu. Este brinquedo que não é só meu.

3. Meu alimento não é só meu. Foi Deus quem me deu. Este alimento que não é só meu.

4. Meu dinheiro não é só meu. Foi Deus quem me deu. Este dinheiro que não é só meu.

9 – Compromisso

Viver como Jesus nos ensinou é viver em comunhão com as outras pessoas, repartir o que temos de bom, levar alegria às pessoas que não a têm. Deus nos deu a vida, não para vivermos sozinhos, mas para compartilhá-la com todos os que nos rodeiam.

A cruz é o símbolo que nos questiona quando vivemos só para nós. Ela nos empurra, nos faz falar, caminhar e reclamar das coisas ruins que acontecem ao nosso redor. Por isso, a borboleta, que significa vida, também não pode ficar deitada nesta cruz. Vamos agora pegá-la e ler novamente o que escrevemos. Isto que escrevemos e ofertamos a Deus, vai ser agora o nosso compromisso para onde formos – em casa, na escola, na vizinhança, na igreja, em outra cidade.

10 – Oração

Vamos encerrar a nossa celebração, agradecendo mais uma vez pela vida que Deus nos deu e pedindo para que ele nos ajude a vivê-la como ele quer.

Convidar algumas crianças para orarem. Depois, pode-se encerrar, em conjunto, com a oração do Pai Nosso.

11 – Abraço da paz

Agora, vamos todos nos dar um abraço, expressando a nossa amizade e alegria pela vida.

O AMIGO DAS CRIANÇAS é uma publicação semanal da EDITORA SINODAL. Redação: DEPARTAMENTO DE CATEQUESE da IECLB, em colaboração com o JORNAL EVANGÉLICO. Responsável: Raul Jorge Bender. Assinatura, impressão e expedição: EDITORA SINODAL, Caixa Postal 11, 93001 – SÃO LEOPOLDO – RS

Fonte: Acervo Hisales

Sendo assim, pode-se inferir que tanto a intencionalidade dos conteúdos, quanto a materialidade de um impresso, conforme Chartier (1988) enfatizou, por vezes pode influenciar no processo de apropriação, justamente pela distinção de sentidos que determinados textos podem produzir em seus leitores.

Na pesquisa de Manke (2012) acerca do conceito de apropriação, o grupo estudado pela pesquisadora também apresentou distinções. Conforme apontado pela autora, nos casos por ela analisados é perceptível que:

[...] a apropriação está permeada de singularidades relacionadas às experiências sociais individuais [...]. Ainda que todos os participantes da pesquisa apresentem a mesma origem social, foram observadas diferenças devido a [...] pequena variação em relação à escolaridade, à idade e os meios de socialização” (MANKE, 2012, p. 214).

Conforme descreve o relato do casal, a ação de habilitar-se a fazer uso do flanelógrafo denota que os leitores/professores, leram e produziram determinadas

significações acerca da história/tema que o impresso propunha. Assim, concorda-se com o que destaca Chartier (1988), pois se percebe que a leitura de um texto pôde fomentar a inventividade por conta da produção de sentidos.

Ainda assim, é necessário ressaltar que o fato do periódico apresentar conteúdos voltados diretamente ao uso de músicas e canções também pode ser configurada como uma estratégia editorial, como destacado por Certeau (2008). Na figura 36 pode ser encontrado um exemplo de como o próprio impresso fomentava essa prática que seria desenvolvida em sala de aula na Escola Dominical.

Chartier (2010) reforçou o pressuposto de que as formas de um escrito podem estreitar os limites da compreensão. Em contrapartida, o autor aponta que a apropriação é criadora e produtora de diferença. Neste sentido pode-se afirmar que, por parte dos professores, houve uma criação ao optarem por introduzir o uso de instrumentos musicais em seu planejamento de aula.

Percebe-se, então, que o processo de apropriação, tendo por base este exemplo, segue para um estágio ainda mais ampliado: ao passo que o tema trabalhado foi apresentado de forma oral (leitura), seguido de uma representação por meio de imagens (flanelógrafo) surge um terceiro momento que enriquece de forma decisiva o cenário em questão: o tema também foi apresentado às crianças fazendo-se o uso de instrumentos musicais.

Observando de maneira mais ampla, para além de ser um diferencial frente a atuação dos demais professores, o resultado desta ação pode ser apontado como uma ampliação por meio de um aporte didático que visava proporcionar ao aluno possibilidades de ampliar e desenvolver sua compreensão acerca dos temas trabalhados nas aulas da Escola Dominical.

Neste relato surgiu outra semelhança frente aos demais. Trata-se da reiterada observação em afirmar-se de que os alunos não contavam com o uso individual de exemplares do impresso. Logo, repete-se a menção do exercício inerente aos professores: cabia a eles a tarefa de dirimir esta desigualdade por meio de soluções que os próprios buscavam desenvolver.

Era muito, muito legal... muito, muito importante para gente sim esse material. O que a gente se baseava na minha época era isso aí. Podia até trazer alguma outra coisa de fora. **Mas a gente usava os desenhos dele** e as outras... como chama... atividades as outras coisas que tinha nele aí. Era o material que a gente usava. Eu não lembro se os mais adultos... não acho que... **os menores não tinham um exemplar para cada um. Acho que o professor tinha um e a gente fazia cópias, né?** Com certeza não! Não tinha um [exemplar] para cada. Não porque **a gente fazia cópias**. Nas nossas turmas era assim (R. M., 2023, grifos meus).

De forma prática, buscando exemplificar particularidades referentes a essa ação, o casal, fazendo uso de um exemplar do impresso, descreve que táticas eram por eles desenvolvidas no sentido de ofertar maior acesso dos alunos ao material utilizado em sala de aula na Escola Dominical.

Quanto ao conceito de materialidade de um impresso, esta ação dos professores possui relevante aproximação frente aos pressupostos que elenca Chartier (1994). Para o autor, os usos e interpretações de uma leitura, são afetados profundamente pela tipologia de cada suporte ao qual tais escritos foram ofertadas.

Sendo assim, também se verifica, deste modo, a ação criadora na qual Chartier (1988) denomina como “movimento de escape”. Ele pode ocorrer porque, às vezes, as estratégias utilizadas por autores e editores podem tentar impor uma ortodoxia do texto, ou até mesmo uma leitura fabricada.

Destaca-se neste ponto o que Certeau (2008) define como a sendo a identificação das táticas daquilo que os leitores de um texto, por vezes, fazem uso: a fabricação ou inventividade. Sendo assim, segundo o autor, para compreender-se como se desenvolve este conceito é necessário, nesta análise, a observação daquilo que os leitores produziram a partir de suas leituras.

No relato a seguir, o casal de professores aponta esta condição e a expõe com destaque.

Pegava esse desenho que tem aqui ... no caso... **e pegava outro desenho relacionado também com a história. Aí a gente podia recortar e colar e não sei... outras coisas que eu fazia era deixar maior para poder enxergar.** Eles enxergam melhor. **Fazer a todos eles para que pudesse entender a história.** Eu gostava muito de fazer na própria folha de ofício. Depois que fazia grande passava uma vez só. Fazia uma vez só e passava no **mimeógrafo**⁵⁹ **e a gente conseguia ter um para cada.** Para que todos eles tivessem uma folha para **casa na outra semana, no outro fim de semana** (R. M., 2023, grifos meus).

Observando este mesmo exemplo sob outra ótica, é perceptível inferir que a situação financeira dos alunos parece estar intrinsecamente ligada a questão da quantidade de exemplares utilizados em sala de aula. Este pressuposto sobressaiu-se em quase todos os relatos. Os professores reafirmam que nas turmas, nem todos os alunos possuíam a assinatura anual/mensal ou compravam esporadicamente o periódico.

Esse pode ser considerado um indicativo que auxilia na compreensão da iniciativa dos professores em optar pelo uso de cópias para que cada aluno pudesse trabalhar com o mesmo material dos demais colegas. Em termos de planejamento de aula, nota-se que, por parte dos professores, a tarefa de garantir uniformidade nos materiais utilizados em sala de aula era uma constante rotina por eles desempenhada.

Ao retomar o tema acerca do desenvolver das rotinas de sala de aula, a entrevistada volta a destacar que ao uso do flanelógrafo era dedicado um lugar de destaque na condução das atividades.

Tem muita coisa sempre da escola dominical **com o assunto da historinha** daquele... o nome é... como é que é o nome... daquele... **flanelógrafo!** Ele foi o **primeiro sempre.** Ia contando a historinha e mostrando ela no flanelógrafo. Ali... depois se tinha os desenhos para pintar da historinha. É que era... mais... sempre **relacionado com que tinha contado o que a história contava.** Sempre foi assim, porque, assim, é que a criança capta. **Ela não captava se não era desse jeito.** A gente sabe fazer... elas captam a história assim (E.M., 2023, grifos meus).

É necessário destacar que o planejamento de aula do casal de professores segue, basicamente, o modelo anteriormente apresentado por seus demais pares. Inclusive pode-se destacar a atuação que respeitava a mesma sequência que os demais entrevistados declararam seguir em suas aulas.

⁵⁹ Este utensílio foi o predecessor de fotocopiadoras, impressoras e scanners. Trata-se de um instrumento que, por longo tempo, foi um dos primeiros sistemas de cópias em grande escala ou reproduções em série utilizado nos meios escolares. Servia para fazer cópias de papel escrito e necessitava utilizar em seu processo um tipo de papel chamado “estêncil”. Segundo relatos, durante um determinado período havia um mimeógrafo na própria Comunidade São João.

Geralmente a aula iniciava com a contação da história, a representação da mesma por meio do uso do flanelógrafo, realização de pinturas, colagens e recortes referentes ao tema trabalhado pela história anteriormente contada.

Mas nós... ali, fazia desse jeito, né? A gente gostava de fazer isso, pois assim: Se é uma história de Davi e Golias, então a gente fazia historinha da revista. **Era Davi e Golias e contava a história deles, mostrando ali para as crianças no flanelógrafo.** Quem era Davi, quem era Golias... a gente ia fazendo ali. **A História continua ali na frente. Continuava ali no flanelógrafo.** Mas a gente desenhava maior também. Ampliava eles... né... depois na hora de colorir. E para mostrar, também a gente ampliava (R. M., 2023).

No teor das entrevistas, em certos momentos, fica evidente que algumas ações descritas pelo grupo, de certa forma, vão se entrelaçando e reafirmando questões apontadas por outros professores. Um exemplo desta continuidade pode ser observado no relato destacado a seguir.

Outro dia ainda fui mexer nas revistas. Nesta revista *O Amigo das Crianças*. **Nas revistas dos meus filhos ... tem quantidade delas aqui com a tarefas prontas! As tarefas que eles mesmos faziam!** Mas tem uma grande variedade... de tudo que eles fizeram e completaram na revista. **É que vieram para completar para conferir no outro domingo, né? Então meus filhos sempre completaram as tarefas. Eles que trabalhavam com ela em casa.** Também eu tenho guardado em casa... tu nem sabe quanto material! Tem guardado aqui na minha casa (R. M., 2023, grifos meus).

As tarefas que serviriam como “dever de casa” são ressaltadas novamente em um relato. A entrevistada afirma que seus filhos, alunos da Escola Dominical, realizavam as atividades que o impresso propunha. Esta condição é igualmente compartilhada por quase a totalidade de professores entrevistados. Pode-se afirmar que esta era uma prática seguida pelo grupo que atuava na Escola Dominical. Quanto ao período em que se desligaram da Escola Dominical, eles afirmaram:

Depois, mais tarde... **depois, quando a gente já tinha saído da escola dominical, começou a chegar bastante materiais da APEC.** [...] aí a comunidade **usava bem pouco essa revista...** acho que era 1992. E depois, um pouco mais, começou a usar direto da APEC. Durante um tempo... eu não sei dizer... quanto tempo. É que nós não estávamos mais na escola dominical (R. M., 2023).

Repete-se aqui a informação de que em determinada época, o impresso *O Amigo das Crianças* acaba perdendo espaço em detrimento do uso voltado para a utilização de outros materiais que assumem a posição de destaque nas salas de aula

da Escola Dominical. Este acontecimento igualmente é destaque nas demais falas dos entrevistados.

Por fim, os professores, E.M. e R. M., conseguem nomear as pessoas que fizeram parte do grupo de coordenadores da Escola Dominical em diferentes períodos em que o referido casal atuou neste espaço. Entre os nomes, citam G. B. M. e M. L. T. M. e enfatizam o papel desempenhado pelos coordenadores do grupo de professores.

5.1.6 Docência em duas Escolas Dominicais

A professora A. P. K. é formada em magistério, pedagogia, psicologia e possui pós-graduação em Arteterapia. Segundo a entrevistada, sua história está ligada diretamente com a comunidade São João. Foi batizada na mesma igreja e desde muito cedo frequentava a Escola Dominical como aluna assídua.

Ela também cita que o envolvimento de sua família nas atividades desenvolvidas na igreja: “[...] a minha irmã mais velha, Neiva, era professora também na Escola Dominical. Então, foi uma vivência, assim, contínua! [...] Devia ser lá pelo ano 1970 por aí, mais ou menos”.

Prosseguindo a entrevistada afirma:

E, mais tarde, a minha irmã tinha casa no Laranjal. E no Laranjal os encontros da igreja eram feitos nas casas. Não tinha igreja como agora tem. Então o pessoal oferecia as garagens, as casas, para os moradores que estivessem veraneando, se reunirem também. E eu, como passava, às vezes, as férias na casa da minha irmã, nós acabamos, além da igreja, trabalhando com as crianças na escola dominical (A. P. K., 2023)⁶⁰.

O relato da professora A. P. K. é singular no contexto das entrevistas aqui destacadas. A diferenciação se dá por conta dos locais por onde ela esteve lecionando a frente das turmas da Escola Dominical: ela foi professora na comunidade luterana⁶¹ localizada no Laranjal, assim como na comunidade São João.

O cenário de reunião destacado pela professora A.P. difere dos demais relatos dos entrevistados desta pesquisa. Os encontros, que não eram realizados em templos

⁶⁰ Depoimento concedido por A. P. K. em Pelotas, em abril de 2023.

⁶¹ Vale lembrar que no período destacado pela entrevistada esta era uma prática desenvolvida nas garagens de alguns dos integrantes da comunidade São João que, para a realização de cultos luteranos, sediavam espaços em suas casas de veraneio.

evangélicos luteranos, tinham como local base, as casas de veraneio de alguns indivíduos integrantes da Comunidade São João.

Em determinados espaços das casas, os adultos reuniam-se

E as crianças iam para garagem nos fundos... para ter escola dominical. Então era um tempo... um tempo... assim... que eu lembro com muita, muita alegria... muita saudade! Porque era eu e duas primas do meu cunhado. Todas na mesma idade... mais ou menos uns 11 e 12 anos. E a gente dava conta de controlar as crianças!! E dava conta das crianças na hora do culto! Acho que, à nossa maneira, foi transmitido o que nós recebemos... do jeito como a gente recebeu, então, foi uma coisa meio “informal”, mas, feita de coração! (A. P. K., 2023).

Relacionando tal iniciativa frente a um tema específico abordado por esta pesquisa, pode-se apontar que, por parte da direção e da coordenação da igreja, haveria uma determinada estratégia institucional no sentido de promover a realização de encontros religiosos em um período, neste caso as férias de verão, onde os participantes estariam distantes, geograficamente, do prédio/templo principal da comunidade São João.

A entrevistada aponta que tal estrutura passou por significativas alterações estruturais em momentos posteriores. Tanto o culto para os adultos, quanto a Escola Dominical passaram em seguida a não estar mais atrelados as temporadas de veraneio como ocorria até então. A programação, cultos realizados nas casas, passaria agora a contar com atividades para o ano inteiro.

A. P. K. argumenta que:

Durante o ano o meu pai arrumava a garagem para que os moradores do Laranjal tivessem culto. **E já não era só uma coisa de verão... era inverno também!** E também uma boa lembrança que eu tenho do meu pai e da minha mãe, lógico... era essa coisa do preparo... da garagem, para os cultos durante o ano (A.P.K., 2023).

Na configuração vivida à época, por conta deste movimento, houve um crescimento exponencial no número de crianças participantes da Escola Dominical. Pode ter sido este o principal motivo para que A.P. já tivesse observado a necessidade da realização de divisões na turma de alunos.

Por consequência os locais onde as atividades da Escola Dominical poderiam ser realizadas também precisaram ser aumentados. Assim, a entrevistada declara que: “[...] Então, eram três salas... que nós ocupávamos, com a Escola Dominical, de acordo com a faixa etária”.

Quanto a sua predileção em atuar a frente de uma turma na Escola Dominical, mesmo ainda sendo muito jovem, a entrevistada procura explicar da seguinte maneira como se deu sua trajetória neste novo espaço que começava a tomar forma.

Conforme enfatizou A. P. K.:

Sempre estive dentro da escola dominical, das escolas, dentro das chamadas “salas de educação” ... como a gente pode.... chamar! **A minha família é uma família de professoras.** A gente sempre tem um modelo assim... de repente, olha, vou seguir essa linha. Minha irmã mais velha foi professora do estado. Minhas cunhadas também eram professoras (A. P. K., 2023).

A família da entrevistada possuía larga tradição no cenário educacional. Estes laços parecem ter sido estreitados no contexto ao qual A.P.K. esteve exposta em sua infância e adolescência. A carreira docente fez-se presente em muitos momentos em sua vida.

Desta maneira, ela inicia sua atuação na localidade do Laranjal. A entrevistada recorda que, naquele momento, já estava em contato com o impresso *O Amigo das Crianças*. Ela afirma que buscava as revistas na comunidade São João e as levava para a Escola Dominical no Laranjal, onde as utilizava em sala de aula.

Ao estabelecer contato visual e manusear com alguns exemplares, durante a entrevista, a professora destacou:

Eu trabalhei, sim, [na escola dominical] com a revistinha *O Amigo das Crianças*. Eu acho que... nós **entregávamos para elas levar pra casa também. Era nosso. Eu já como professora pegava para as crianças.** Olha só! [manuseando os exemplares] Aqui tem de vários anos [...] (A. P. K., 2023).

Na fala de A. P. K. cabe destacar a repetição de uma prática apresentada por outros participantes nas entrevistas: as atividades voltadas para que o aluno as realizasse em casa. Ainda que o local onde a Escola Dominical do Laranjal funcionasse fosse distante da Comunidade São João, localizada no perímetro central da cidade, algumas semelhanças podem ser apontadas no contexto das atividades propostas.

Neste caso, podem ser apontadas algumas aproximações frente ao que Chartier (2010) reforça acerca da materialidade de um impresso. Pode-se afirmar que o formato das edições do periódico contribui para que determinadas práticas sejam replicadas numa Escola Dominical localizada em outro espaço. Ainda que o local não

seja o mesmo, Laranjal e São João, algumas atividades semelhantes foram desenvolvidas nos dois espaços.

Dentre as demais professoras entrevistadas, principalmente as que atuaram na Escola Dominical São João, destacaram em suas falas que o impresso *O Amigo das Crianças* também servia para que algumas atividades fossem desenvolvidas no formato “dever de casa”. Desta forma, elas explicaram, que procuravam criar vínculos entre professores e alunos, já que na semana seguinte, tais atividades eram “corrigidas” em sala de aula.

Assim, ressalta-se que, mesmo sem ter ainda atuado na Escola Dominical São João, a professora AP replicava esta mesma ação com a sua turma de alunos que frequentavam a Escola Dominical do Laranjal. No relato da entrevistada não fica clara se por parte da direção existia essa diretriz. Porém, como salientaram as demais entrevistas, havia uma equipe de coordenação dos professores das Escolas Dominicais. Portanto, é provável que esses modelos de planejamento possam ter sido discutidos em algumas reuniões com o grupo de professores.

Ao voltar-se o foco para a questão editorial, pode-se considerar como uma estratégia, baseado em Certeau (2008), uma prática desenvolvida na Escola Dominical São João e que neste relato ocorrida também na Escola Dominical Laranjal, acerca de determinadas atividades que poderiam ser realizadas pelos alunos em suas próprias casas. Conforme o autor apontou, as estratégias partem das ações originadas pela equipe editorial.

Analisando diversos exemplares do impresso, distribuídos neste período, nota-se a recorrência desta ação: foram encontradas atividades em que as respostas corretas dos exercícios (gabarito oficial) eram publicadas apenas nas edições subsequentes. Cabe reforçar que essa estratégia editorial pode fomentar o estabelecimento de uma obrigatoriedade de continuidade na aquisição de exemplares por parte do leitor/assinante. Assim, para que o aluno tivesse acesso ao gabarito oficial determinando se suas repostas estão corretas ou não, havia a necessidade de aquisição do exemplar da próxima semana. É nele que serão encontradas as correções oficiais das atividades⁶².

⁶² A figura (29) disposta na página 128 apresenta um exemplo de correção de atividade realizada pela editoria do impresso.

Logo a seguir a professora começou a declarar de que forma sua atuação em sala de aula era planejada. Não fugindo do contexto ao qual os demais professores também destacaram⁶³, A. P. K. afirma que, por vezes, fazia uso de determinadas ações para trabalhar os conteúdos com as crianças. Pode-se identificar uma singular atitude desta professora: os alunos também auxiliavam na dramatização da história bíblica.

Em sala de aula, naquele período, **tínhamos algumas iniciativas**. Fazíamos **teatro, convidando as crianças para dramatizar a história que era contada**. Também, na escola dominical eram usados: fantoches, quadro **flanelógrafo que era muito usado**, gravuras simples (A. P. K., 2023, grifos meus).

Aproximando-se dos demais relatos, surge na fala da entrevistada a utilização do flanelógrafo, suporte ao qual ela se refere como sendo de uso frequente nas aulas onde atuava. Logo, é preciso frisar que as práticas de leitura da professora lhe conferiam pressupostos que influenciavam diretamente no que Chartier (1996) destaca quanto “as distintas modalidades de apropriação dos materiais”.

Para o autor, neste ponto cabe ressaltar o lugar de destaque que a leitura de um impresso. No imbricamento entre leitor e a leitura, para realizar-se uma análise sobre o resultado desta ação é necessário, antes de tudo, que a leitura deva ser observada como uma prática culturalmente construída pelos mais diversos grupos sociais. Neste sentido é correto afirmar que:

As práticas das leituras e os modos dos leitores dependerão da produção e da circulação dos textos, da sua materialidade, mas, também, são uma forma de reconstrução do leitor, a partir do que faz sentido para ele. Ora, o sentido do texto apreendido pelo leitor, na maioria das vezes, forma-se pelas relações sociais e culturais que ele encontra no grupo, especialmente, no caso, em grupos comunitários religiosos (WEIDUSCHADT, 2012, p. 253).

Sendo assim, observada a premissa do contexto social permeado pela religiosidade e mirando exclusivamente o conceito de apropriação, pode-se compreender as diferenciações entre as formas que são apresentados os relatos acerca de como se deu a produção de cada um dos leitores/professores a partir de suas leituras. O que eles, individualmente, “fabricaram” com aquilo que leram?

⁶³ A entrevistada não teve acesso aos relatos dos demais professores participantes. Ainda assim, sua fala possui considerável aproximação frente ao que o restante do grupo igualmente enfatiza.

Como exemplo, a professora entrevistada apontou para o desenvolvimento de atividades diferenciadas: teatro, as crianças participavam da encenação da história contada, fantoches e materiais didáticos utilizados nas salas da Escola Dominical também ocupam uma posição de destaque em sua fala.

Nesta iniciativa, no caso da professora, percebe-se que há uma determinada amplitude no domínio sobre o tema ao qual ela estava trabalhando em sala de aula. Por conta deste entendimento era possível desenvolver/criar outras possibilidades ao propor atividades lúdicas diferenciadas. Agindo neste sentido, a influência da formação pedagógica de A.P. K. também poderia ser apontada como um diferencial no planejamento de suas aulas.

Ela enfatiza ainda:

Claro, era outro tipo de material... de cadeiras... enfim..., mas **tecnologia não era empecilho**. Vendo como é que a gente trabalhava, **retirando desenhos da revistinha para ampliar, xerox para imprimir...** porque, o que se pode ver é assim... o que vai ficar é o relacionamento! Como se dizia no magistério: 'isso aí não tem... tecnologia que vá substituir a relação ... pode ser o melhor Datashow ..., mas se tu não tiver empatia o teu aluno e o aluno contigo... não vai fluir' (A. P. K., 2023).

O relato igualmente aponta para a necessidade de readequação do impresso por meio de ações que ampliavam seu uso. Cabe destacar que essa é uma recorrência que, de certa forma, surgiu nas falas dos demais professores: ao utilizar o periódico, o professor necessitava criar outras condições para que ao aluno fosse possível acompanhar o andamento das atividades junto aos demais colegas, ou seja, cada professor realiza a sua tática de apropriação tendo como base o impresso.

Na fala da professora A.P. K. surgem também as questões de relacionamento entre professora e alunos. Vale sublinhar que a entrevistada demonstrou, por iniciativa própria, que havia por parte dela, o reconhecimento de que a “empatia” deveria estar presente e permear o contexto de suas aulas a frente da turma. Sendo assim, ela parte da afirmação de que uma desejável colocação relacional contribuiria no desenvolver das atividades.

Acredito que eu, como professora, fora da igreja... **eu acredito que a minha base foi a escola dominical. Foi ela que me ensinou a me colocar na frente de uma turma de crianças**. Além da questão de saber lidar com o público... tem a base na escola dominical, com certeza (A. P. K., 2023).

Segundo a declarante, para ela, o aporte que toda essa experiência lhe trouxe contribuiu decisivamente em seu fazer docente. Nos desdobramentos que surgiriam

em sua futura carreira como professora titular, quer seja atuando em escolas formais, públicas ou privadas, atuar na Escola Dominical lhe conferiu experiências e conhecimentos que podem ser destacados como sendo de grande valia.

Quanto a sua aprendizagem, entre diversos apontamentos, a principal referência que a entrevistada destaca neste sentido está voltada para uma prática que ela desenvolvia por meio do uso do periódico na Escola Dominical: a contação de histórias. Desta forma, A. P. K. afirma que ao assumir a vaga como auxiliar no colégio Gonzaga, ela foi “[...] super bem acolhida! Minhas colegas, inclusive, às vezes, já me deixavam contar alguma história e coisa e tal!”.

No exemplo de A. P. K. é destacado o uso da contação de história. Esta parece ser a atividade na qual ela encontrou um maior número de subsídios para o desenvolver de suas aulas. Para ela as leituras transformavam-se em consequentes atividades que o impresso propunha em suas páginas. Ela rememora que até mesmo o uso de fantoches demonstrava ser uma ferramenta com efetiva ação na busca por compartilhar o conhecimento junto aos alunos.

Era mais uma época que a criança... também.... amava aquilo que ela estava **vivenciando!** Porque **não era comum, na casa delas, ter fantoche**, por exemplo. Mas aqui na escola dominical... **tinha!** Então, claro... **eram outras tecnologias**. Mas o amor em fazer a aula sempre falava mais alto (A. P. K., 2023, grifos meus).

Quanto ao uso efetivo do impresso, A. P. K. recorda que os planejamentos de suas aulas seguiam uma lógica pré-determinada. Ela afirma que ao trilhar este roteiro o fazia na tentativa de exemplificar ou concretizar ao máximo e de maneira satisfatória aquilo que o tema apresentado abordava. Este intento parece ser um elemento aglutinador nas falas dos entrevistados.

A professora A. P. K. aponta que as táticas por ela criadas visavam ofertar maiores condições para que os alunos pudessem compreender o tema central da história que o impresso trabalhava em determinado exemplar.

Então... o que a gente fazia: “...pegava aqui [apontou para o exemplar que segurava em suas mãos] ... **primeiro a contação da história** e, por fim, as atividades. Nessa parte da história usávamos mais os **elementos visuais e mais fantoches na hora da narração da história** (A. P. K., 2023, grifos meus).

Novamente por conta da influência de sua formação acadêmica⁶⁴ a entrevistada tenha abordado uma questão peculiar: a não limitação da leitura em voz alta como única maneira de apresentação de uma história bíblica. Para ela, os ouvintes, as crianças, ainda não possuem referências para compreender o que um texto lido apresenta como ensinamento ou qual seja sua mensagem central.

Esta é uma iniciativa que pode ser destacada na busca da professora em promover outras formas de representar para a turma de alunos os textos do impresso. Valer-se de diferentes recursos didáticos denota aquilo que Certeau (2008) aponta como fator decisivo ao pesquisar-se o contexto que abarca os leitores e suas leituras: o que eles realizam e o que fabricaram, ou podem fabricar, com e partir delas.

Neste sentido pode-se apontar que a professora/leitora seguia uma espécie de itinerário na preparação de suas aulas: iniciava na leitura/estudo do impresso; a seguir ela escolhia qual a mais indicada utilização de recurso didático poderia contribuir na contação da história; por fim eram preparados os materiais (flanelógrafo, fantoches) que seriam usados em sala de aula.

A ação da professora também vai ao encontro do que Chartier (2011) afirma acerca das concepções sociais de um leitor atuarem decisivamente em seu processo de entendimento. Sendo assim, o autor ressalta que tais construções podem influenciar diretamente na interpretação daquilo que está sendo lido ou, neste exemplo, ouvido em sala de aula pelos alunos.

Seguindo esta diretriz em seus planejamentos, a entrevistada relata que procurava não utilizar este tipo de recurso, apenas ler em voz alta, para as crianças. Ela aponta, ainda, dois fatores para fundamentar a sua escolha em não optar por somente esta forma de apresentação: a forma como determinado texto é lido; o número de exemplares disponíveis em sala de aula.

A **contação própria** acontecia também, **mas pouco**. Porque a **criança gosta de ouvir histórias também**. Geralmente, **nem todos tinham o mesmo... a mesma revista**. Ter uma para cada.... não. Isso não lembro especificamente (A. P. K., 2023, grifos meus).

⁶⁴ A. P. K. possui a seguinte formação: Magistério, pedagogia e psicologia. Também é Pós-graduada em Arteterapia. Atuou em escolas particulares e foi professora do Estado no RS.

Observa-se no relato da entrevistada que ela discorda da efetividade no grau de aprendizagem das crianças, se a transmissão de um texto se esgotar apenas em uma única ação: a leitura em voz alta. Outro aspecto por ela elencado é a questão do número de exemplares frente ao número de alunos. Logo, em seu argumento, ela enfatizou que aqueles alunos que não possuíam o impresso, estariam em desvantagem em relação aos demais que contavam com a utilização de um exemplar para acompanhar tal leitura.

Nota-se que existe um contraste entre os exemplos trazidos por I. V. B. primeira professora entrevistada por esta pesquisa e que atuava na Escola Dominical nos anos 1960. O ato de ler as histórias do impresso em voz alta para a turma era uma de suas ferramentas.

Em contrapartida, A. P. K., professora na Escola Dominical na década de 1980, não optou por fazer uso apenas deste dispositivo. Respeitar a diferença na formação pedagógica entre as duas pode ser um indicador neste sentido. Ainda assim, devem ser consideradas relevantes as mudanças que fazem parte do longo histórico de transformações aos quais o impresso esteve exposto.

Outro pressuposto pode ser a questão do número de alunos alfabetizados que frequentavam a Escola Dominical na década de 1960, o que implicaria diretamente na escolha da professora I. V. B. em realizar a leitura em voz alta para a turma toda ouvir. Cabe ressaltar, ainda, que a localidade onde I. V. B. lecionava era uma área rural onde o acesso a escolas públicas na referida época pode ser considerado restrito.

Vale ressaltar que a defasagem na relação número de alunos X número de exemplares do impresso *O Amigo das Crianças* em sala de aula aparece em todos os relatos. Em quase a totalidade dos exemplos apresentados pelos professores era comum que nas salas de aula a configuração se desse da seguinte maneira: o total de impressos era sempre menor e não atendia ao número de alunos que participavam das aulas.

Esta “não equiparação” ecoa nos depoimentos de forma substancial. Nota-se que este é um dos principais motivos para que aos professores coubesse a tarefa de dirimir esta lacuna. Por isso, muitas vezes, suas ações em prover outros materiais, ampliar os desenhos, utilizar xerox visando atender a todos os alunos, pode ser mais bem compreendida.

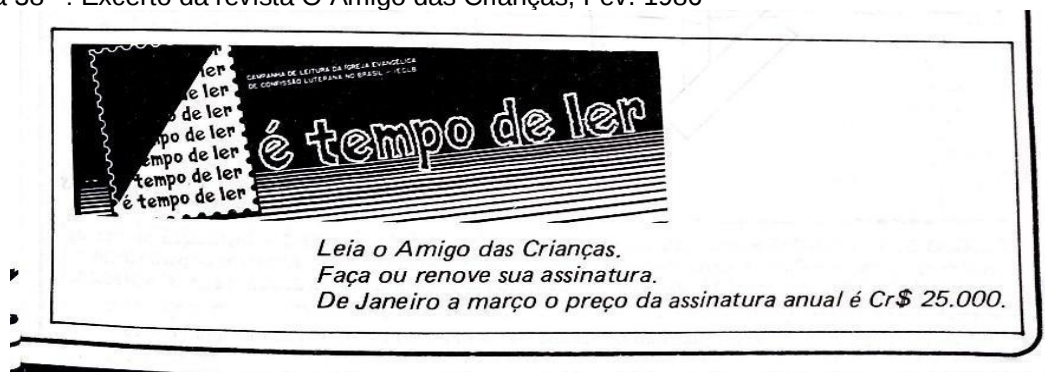
Sobre o tema a entrevistada destaca ainda:

Porque mesmo lá no Laranjal, a gente não conseguia ter **um material em específico para todos**. Atualmente eu sei que o pessoal usa o material mais elaborado. **Mas na época era muito caro!** Assim, por exemplo, de um livro, tirávamos os desenhos de pintar. Tirava aquelas... gravuras para que as crianças também tivessem. Era mais ou menos assim que era (A. P. K., 2023, grifos meus).

Infere-se neste relato que existe também uma estreita relação entre a questão financeira dos alunos e os materiais utilizados em sala de aula. Nem todos podiam adquirir uma assinatura mensal/anual do impresso. Este pressuposto atua de forma determinante no contexto da utilização do periódico nas aulas da Escola Dominical. Aos professores, restava utilizar as mais variadas táticas para garantir que o acesso aos materiais contemplasse a todos os alunos.

A figura 38 a seguir, destaca a campanha editorial que fomenta a realização de assinaturas do impresso *O Amigo das Crianças* para o ano de 1986. O valor do salário-mínimo⁶⁵ referente aos meses de janeiro e fevereiro do ano corrente era Cz\$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzados).

Figura 38 –: Excerto da revista *O Amigo das Crianças*, Fev. 1986



Fonte: Biblioteca EST

Ao utilizar-se este exemplo, vale lembrar que o cenário econômico ao qual o país então fazia parte, era marcado por uma alta taxa inflacionária, que, por vezes, conferia significativos reajustes de preços que eram alterados, até mesmo, diariamente.

Por conta desta alta volatilidade nos percentuais de inflação, à época, destaca-se que a equipe editorial planejou e fixou para assinatura anual, no início do ano de

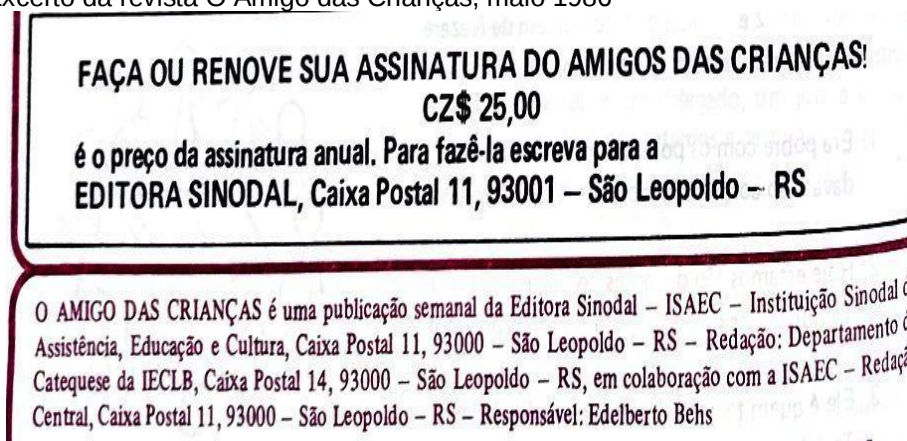
⁶⁵ O salário-mínimo, correspondente aos meses de janeiro e fevereiro de 1986 era Cz\$ 600.000,00 (seiscentos mil cruzados). No mês de março de 1986, ocorre uma readequação por parte da equipe econômica do Ministério da Fazenda onde foram "cortados 3 zeros da moeda". Este mesmo fenômeno ocorreu nos anos de 1942, 1967, 1986, 1989 e 1993. **Fonte:** <https://www.gov.br/fazenda/pt-br/search?SearchableText=corte%20tres%20zeros>. Acesso em 02.03.2023.

1986, o valor fixo de Cr\$ 25.000,00 (vinte e cinco mil cruzados). Esse montante era assegurado apenas para as contratações realizadas entre os meses de janeiro a 1º de março de 1986.

Deste modo, cabe destacar que o valor da assinatura (Cz\$ 25.000,00) representava 4,16% do total do salário-mínimo vigente em janeiro/fevereiro de 1986 para a contratação de uma assinatura do impresso.

A partir da nova diretriz do Ministério da Fazenda, em 1º de março de 1986, o salário-mínimo passa a valer Cz\$ 804,00 (oitocentos e quatro cruzados). A seguir, buscando estar condizente com a readequação frente ao cenário monetário, pode ser observada a ação da equipe editorial por meio da mudança ocorrida no valor da assinatura do periódico: CZ\$ 25,00 passa a ser o valor total da assinatura anual.

Figura 38: Excerto da revista O Amigo das Crianças, maio 1986



Fonte: Biblioteca EST

Neste caso, nota-se que houve uma redução no valor da assinatura anual (CZ\$ 25,00). Ele, agora, correspondia a 3,10% do orçamento de um indivíduo que recebia um salário-mínimo no valor de Cz\$ 804,00 (oitocentos e quatro cruzados). Da mesma forma, cabe ressaltar que este é o valor que garante acesso para uma assinatura apenas.

Visando estabelecer um plano comparativo, no ano de 2023, o salário-mínimo vigente é R\$ 1.302,00 (mil trezentos e dois reais). Já o impresso *O Amigo das Crianças*, que passou a contar com distribuição bimensal, apresenta para este mesmo ano a sua campanha de assinatura anual o valor de R\$ 45.90 (quarenta e cinco reais e noventa centavos). Esse valor representa em termos percentuais 3,52% do salário-mínimo no ano de 2023.

Sendo assim, destaca-se que a discussão em torno da representatividade de valores pode indicar que a assinatura do impresso comprometeria, ao longo dos anos, um determinado percentual da renda mínima de uma família. Porém, é preciso destacar que, no cenário ao qual a pesquisa se volta, nas famílias, havia muitos irmãos que faziam parte do total das crianças que frequentavam as Escolas Dominicais.

Conforme destacado no relato dos entrevistados, é perceptível a presença de crianças oriundas de uma mesma família. Neste sentido, outro fator importante diz respeito a como se dava a constituição familiar e o número de filhos de cada casal. Há relatos onde as professoras apontam para esta característica. Elas assinalam que os casais possuíam um maior número de filhos nas décadas em que atuavam na Escola Dominical nos 1960 a 1990.

Por este motivo, compreende-se a dificuldade de ser garantido o acesso individual dos alunos ao impresso. Para uma família que contava com dois ou mais filhos participando da Escola Dominical igualmente era necessário que fossem realizadas duas ou mais assinaturas do periódico. Desta forma seria comprometida uma fatia maior do orçamento das famílias.

Percebe-se que, nas entrevistas, os professores descrevem que este não era o cenário não era comum. Pode ser considerada rara a condição de que as famílias com dois ou mais filhos atuantes na Escola Dominical possuísem várias assinaturas. Logo, a falta de exemplares era uma realidade para os alunos.

Infere-se que a dificuldade financeira realmente fazia parte do contexto da Escola Dominical, quer seja na Comunidade do Laranjal, assim como na Comunidade São João. A professora A. P. K. também destacou que em determinado período sua atuação se deu de forma contínua nestes dois locais.

Ela destaca que, com o passar dos anos, começou a atuar nestas duas frentes onde, posteriormente, passou a fazer parte do grupo de coordenação responsável pela Escola Dominical. Ela afirma que seguiu este modelo de atuação até o momento em que optou por desenvolver seu trabalho apenas na comunidade São João.

Depois o pastor Eldo Krüger ⁶⁶ me convidou se eu queria fazer parte aqui do centro [comunidade São João] ... e até me convidou como coordenadora! Aí

⁶⁶ Eldo Krüger foi pastor na Comunidade São João de Agosto/1984 a Novembro/1994. Fonte: (Ata nº 148, de 11 de fevereiro de 1995, Reunião Ordinária da Comunidade Evangélica São João de Pelotas)

eu vim para cá. Aqui, já estava toda estruturada... durante o tempo que estive aqui, fui para lá [Laranjal] e para cá [comunidade São João] com a igreja. E depois sim, eu vim para cá. E **aqui fiquei um tempo na coordenação e como professora** (A. P. K., 2023, grifos meus).

Ao encerrar sua fala, a entrevistada procurou enfatizar detalhes dos momentos finais de sua atuação na Escola Dominical, tanto no Laranjal, quanto na Comunidade São João. Para a entrevistada, a experiência adquirida ao longo dos anos lhe conferiu atributos para que pudesse assumir a coordenação das ações da Escola Dominical. Tal condição foi igualmente relatada pela entrevistada G. B. M. que também assumiu a função de professora e coordenadora deste espaço.

A entrevista de A. P. K. demarca o final deste capítulo dedicado aos relatos dos professores que atuaram nas Escolas Dominicais entre 1960 e 1990. Se faz necessário esclarecer que os temas levantados pelos entrevistados procuraram ser trabalhados pela pesquisa respeitando-se o contexto ao qual pertencem, ou seja, os entrevistados nos falam não de um presente, mas sim, de um passado por eles vivenciado.

Por este motivo, não cabe aqui exercer juízo de valor acerca da postura dos professores, seus planejamentos de aula, sua didática e uso de materiais e demais suportes de apoio utilizados nas aulas que foram ministradas nas Escolas Dominicais. Neste sentido, é preciso determinar que as concepções acerca das recentes correntes pedagógicas e variadas formas de ensino e aprendizagem não podem servir de base para nenhuma definição ou atribuição e valor ao que foi exposto sobre o trabalho dos professores entrevistados.

O que a pesquisa buscou neste movimento foi tentar compreender, por meio das falas dos sujeitos atuantes, indicadores pontuais que apontassem para a questão central aqui levantada: Como a leitura do impresso *O Amigo das Crianças* atuou no processo de apropriação dos leitores/professores da Escola Dominical?

Tendo por base os relatos, ao analisar-se tais conteúdos, percebeu-se que o processo de apropriação dos leitores do impresso distingue-se entre o grupo de entrevistados. De certa forma, encontraram-se aproximações na organização didática e no planejamento das aulas. Ainda assim, utilizando o impresso como suporte, os professores, em determinados períodos e localidades, desenvolveram singulares táticas nas salas de aula da Escola Dominical.

Frente às questões editoriais, a ação dos professores se deu de maneira singular e, por vezes, de forma distinta. Evidencia-se nos relatos que em alguns exemplos a atuação acaba por identificar possíveis proximidades com a proposta editorial do impresso: ler o texto das histórias para a turma em voz alta conforme o mesmo está escrito; fazer uso das imagens do impresso para executar determinadas atividades; elencar as sessões recreativas como ferramenta que visava fidelizar e fomentar a continuidade dos alunos em encontros posteriores.

Nesta mesma configuração, em outros exemplos trazidos pelos professores, identificou-se a existência de distanciamentos frente às estratégias editoriais. Alguns docentes ampliaram o uso do periódico readaptando e reinventando os temas centrais, quer seja por meio do uso de flanelógrafos, contação de história, representação teatral das histórias bíblicas, entre outras táticas utilizadas.

De modo geral, tendo como foco principal o entorno desta relação estabelecida entre leitor e leitura, procurou-se observar, principalmente, o processo de apropriação de cada indivíduo, contrastando as aproximações e distanciamentos frente ao grande grupo de professores da Escola Dominical.

Seguindo este pressuposto, as entrevistas puderam ser consideradas de grande valia para o debate aqui proposto. Elas trouxeram uma variedade de detalhes que oportunizaram o surgimento de uma gama de reflexões acerca do contexto ao qual o recorte temporal destacado pela pesquisa abarca.

Logo, as ações se voltaram no sentido de identificar e discutir como se deu o processo de apropriação para cada leitor/professor. Analisando o relato dos entrevistados, à luz da teoria de Chartier (1988, p. 24), identificou-se que o processo de apropriação se torna perceptível ao focar-se no modo como as leituras influenciaram as ações dos leitores. O autor reforça que a leitura afeta diretamente o leitor e a apropriação o conduz “[...] a uma nova norma de compreensão de si próprio e do mundo”.

Desta maneira destaca-se a percepção de que a formação acadêmica dos leitores/professores se apresentou como um diferencial. Ela oportunizava a esse grupo, em especial, a condição de atuar pautado por uma maior diversidade e amplitude quanto ao planejamento das atividades e sua respectiva execução nas aulas da Escola Dominical.

Ainda que a apropriação seja criadora, conforme destacou Chartier (2010, p. 25) “[...] as competências culturais dos leitores estreitam os limites da compreensão”. Dentre os entrevistados, três professoras não possuíam formação docente e não atuavam na área da educação. Seus relatos denotam a existência de uma limitada ação ao utilizar o impresso em sala de aula, se comparado aos demais entrevistados.

Sendo assim, é possível afirmar, baseado nos relatos dos entrevistados, que a apropriação ocorre de forma distinta e singular para cada indivíduo. Esta afirmação não tem por objetivo classificar, desqualificar ou qualificar as atuações individuais do grupo de professores. Apenas serve como identificador para estabelecer-se um parâmetro nos modos como se davam suas performances em sala de aula na Escola Dominical.

Partindo deste ponto, logo foi possível identificar que as táticas, como apontado por Certeau (1998, p. 258), perfazem um espaço onde se cria algo não sabido que é advindo da capacidade do leitor/professor de “[...] permitir uma pluralidade indefinida de significações” [...]. Compreender este movimento era também uma proposta destacada por esta discussão. Este tema ganhou destaque nas falas dos sujeitos entrevistados. Ainda que sucintamente, as táticas foram sendo desveladas, o que configura a condição de “resistência” adotada por este grupo.

Percebeu-se que esta ação foi desenvolvida frente as estratégias utilizadas pela equipe editorial, que agia por meio da intencionalidade dos conteúdos, visando disseminar as questões religiosas e doutrinárias ao público leitor do impresso. Para Certeau (1998, p. 260) nesta ação “[...] muitas vezes, costuma estar implícita a pretensão de seus produtores[...]” que objetivam regular ou formatar as práticas sociais, neste caso, a leitura do impresso.

No encerramento desta seção se faz necessário apontar a destacada posição ocupada pelo impresso *O Amigo das Crianças* que atuou como base central para o desenvolver de todo este percurso. Este periódico foi o elo que propiciou relevante suporte para que o processo de apropriação de leitores/professores pudesse ser então discutido.

6 Considerações Finais

No encerramento desta pesquisa é importante destacar que todas as etapas anteriormente planejadas foram executadas e concluídas. Igualmente foram realizadas as análises, tendo por base o referencial teórico e metodológico que embasaram este percurso. Neste ponto pode ser enfatizada a originalidade deste estudo. Ao analisar-se o periódico *O Amigo das Crianças* percebeu-se sua singularidade e ineditismo frente a produções acadêmicas que elencaram os impressos como fonte e objeto.

Assim, a partir da totalidade dos dados levantados nesta investigação acadêmica, que elegeu o periódico *O Amigo das Crianças* como fonte e objeto desta pesquisa, conclui-se que neste cenário que comporta a editora, o impresso e seus leitores/professores foi verificada a existência de uma relação de forças.

E no contexto desta relação de forças pode-se aprofundar ainda mais as reflexões acerca do conceito de apropriação baseado no relevante aporte teórico de Roger Chartier (1988). Percebeu-se que os professores realizavam leituras prévias do periódico ao atuarem na Escola Dominical. Sendo assim, apropriavam-se dos temas, planejavam e realizavam atividades que ampliavam o próprio uso do impresso *O Amigo das Crianças* como material didático.

Observando este grupo de professores de forma isolada, ficou evidente que os recursos por eles utilizados podem ser apontados como diversificados e abrangentes. A ação de transformar as histórias bíblicas, principal instrumento doutrinário utilizado pela equipe editorial, apresentando-as para as crianças nas Escolas Dominicais por meio do uso de flanelógrafos, sendo o uso deste suporte a tática mais utilizada dentre outras iniciativas relatadas pelos entrevistados, demarca um sutil ponto de fuga.

Neste ponto pode ser observada e evidenciada a resistência dos professores. Ela não se apresentou de maneira exacerbada. Pelo contrário, conforme destacou Michel de Certeau, o leitor pode realizar leves movimentos aos quais ele denominou como “táticas”. Incrustadas nas ações, as táticas subvertem a ordem. A “fabricação” que Certeau (2008) defende remete-se justamente ao ato de analisar o que o leitor pode “produzir” a partir de suas leituras.

Desta forma, os distanciamentos produzidos pelos professores frente às estratégias editoriais podem ser observados à medida que recriavam as atividades do

impresso por meio das apropriações que realizavam de forma singular entre o grupo. Percebeu-se, por meio dos relatos, que a formação acadêmica dos professores também pode ser apontada como um fator que determina os distintos planejamentos de aula que cada professor afirmou realizar.

Identificou-se, em contrapartida, a existência de estratégias editoriais, conforme apontado por Certeau (2008). Tais intenções surgiram dispostas em forma de temas e conteúdos trabalhados pelo impresso. Porém, foram encontrados distanciamentos nas ações dos professores frente a este pressuposto. Logo, nem todos os direcionamentos editoriais foram absorvidos integralmente pelos leitores/professores.

Concluiu-se, então, que a proposta de realizar uma análise acerca de como se dava a atuação do grupo de entrevistados nas salas de aula da Escola Dominical, deveria estar pautada pelo reconhecimento das possíveis limitações advindas da formação acadêmica, do período histórico de atuação e o contexto no qual cada participante da pesquisa atuou na Escola Dominical.

Ainda assim, é preciso destacar que grande parte dos entrevistados possuía formação e atuava, profissionalmente, em ambientes externos à Escola Dominical, como professores remunerados em escolas públicas ou privadas. Este pressuposto influenciou decisivamente na forma como se deu o processo de apropriação para alguns indivíduos deste grupo.

Quanto aos elementos estritamente relacionados ao impresso, procurou-se dar a eles um destacado tratamento. Abordando os quesitos “materialidade e estratégia editorial”, a ação de apresentar o periódico voltou seu foco para a delimitação e demarcação das diferentes décadas previamente selecionadas para este estudo. As apresentações e discussões acerca de sua trajetória se deu por meio da apresentação e discussão das próprias edições e exemplares do impresso.

Nestes mesmos intervalos puderam ser identificadas as aproximações e as distintas maneiras pelas quais os entrevistados relataram o uso do periódico. A análise das falas propiciou identificar que, também por conta da materialidade Chartier (2010), o impresso fomentou, em alguns casos, que ocorresse a diferenciação acerca dos modos de sua utilização.

Os declarantes trouxeram relatos que fazem parte de um passado. Não de um tempo presente que se aproxima brevemente de suas memórias. Desta forma, ao

retomar algumas passagens, os relatos perpassam por intervalos que remontam da primeira metade da década de 1960 até o início da década de 1990.

E neste movimento, por vezes, podem ter surgido opiniões antagônicas, descrições distintas e afirmações com teor divergentes entre os entrevistados. Os relatos que porventura destoam frente aos demais podem ser definidos a partir do questionamento trazido por Bosi (1994, p. 48): “[...] daria a memória coletiva conta da explicação de todos os fatos de memória, mormente do que chamamos a lembrança individual”?

Porém, para Halbwachs (1990) cada memória individual pode ser considerada um ponto de vista sobre a memória coletiva. Assim, a interligação entre memória coletiva e memória individual descreve um cenário de complementação entre ambas que se sobrepõem, complementam, afastam ou até mesmo divergem.

Ainda assim, o resultado das reflexões frente aos relatos dos entrevistados, aponta para o significativo ganho obtido pela pesquisa a partir da escolha deste procedimento. Estabelecer a ligação entre a teoria, metodologia e os dados que emergiram de maneira empírica, possibilitou que fosse realizada a descrição, por partes, de como se deu o contexto do caminho até aqui percorrido.

Destaca-se neste conjunto de informações a originalidade presente na temática deste estudo. São raras as análises acadêmicas que privilegiam reflexões acerca do conceito de apropriação Chartier (1988), relacionando-o com o uso de um impresso em meio estritamente religioso. Espera-se que esta abordagem traga contribuições para futuras pesquisas que se proponham a trabalhar com algumas das variáveis presentes nesta tese.

Ao finalizar este trabalho é premente apontar a longa trajetória e o destacado uso do impresso *O Amigo das Crianças* nas Escolas Dominicais das comunidades luteranas ligadas ao Sínodo Rio-Grandense, atual IECLB, desde 1937. Por isso, é válido reforçar que, neste trabalho, esta instituição religiosa foi destacada como uma das três vertentes doutrinárias do luteranismo. Procurou-se, assim, evidenciar sua atuação no contexto da região meridional do Estado do Rio Grande do Sul. Logo, investigar como se desenvolveu este percurso mostrou-se uma tarefa instigadora.

Foi preciso compreender que a investigação precisaria adentrar em um caminho por onde as questões históricas são presentes e influenciadoras de várias condutas que circundam este cenário. Neste ponto o campo de estudos da História

da Educação apresenta-se como um importante suporte para dar sustentação ao debate que aqui foi proposto.

Neste sentido, ressalta-se a importância de aqui ter-se estabelecido um alinhamento às questões abarcadas pela História Cultural. Elas possibilitaram que fosse possível a este trabalho, alcançar amplitude em seu desenvolvimento, fazendo uso dos mais variados materiais, documentos, imagens, relatos, aportes teóricos e metodológicos que tal abordagem comporta ao fomentar discussões.

Analisar o impresso nos dias de hoje foi, antes de tudo, reconhecer seu passado, sua trajetória e desvelar sua gênese. Sendo assim, destacar sua estreita ligação ao contexto inicial do luteranismo em solo brasileiro se fez necessário. Não haveria condições de refletir sobre as diversas questões ligadas ao periódico sem antes destacar este cenário histórico que de uma forma ou de outra continua a ecoar no seu público-alvo, os leitores.

Quer seja por meio da criação das escolas comunitárias até o surgimento das escolas sinodais, a instituição IECLB direcionou diversas iniciativas no sentido de promover práticas voltadas ao cenário da educação. Essa aptidão pode ser observada também por outra característica: a criação, comercialização e distribuição de revistas, periódicos, impressos, jornais, livros, apostilas, entre outros.

Com uma vasta gama de títulos customizados e destinados as mais diferentes faixas etárias, as publicações advindas da equipe editorial da IECLB tornaram-se uma constante no âmbito das comunidades vinculadas a esta instituição religiosa. Trilhando um percurso que evidencia esta numerosa quantidade de títulos destaca-se o impresso *O Amigo das Crianças*, objeto principal e fundamental para o desenvolvimento desta tese.

Desta forma é fundamental observar o caráter histórico e o legado que o impresso *O Amigo das Crianças*, possui no contexto luterano vinculado à IECLB, especialmente, na região sul brasileira. A trajetória deste periódico teve início em 1937, ou seja, ainda sob a nomenclatura Sínodo Rio-Grandense, estendendo-se sua publicação e circulação desde então.

No ambiente educacional específico desta vertente do luteranismo este impresso pode ser apontado como um suporte pedagógico que foi e ainda é majoritariamente utilizado na Escola Dominical, e, em menor escala, nas escolas sinodais que atuam sob a diretiva da IECLB. Percebe-se que a continuidade é um

fator preponderante. O período de existência do impresso (1937-) chancela o seu uso e denota a demarcação de seu potencial enquanto material didático.

No contexto desta pesquisa observou-se sua destacada penetração nas comunidades luteranas vinculadas à IECLB na região de Pelotas/RS e Arroio do Padre/RS. Manusear os exemplares referentes ao recorte temporal destacado nesta análise, qual seja, de 1960 a 1990, oportunizou que diversas reflexões emergissem durante o percurso. Questões pontuais foram levantadas e as respostas para tais indagações acredita-se que a pesquisa procurou responder satisfatoriamente.

Deste modo foram criados três pontos balizadores que nortearam este trabalho: o primeiro foi a análise e descrição do contexto vinculado ao impresso; o segundo, as Escolas Dominicais, local de maior circulação e utilização do periódico; o terceiro e último, foram as entrevistas com as professoras e o professor que fizeram uso do *O Amigo das Crianças* como suporte didático em sala de aula.

Justifica-se esta escolha, pois o primeiro, desde o planejamento inicial, sempre representou o principal embasamento desta investigação. Outra posição de destaque foi ocupada pelas Escolas Dominicais, já que este espaço demarca o local onde o impresso foi amplamente utilizado. Por fim, destaca-se a atuação das professoras e do professor que fizeram uso do periódico no planejamento de suas aulas.

Em suma, pode ser afirmado que a proposta de analisar um impresso com uma gama de características específicas como é o caso do *O Amigo das Crianças* foi, antes de tudo, reconhecer uma ampla relação que perpassa por questões históricas, religiosas, educacionais, políticas e sociais de um grupo que possui uma identidade que foi construída ao longo dos anos junto a uma instituição religiosa que possui grande influência neste amplo cenário.

Referências

AHLERT, Alvor. Educação, ética e cidadania: referenciais para as escolas da Rede Sinodal de educação. **História da Educação**, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 179-208, maio/ago. 2008.

ALBRECHT, Elias Kruger: **Cartilhas em língua alemã produzidas pelos Sínodos Luteranos no Rio Grande do Sul**: usos e memórias (1923-1945). 2019. 224 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

ALMEIDA, Dóris Bittencourt; BASTOS, Maria Helena Câmara. Por uma Universidade pública e livre: olhares para a imprensa estudantil universitária (UFRGS–1981-1982). **Revista VIS**: Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais, [S.L.], v. 20, n. 1, p. 43-61, 2021.

AMARAL, Giana Lange do. **Gatos pelados x galinhas gordas: desdobramentos da educação laica e da educação católica na cidade de Pelotas**: (décadas de 1930 a 1960). 2003. 338 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

AVELLO, Adriano Sequeira. “A fumaça mata até o diabo”: aspectos de contato com a biodiversidade durante a colonização alemã no sul do Brasil, século XIX. In: **Migrações, territorialidade e ambiente**. [e-book] / Organizadores: Rosane Marcia Neumann, Carlise Schneiders, João Vítor Sand, Vanessa Taís Fritzen e Kalinka de Oliveira Schimitz. - São Leopoldo: Oikos, 2021.

BARRETO, Márcio Nilander Ávila. **Partes de um todo**: as relações de pertencimento em um espaço não formal de educação em área de risco na cidade de Pelotas/RS. 2017. 146 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto Federal Sul-rio-grandense, Programa de Pós-graduação em Educação, Pelotas, 2017.

BARTZ, Frederico Duarte. A Allgemeiner Arbeiter-Verein e os espaços de mobilização dos socialdemocratas alemães em Porto Alegre (1892-1928). In: **Migrações, territorialidade e ambiente**. [e-book] / Organizadores: Rosane Marcia Neumann, Carlise Schneiders, João Vítor Sand, Vanessa Taís Fritzen e Kalinka de Oliveira Schimitz. - São Leopoldo: Oikos, 2021.

BASTOS, Maria Helena Câmara. Espelho de Papel: a imprensa e a história da educação. IN: SOUZA, José Carlos Araújo e GATTI, Décio Júnior. **Novos Temas em História da Educação Brasileira**: instituições escolares e educação na imprensa. Campinas: Autores Associados, 2002.

BECKER, Tiago. **Rede Sinodal de Educação**: princípios norteadores das escolas evangélico-luteranas, 2018, 167 p. Tese (Doutorado em Teologia), Faculdades EST. Programa de Pós-Graduação, São Leopoldo, 2018.

BEIERSDORF, Cássia Raquel.; WEIDUSCHADT, Patrícia. Arroio do Padre /RS e sua identidade luterana: Práticas de educação e cultura de uma comunidade (1950-1960). **Revista Latino-Americana de História**, [S.L], v. 2 n. 7, p. 421-437, set. 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. 8. ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

CELLARD, André. A análise documental. In: POUPART, J. *et al.* **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CERTEAU, Michel de. Ler: uma operação de caça. In: DE CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano 1: artes de fazer**. 2. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1998. p. 259-273.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

CHARTIER. Roger. **Práticas da Leitura**. Sob a direção de Roger Chartier: uma iniciativa de Alain Paire. 5. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2011.

CHARTIER. Roger. As revoluções da Leitura no ocidente. In: **Leitura, história e história da leitura/Marcia Abreu** (org.) Campinas, São Paulo: Mercado de Letras: Associação de Leitura do Brasil; São Paulo: Fapesp, 1999.

CHARTIER. Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: Editora Unesp, 2014.

CHARTIER. Roger. Escutar os mortos com os olhos. **Revista Estudos Avançados**, [S. L.], v. 24, n. 69, p. 6-30, jan. 2010.

CHARTIER. Roger. Da história da cultura impressa à história cultural do impresso. Diálogos midiáticos. **Revista brasileira de ciências da comunicação**. São Paulo, v. 28, n. 1, p. 81-104, jan. de 2005.

CHARTIER, Roger. **A história cultural-entre práticas e representações**. 2. ed. Memória e Sociedade. Editora Difel, 1988.

CHARTIER, Roger. Textos, impressão, leituras. IN: Hunt, Ly. **A Nova História Cultural**. São Paulo, 1992.

CHARTIER, Roger. **A Ordem dos Livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII**. Brasília: Ed. Da Universidade de Brasília, 1994.

CHARTIER, Roger. **À Beira da Falésia: A história entre certezas e inquietudes**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

CORSETTI, Berenice. A análise documental no contexto da metodologia qualitativa: uma abordagem a partir da experiência de pesquisa do Programa de Pós-Graduação em Educação da Unisinos. **Unirevista**, [S.L.], v. 1, n. 1, p 32-46, jan. 2006.

CUNHA, Jorge Luiz da. As fases da imigração e colonização alemã no Rio Grande do Sul. In: **Migrações, Educação e Desenvolvimento: convergências e reflexões** Andrea Helena Petry Rahmeier; *et al.* Porto Alegre: Editora Fi, 2019.

DARTON, Robert. **O que é a história dos livros?** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DREHER, Martin N. **Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

DREHER, Martin N. Os protestantismos rio-grandenses. In: **Populações Rio-grandenses e Modelos de igreja**. São Leopoldo e Porto Alegre: Sinodal e EST-Edições, 1998.

DREHER, Martin Norberto. **Wilhelm Rotermond: Seu Tempo – Suas Obras**. 2. ed. São Leopoldo: Oikos, 2014.

FISCHER, Beatriz Terezinha Daudt. Foucault e histórias de vida: aproximações e que tais. **História da Educação**, Pelotas, v. 1, n. 1, p. 5-20, jan./jun., 1997.

FISCHER, Joachim. Comunidades, Sínodos, Igreja Nacional: o povo evangélico de 1824 a 1986. In: **Simpósio de História da Igreja**. São Leopoldo: Rotermond/Sinodal. 1986.

FREITAS, Jorge Wagner de Campos. **Adolescência, escola dominical e educação: perspectivas de um novo processo**. 2006. Dissertação (Mestrado Ciências da Religião), Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2006.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Território Plural: A pesquisa em História da Educação**. São Paulo: Ática, 2010.

GILBERTO, Antônio. **Manual da Escola Dominical**. Rio de Janeiro: CPAD, 1998.

GOLDMEYER, Marguit Carmem. **Teias de saberes nas redes de relações: educação nas escolas sinodais**. 2008. 236 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia. São Leopoldo, 2008.

GRAZZIOTIN, Luciane Sgarbi Santos. **Memórias recompondo tempos e espaços da educação: Bom Jesus/RS (1913-1963)**. 2008. 386 f. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, Revista dos Tribunais, 1990.

IELB. **Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. Disponível em: <https://www.ielb.org.br/organizacao/sobre/anel&r=1&r=1>. Acesso em: 20 set. 2021.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, Campinas, n. 1, p. 9-43, jan./jul., 2001.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas étnicas de imigrantes alemães no Rio Grande do Sul. IN: Imigração e educação no Brasil: histórias, práticas e processos escolares**. Santa Maria: UFSM, 2011.

KREUTZ, Lúcio. **Escolas étnicas na história da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

LE GOFF, Jacques. **Documento/monumento. História e Memória**. 4. ed. Campinas: EDUNICAMP, 1996.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos periódicos**. 2. ed., São Paulo: Contexto, 2008.

MANKE, Lisiane Sias. **História e Sociologia das Práticas de Leitura: a trajetória de seis leitores oriundos do meio rural**. 2012. 240 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2012.

NEUMANN, Rosane Marcia. Representações da colônia Neu-Württemberg nos kalender Rio-grandenses. In: XV Encontro Estadual de História – ANPUH/RS. História & Resistências. 2020, Passo Fundo. **Anais eletrônicos [...]**

OSWALD, Tamara. **Comunidades luteranas livres em São Lourenço do Sul (1886 – 1945)**. 2014. 118 f. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.

PIAGET, Jean. **Aprendizagem e Conhecimento**. IN: PIAGET, J. & Greco, P.: Aprendizagem e conhecimento. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1974.

PORTAL LUTERANOS. Disponível em: <https://www.luteranos.com.br/conteudo/rede-sinodal-de-educacao-2>. Acesso em: 09 nov. 2021

PORTELLI, Alessandro. **História oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

REDE Sinodal de Educação. Disponível em: www.redesinodal.com.br. Acesso em 22 de março de 2022.

REHFELDT, Mario L. **Um grão de mostarda: A História da Igreja Evangélica Luterana do Brasil**. v. 1. Porto Alegre: Concórdia, 2003.

RIETH, Ricardo Willy. **Dois modelos de igreja luterana: IECLB e IELB**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

RODRIGUES, Marilze Wischral. **Formação continuada de educadores cristãos: Vivendo a fé cristã no Culto Infantil**. 2007, 115 f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Instituto Ecumênico de Pós-Graduação Religião e Educação, São Leopoldo, 2007.

SALAMONI, Giancarla. A imigração alemã no Rio Grande do Sul - O caso da comunidade pomerana de Pelotas. **História em Revista**, Pelotas, v. 7, p. 25-42, dez. 2001.

SAMARA, Eni de Mesquita; TUPY, Ismênia Spínola Silveira Truzzi. **História & Documento e metodologia de pesquisa**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

SOUZA, José Edimar de. **Imigração e educação: possibilidades de ensino e aprendizagem na educação básica**. Porto Alegre: Editora Fi, 2018.

STEYER, Walter O. **A implantação do luteranismo confessional e as populações protestantes teutas**. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

STRECK, Gisela Isolda Waechter. **Ensino religioso com adolescentes em escolas confessionais luteranas da IECLB**. 2000. 338 f. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2000.

STRECK, Gisela Isolda Waechter. Panorama histórico das escolas comunitárias do Sínodo Rio-Grandense/IECLB e da Rede Sinodal de Educação. **Revista Educação do Cogeime**, [S.L], v. 25, n. 48, p. 63-73, jan./jun. 2016.

TEICHMANN, Eliseu. **Imigração e Igreja: As comunidades - Livres no Contexto da Estruturação do Luteranismo no Rio Grande do Sul**. 1996. Dissertação (Mestrado) - Instituto Ecumênico de Pós-graduação, São Leopoldo, 1996.

TESMANN, Mario Francisco. **Caderno de Teologia/Fatev. Breve história da IECLB**. 2013.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. **A difusão das idéias de Piaget no Brasil**. Casa do Psicólogo, 1996.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n. 44, p. 203-220, ago./dez. 2014.

VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

WALZBURGER, Ana Carolina. **Sínodo Riograndense completa 130 anos de fundação**. Disponível em: <<http://www.luteranos.com.br/conteudo/noticias/historia/sinodo-riograndense-completa-130-anos-de-fundacao>>. Acesso em: 10 abr. 2019

WARTH, Carlos H. **Crônicas da Igreja: Fatos históricos da Igreja Evangélica Luterana do Brasil (1900- 1974)**. Porto Alegre, Concórdia S. A. 1979.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **O Sínodo de Missouri e a educação pomerana em Pelotas e São Lourenço do Sul nas primeiras décadas do século XX: Identidade e cultura escolar.** 2007. 256 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2007.

WEIDUSCHADT, Patrícia. **A revista "O Pequeno Luterano" e a formação educativa religiosa luterana no contexto pomerano em Pelotas /RS (1931 - 1966).** 2012. 275 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, 2012.

Apêndices

Apêndice A – Roteiro de Entrevistas

Roteiro para entrevistar leitores/professores *O Amigo das Crianças*

Nome: _____

Idade: _____

Quanto tempo atuou na escola dominical como professor: _____

- 01) Qual a sua formação?
- 02) Sempre participou na mesma comunidade da IECLB?
- 03) Você atuava sozinho(a) em sala de aula?
- 04) Qual a faixa etária de seus alunos?
- 05) Você lia a revista *O Amigo das Crianças*?
- 06) A revista ajudava você a planejar suas aulas?
- 07) Você era assinante da revista?
- 08) O que você mais gostava na revista?
- 09) Você seguia o cronograma de atividades da revista?
- 10) Como a revista era utilizada por você em sala de aula?
- 11) Em média, quantos exemplares eram utilizados em aula?
- 12) Você lia a revista para os alunos durante a aula?
- 13) As crianças gostavam dos conteúdos da revista?
- 14) Qual parte da revista você utilizava?
- 15) Qual parte você não utilizava?

Apêndice B – TCLE Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS

Faculdade de Educação

Programa de Pós-Graduação em Educação



TCLE PARA REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA

O Amigo das Crianças: apropriação de leitores/professores de um impresso utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas-RS (1960-1990)

Marcio Nilander Ávila Barreto

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Patrícia Weiduschadt

Coorientadora: Prof^a. Dr^a. Vania Grim Thies

Pelotas, 2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Título da pesquisa: Apropriação de professores-leitores do impresso *O Amigo das Crianças* utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990)

Pesquisador responsável: Marcio Nilander Avila Barreto

Instituição/Departamento: Universidade Federal de Pelotas – Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação, R. Cel. Alberto Rosa, 154 - Centro, Pelotas /RS, 96010-770, telefone 32843200.

Local da coleta de dados: Centro de memória e pesquisa Hisales – História da Alfabetização, Leitura, Escrita e dos Livros Escolares, rua Alm. Barroso, 1202 - Centro, Pelotas /RS, 96010-770.

Local de realização das entrevistas: Todas as entrevistas foram realizadas na residência de cada um dos sujeitos participantes da pesquisa.

Eu Marcio Nilander Avila Barreto, responsável pela pesquisa Apropriação de professores-leitores do impresso *O Amigo das Crianças* utilizado nas escolas dominicais no contexto luterano em Pelotas/RS (1960-1990), que está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Pelotas, sob a orientação da Prof^a Dra Patrícia Weiduschadt e coorientação da Prof^a. Dra. Vania Grim Thies, a/o convido a participar deste estudo.

Esta pesquisa pretende analisar o processo de apropriação de professores das escolas dominicais que atuaram no intervalo 1960-1990 e que utilizaram o impresso *O Amigo das Crianças* no recorte temporal anteriormente destacado. Busca-se, igualmente, compreender o impresso influenciou e como se deram (ou não) as

diferenciações e aproximações (ou não) entre os professores entrevistados a partir de exemplos referentes às suas atuações em sala de aula na escola dominical.

No campo da História da Educação acredita-se que esta pesquisa poderá trazer contribuições acerca das relações estabelecidas entre leitores e suas leituras, à medida que este tema faz parte de grande número de pesquisas já realizadas e disponibilizadas em repositórios pertencentes aos mais variados meios acadêmicos. Neste sentido, essa investigação científica pretende contribuir visando a ampliação da discussão sobre a temática do processo de apropriação dos leitores.

A pesquisa pretende seguir os procedimentos previamente estabelecidos. São eles: a) analisar os exemplares do impresso, sendo estes as fontes documentais disponíveis por meio de doação realizada ao Centro de memória e pesquisa Hisales; b) realização de leituras de referenciais teóricos e de textos científicos que dialoguem com a temática aqui apresentada visando obter contribuição na compreensão e na futura análise dos dados que serão coletados; c) contato presencial com os entrevistados/professores das escolas dominicais por meio de entrevista que poderá ter seu áudio captado e sua posterior transcrição para que o conteúdo desta ação possa ser discutido e analisado.

Sua participação constará por meio de entrevista (s) e diálogo (s), em datas a combinar, de modo que não haja nenhum tipo de sobrecarga de horários. A entrevista será composta por algumas questões semiestruturadas que deverão oferecer suporte para a/o entrevistado mencionar informações sobre a proposta e projeto de confecção dos materiais, a elaboração e as práticas que envolvem o conjunto de fontes.

Rubrica participante _____

Rubrica pesquisador

APROPRIAÇÃO DE PROFESSORES-LEITORES DO IMPRESSO *O Amigo das Crianças* UTILIZADO NAS ESCOLAS DOMINICAIS NO CONTEXTO LUTERANO EM PELOTAS/RS (1960-1990)

produção e da utilização dos materiais que não poderiam ser interpretados apenas pela materialidade das fontes.

Acredita-se que esta pesquisa possa apresentar aos participantes um grau de risco que pode ser considerado mínimo. Ainda assim, percebe-se que nesse tipo de abordagem onde os participantes rememoram situações, relembram ações realizadas em um passado distante ou não, podem ocorrer desconfortos emocionais, por conta da reativação de memórias, o que pode gerar alguma angústia, silenciamento do entrevistado, cansaço entre outras manifestações.

Quanto a esse cenário o pesquisador deve estar atento para que, ao perceber, por parte do entrevistado a ocorrência do surgimento de algum desses indicativos proceda com a imediata interrupção da entrevista, adiamento ou encerramento da atividade, conforme desejo da pessoa que está sendo entrevistada.

Em contrapartida os benefícios que a pesquisa pode ofertar aos participantes entrevistados podem estar ligados as suas memórias enquanto professores atuantes em sala de aula. A oportunidade de explanar sobre como se davam as suas práticas pedagógicas deve oportunizar a lembrança de fatos relevantes e que causaram impacto positivo ao histórico dos professores.

Todos os participantes da pesquisa estarão isentos de qualquer custo financeiro. As despesas para a realização das entrevistas ficarão a cargo do pesquisador que deverá arcar com qualquer valor que porventura surja ou seja necessário para obtenção de êxito no desenvolvimento desta etapa.

Durante todo o período da pesquisa você terá a possibilidade de tirar qualquer dúvida ou pedir qualquer outro esclarecimento. Para isso, entre em contato com o pesquisador, pelo número de telefone (XXX) ou pelo e-mail intergi11@gmail.com.

Você tem garantida a possibilidade de não aceitar participar ou de retirar sua permissão a qualquer momento, sem nenhum tipo de prejuízo pela sua decisão.

Rubrica participante _____ Rubrica pesquisador

APROPRIAÇÃO DE PROFESSORES-LEITORES DO IMPRESSO *O Amigo das Crianças* UTILIZADO NAS ESCOLAS DOMINICAIS NO CONTEXTO LUTERANO EM PELOTAS/RS (1960-1990)

As informações desta pesquisa serão confidenciais e poderão ser divulgadas, apenas em eventos e/ou publicações científicas. De acordo com o exposto, você autoriza a utilização de seu nome próprio e imagem ou exige que se mantenha o anonimato sendo, neste caso, adotado um pseudônimo?

() Sim, autorizo a divulgação de meu nome próprio e de minha imagem nos resultados da pesquisa.

() Não autoriza a divulgação de meu nome próprio e imagem nos resultados da pesquisa.

Os gastos gerados para e com a sua participação na pesquisa serão assumidos pelo pesquisador.

Rubrica participante _____ Rubrica pesquisador

APROPRIAÇÃO DE PROFESSORES-LEITORES DO IMPRESSO *O Amigo das Crianças* UTILIZADO NAS ESCOLAS DOMINICAIS NO CONTEXTO LUTERANO EM PELOTAS/RS (1960-1990)

Autorização

Eu, _____, inscrito sob o número de CPF _____, após a leitura ou a escuta da leitura deste documento e ter tido a oportunidade de conversar com o pesquisador responsável, para esclarecer todas as minhas dúvidas, estou suficientemente informado/a, ficando claro que minha participação é voluntária e que posso retirar este consentimento a qualquer momento sem penalidades ou perda de qualquer benefício. Estou ciente também dos objetivos da pesquisa, dos procedimentos aos quais serei submetido/a, dos possíveis danos ou riscos deles provenientes e da garantia de confidencialidade. Diante do exposto e de espontânea vontade, expresso minha concordância em participar deste estudo e assino este termo em duas vias, uma das quais foi-me entregue.

Assinatura do voluntário

Assinatura do responsável pela obtenção do TCLE

Pelotas, ____ de _____ de 2023.

Rubrica participante _____

Rubrica pesquisador _____

APROPRIAÇÃO DE PROFESSORES-LEITORES DO IMPRESSO O
Amigo das Crianças UTILIZADO NAS ESCOLAS DOMINICAIS NO CONTEXTO
LUTERANO EM PELOTAS/RS (1960-1990)